

A whimsical illustration of a woman with long brown hair, wearing an orange shirt and white shorts, swinging happily on a large swing. The swing's seat is a thick, open book with a red cover and white pages. The swing is suspended by two ropes. In the background, a man in a pink shirt and blue pants is walking towards the left, carrying a green bag. The overall scene is set against a light green and yellow background.

Prazer em Ler

VOLUME 2

Registros esparsos da emoção
do caminhante nas lidas com a
mediação da leitura





Prazer em Ler

Registros esparsos da
emoção do caminhante
nas lidas com a mediação
da leitura.

O futuro é agora



É com satisfação que fazemos chegar a vocês esta publicação, que dá suporte ao segundo ano de implementação do programa Prazer em Ler de promoção da leitura.

O programa Prazer em Ler é uma iniciativa do Instituto C&A concebida em linha com um valor inconteste para nós: o de que a leitura é um direito fundamental à construção do sujeito cidadão e a principal via de acesso ao conhecimento e à cultura.

O objetivo do programa Prazer em Ler é promover a formação de leitores e desenvolver o gosto pela leitura, por meio de ações continuadas e sustentáveis e de articulações com distintos agentes envolvidos com a leitura no Brasil.

Na prática, o Prazer em Ler adota como estratégias centrais o apoio ao desenvolvimento de projetos de leitura em diferentes espaços institucionais (ONGs, escolas, bibliotecas, entre outros), a disseminação à sociedade da importância da leitura, a propagação de boas práticas na área e a articulação com atores que trabalham ou têm potencial para trabalhar pela promoção da leitura.

A ênfase do programa em seu ano inaugural, 2006, foi o apoio ao desenvolvimento de projetos de leitura, combinando a formação de mediadores de leitura, a adequação de espaços de leitura e a constituição dos acervos. O desenho dessas concepções contou com o suporte do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), parceiro técnico do Instituto C&A também na elaboração desta publicação.

Findo o primeiro ano do programa, impossível não fazer um balanço. A tradução em números das diversas realizações revela o seguinte quadro:

- ▶ Em 2006, 64 instituições sem fins lucrativos dedicadas à educação de crianças e adolescentes atuaram como parceiras do Instituto C&A na implementação do programa Prazer em Ler. Com imensa disponibilidade, tais organizações se abriram para as diretrizes e os apontamentos do programa e os inseriram de maneira ativa em suas rotinas, enriquecendo-os com descobertas cotidianas. Externamos a elas o nosso muito obrigado por viabilizarem que as boas sementes do Prazer em Ler pudessem frutificar.
- ▶ Educadores de cada uma das instituições integrantes do programa participaram de uma formação continuada em mediação da leitura promovida pelo Instituto C&A. Eles se ocuparam de ecoar e aprimorar os conhecimentos ali adquiridos junto aos seus pares, alimentando uma rede de perto de 800 educadores.
- ▶ As 64 instituições participantes do programa receberam um acervo médio de 400 livros e remodelaram — ou constituíram, em alguns casos — espaços de leitura convidativos a essa prática.
- ▶ Entre crianças, adolescentes e jovens, que são o público privilegiado para usufruto dos espaços, acervos e práticas de leitura instituídos, contabilizamos cerca de 19,3 mil pessoas.

De que forma interpretamos tudo isso? Como um começo bastante inspirador. A promoção da leitura sempre foi uma linha de trabalho fomentada pelo Instituto C&A, mas adicionar a ela a intencionalidade de um programa dedicado, planejado, monitorado e avaliado deu outro peso à ação. Saímos do campo das aspirações por um país de leitores e partimos para a realização do sonho, a prática em si, aqui e agora.

Os planos do Instituto C&A para 2007 são ambiciosos. A formação em mediação da leitura se intensifica entre os parceiros de 2006, algumas novas instituições ingressam nessa nossa “nau” da leitura e o programa Prazer em Ler tende a ganhar uma dimensão mais pública — difundindo a importância da leitura, multiplicando know-how em mediação, buscando sinergias e engrossando o coro com outros atores do setor público e do setor privado.

Viagem longa, perfazendo um trecho de cada vez, vamos aos poucos chegando lá. Temos a convicção de que se trata de uma rota segura para o cumprimento da nossa missão de promover a educação de crianças e adolescentes, por meio do apoio a organizações sociais voltadas a esse fim. E, indiscutivelmente, contamos com a boa companhia dos livros a também nos animar.

Paulo Castro

Instituto C&A
Fevereiro de 2007



An artistic illustration on a warm, orange-toned background. A woman with dark hair, wearing a brown top and white shorts, is swinging joyfully on a large, open book that serves as the seat of a swing. The book is dark brown with white pages. Two long, thin poles support the swing. Below, a man in a blue shirt and light pants is running towards the right, with his hands clasped in front of him. A shadow of the man is cast on the ground to his left. The overall style is whimsical and hand-drawn.

Prazer em Ler

Registros esparsos da
emoção do caminhante
nas lidas com a mediação
da leitura.

Expediente

Esta publicação é uma iniciativa do programa Prazer em Ler, do Instituto C&A, e realizada em parceria técnica com o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec).



Diretor Presidente
Paulo Castro

Coordenadora do Programa
Áurea Maria Alencar Rodrigues de Oliveira

Assessora de Educação
Alaís Ribeiro Ávila

Coordenadores de projetos
Alaís Ribeiro Ávila
Áurea Maria Alencar Rodrigues de Oliveira
Cristiane Felix dos Santos
Fernando Manzleri Heder

Assistentes do Setor Administrativo
Kátia Ramos
Solange Martins



Diretora Presidente
Maria Alice Setúbal

Coordenadora geral
Maria do Carmo Brant de Carvalho

Coordenadora da área de Educação e Comunidade
Maria Júlia Azevedo Correa

Coordenadora do projeto
Alice Davanço Quadrado

Da obra

Concepção e organização
Edson Gabriel Garcia

Autoria
Adilson Citelli
Alaís Ribeiro Ávila
Alfredina Nery
Amir Piedade
Andréa Patapoff Dal Coletto
Anna Helena Altenfelder
Antonio Gil Neto
Cláudia Santa Rosa
Cristina Pereira
Dileta Delmanto
Edmir Perroti
Edson Gabriel Garcia
Eloísa Galesso
Fanny Abramovich
Heloísa Amaral
Isabella Massa de Campos
Isis Moura Tavares
Jorge Miguel Marinho
Luiz Antonio Aguiar
Maria Cristina S. Zelmanovits
Maria Evany Nascimento
Odonir Araújo de Oliveira
Paulo Gonçalves dos Santos

Projeto gráfico e editoração
Gisele Tanaka e
Norberto Gaudêncio Junior
Studio 113

Revisão
Alfredo Iamauti

Ilustrações
Cris Eich

Tiragem
5 mil exemplares
Fevereiro de 2007

Sumário

Introdução

12

Primeira Parte

Mediação da leitura

14

Segunda Parte

Arquitetura das instâncias e ações mediadoras

38

Terceira Parte

Sobre ler e escrever e suas múltiplas relações

64

Quarta Parte

O mediador de leitura

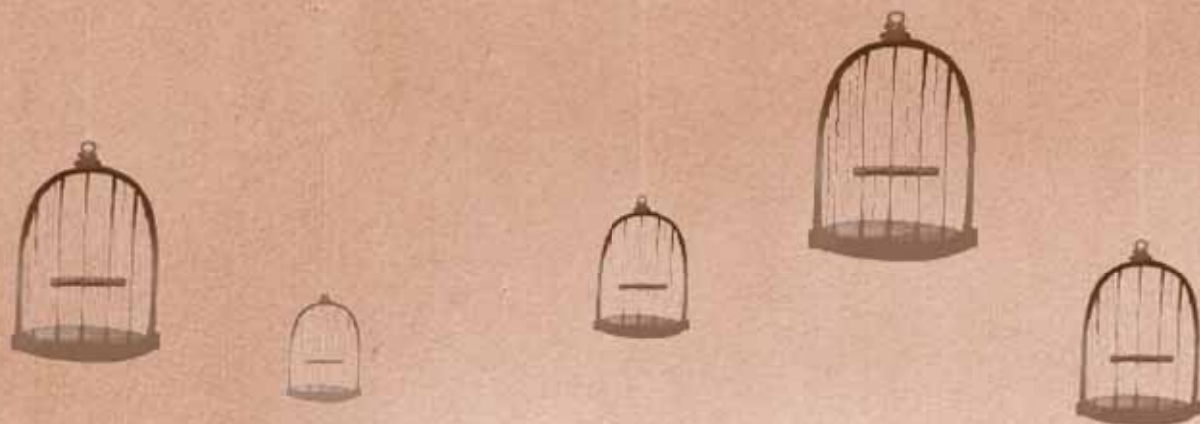
92

Conclusão

112

Introdução

Em não mais do que dois dedos de prosa



O material escrito que o leitor, participante direto ou não do programa Prazer em Ler, agora recebe é a continuação da escuta e da fala de pensadores, escritores, educadores e agentes culturais e sociais sobre aspectos envolvidos na questão da leitura.

Quando publicamos o primeiro volume sob o título “Prazer em Ler: um roteiro prático-poético para introduzir qualquer um e quem quiser nas artes e artimanhas das gostosices da leitura”, lançando as principais bases de assentamento do programa, falávamos da importância do tripé espaço, acervo e educador/mediador na sustentação de um bom trabalho.

Nessa perspectiva, esta nova publicação, de apoio aos educadores/mediadores do programa Prazer em Ler, avança e traz, para nossa leitura, ampliação da conversa, discussão e encaminhamento de práticas, algumas noções básicas sobre a mediação, o mediador e as relações entre o ler e o escrever. Se, de um lado, temos a compreensão de que não estamos inventando a roda em matéria de proposição de programas de leitura, de outro lado, trabalhamos com o intento de organizar algumas idéias disponíveis no efervescente universo das reflexões e dar-lhes uma apresentação mais provocativa.

Esta publicação compreende quatro partes. Na primeira, um texto-base discute a contribuição da psicologia sócio-histórica para a formação do lei-



tor. Na segunda parte, discute-se uma proposta de descrição das instâncias e ações mediadoras de leitura. A terceira parte abre espaços para depoimentos, em forma de histórias pessoais e entrevistas, um mapeamento de possíveis relações entre a leitura e a escrita. Na quarta e última parte, o texto-base sugere elementos para compor a identidade do mediador de leitura. Em todas as partes há outros textos, diferentes na origem e no formato, que podem complementar as informações propostas nos textos-base, fechando ou abrindo a significação, ampliando o foco do entendimento ou chamando a atenção para algum aspecto mais importante.

Como ocorreu no primeiro livro, a abordagem não é exaustiva. É apenas provocativa. Abre, de forma sistemática, particularmente nos Encontros de Formação, a reflexão sobre nossa condição de membros de um programa de formação de leitores e desenvolvimento do gosto pela leitura.

Complementada por outros textos, materiais e práticas, a questão da mediação e do mediador merecerá, a partir deste livro, o olhar atento e necessário para nosso envolvimento e melhoria contínua da qualidade do trabalho, por si só muito gostoso, com a leitura.

A chave de leitura é a mesma: uma leitura que abre outra leitura, que abre mais uma leitura, que abre outra leitura, que...

PRIMEIRA PARTE

Mediação da leitura

Onde nos ocuparemos em entender que a mediação da leitura é um processo de relações qualitativamente melhores que se estabelece entre as pessoas.





A mediação da leitura à luz da concepção de aprendizado socialmente elaborado

Dileta Delmanto

(Autora de livros didáticos, mestre em Língua Portuguesa e pesquisadora do Cenpec)

“As árvores e as crianças buscam o que é mais alto que elas” (Holderin)

Segundo a psicologia sócio-histórica, que tem como fundamento a teoria de L.S. Vygotsky, o homem se constitui como homem a partir das relações que estabelece com os outros. Para o pensador russo, desde o nascimento, somos parte de um processo que, dialeticamente, age sobre nós, mas também permite que participemos da construção de nossa própria história¹, a qual, por sua vez, caminha integrada com outras histórias que com ela se cruzam. O indivíduo não nasce pronto nem é mera reprodução do ambiente externo²: o desenvolvimento é fruto da ação das experiências vividas, mas o jeito de cada um apreender o mundo é individual. Por sua vez, desenvolvimento e aprendizado estão intimamente ligados – a criança só se desenvolve quando aprende: apesar de ter condições biológicas de falar, só falará se estiver em contato com uma comunidade de falantes.

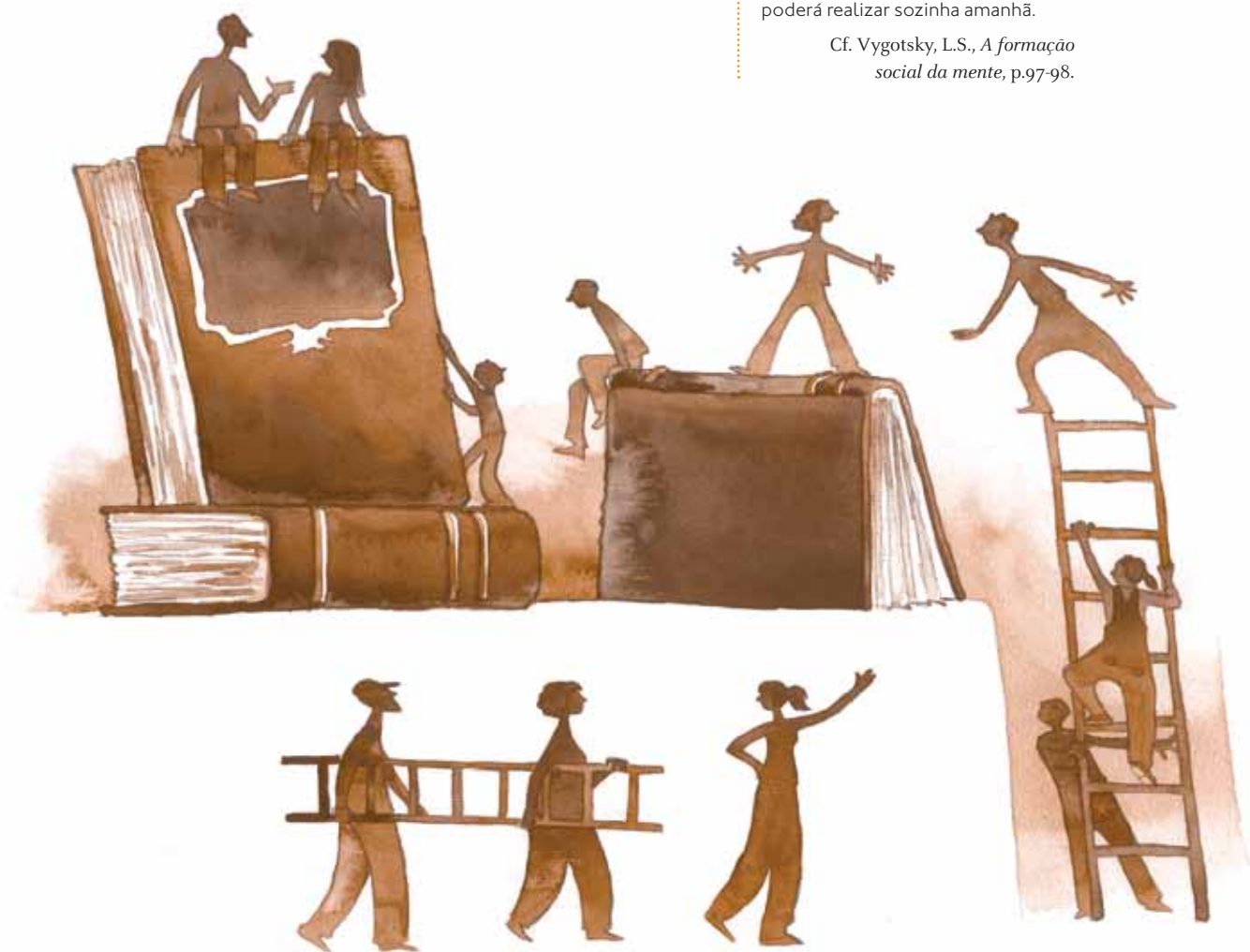
Essa ênfase no papel das interações sociais permite pensar um ser humano em constante construção e transformação, que confere significados para a vida por meio da vivência com o outro e da apropriação dos conhecimentos acumulado pela humanidade. Por isso, a interação entre membros mais experientes com outros menos experientes é parte essencial da concepção vygotskiana de aprendizado socialmente elaborado, segundo a qual é ao longo da interação entre crianças e adultos que os jovens aprendizes se desenvolvem e avançam na solução dos problemas que se lhes apresentam.

Tais idéias inspiraram e continuam a inspirar diferentes tentativas de renovação de práticas educacionais, que vão desde a busca por contextos mais significativos de aprendizagem até a elaboração de propostas didáticas que

ênfatisam a importância da interação na construção do conhecimento. Fornecem ainda, principalmente a partir do conceito de **zona de desenvolvimento proximal**, importantes subsídios para que se reflita a respeito do papel do mediador, sobre o lugar do aprendiz no processo de construção do conhecimento e sobre critérios de seleção de atividades (ou seqüências de conteúdos) em que crianças e adolescentes começam sob orientação e guia de outros e, paulatinamente, consigam autonomia na resolução de situações-problema.

Zona de desenvolvimento proximal (ZDP): expressão utilizada por Vygotsky para esclarecer como se estruturam a aprendizagem e a interação do ponto de vista da construção do conhecimento. Representa a distância entre o nível de desenvolvimento real – o saber que já foi adquirido pelo aprendiz – e um nível mais elevado (desenvolvimento potencial) que ele é capaz de alcançar com a ajuda de alguém (um adulto ou de colegas que já dominem o assunto). É um domínio em constante transformação: o que a criança consegue fazer com a ajuda de alguém hoje poderá realizar sozinha amanhã.

Cf. Vygotsky, L.S., *A formação social da mente*, p.97-98.



Contribuições dessa teoria para pensar um projeto de formação do leitor

Se considerarmos que pensar um projeto de formação do leitor significa pensá-lo não como mera reafirmação de um estado atual, mas como um processo direcionado à conquista da autonomia; se concordarmos que o objetivo maior de um programa como esse deva ser a formação de um sujeito leitor que consiga realizar uma síntese individual constituída com e pelas leituras que realiza, ao mesmo tempo em que atua na constituição de outros leitores que, por sua vez, também agem sobre ele, estaremos reconhecendo a importância de refletir sobre o que nos diz Vygotsky a respeito da ZDP. Isso porque, em um projeto como esse, merecem destaque o papel do mediador, a seleção de atividades e leituras que o leitor possa realizar sob orientação, a colaboração dos colegas, o lugar do planejamento de atividades sequenciais e não espontâneas, a necessidade de levar em conta não só as vivências dos leitores mas também o direito de aprender a conhecer e de formular necessidades diferentes das imediatas.

A importância da mediação



Todo contato humano se dá por meio de uma leitura, em seu sentido mais amplo: lêem-se as histórias que possuem aquela criança, as histórias que ela deseja possuir, as histórias que tocam as da criança, e, se esse momento for tratado com cuidado e carinho, nascerá toda uma nova família de histórias, uma rede delicada cuja beleza poderá gerar fios que se entrelaçam infinitamente.

Heloísa Prieto

Mediação é um conceito central na concepção vygotskiana do desenvolvimento humano como um processo sócio-histórico: é na troca com o outro que o sujeito se constitui como tal e constrói conhecimentos. Trata-se de um processo que caminha do social – relações interpessoais – para o individual – relações intrapessoais. Daí a importância da atuação dos membros do gru-

O aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte do desenvolvimento independente da criança.

Vygotsky, L.S., *A formação social da mente*, p.101.



po social na mediação entre cultura e indivíduo. Daí também a relevância que Vygotsky atribui à escola – lugar onde a intervenção pedagógica desencadeia o processo de ensino-aprendizagem que gera o desenvolvimento do aprendiz – e ao professor, que, como condutor do processo, ajuda a criança a concretizar um desenvolvimento que ela ainda não atinge sozinha.

Essa tarefa pode e deve ser exercida não só pelo professor mas também por um adulto leitor mais experiente, um orientador de leitura, um familiar, um amigo, um bibliotecário, um livreiro ou colegas mais capazes, que “puxem” o aluno, que o façam avançar. Se pensarmos no caso específico da leitura, sabemos que não basta colocar as pessoas em contato com materiais escritos, embora essa seja a primeira condição. É preciso incentivá-las a fazer descobertas e ajudá-las a realizar escolhas, a compreender textos mais complexos, a conseguir avanços na formação do gosto.

O comportamento de leitor mais experiente do mediador poderá ajudar os novos leitores a se interessarem pelo imenso patrimônio cultural que, acumulado por tantas gerações, continua sendo tão desigualmente distribuído, mesmo pelas instituições que deveriam propagar a arte e a cultura. Atuando como guia, apoiador, incentivador, poderá aumentar o repertório dos aprendizes, facilitar a aprendizagem, gerar condições e ambiente para o estabelecimento de articulação entre informações, mostrar que o ato de ler e escrever é um modo de relacionar a vida de cada um com a realidade na qual se vive. Por meio dele, o jovem leitor poderá ainda descobrir que a escrita que está nos livros é um jogo instigante e a leitura uma fonte inesgo-

Como todo vício, viver a leitura também exige iniciação. Algum “viciado” apresenta ao neófito algo que vai ser extraordinário, uma coisa que causa um prazer indescritível, a introdução em um mundo onde a realidade se torna compreensível e o indivíduo é senhor dos seus desejos e sonhos se aprender a se entregar e a usufruir o instante mágico. Em suma, “beba-me” ou “coma-me” como aconteceu com Alice no País das Maravilhas.

Sonia Rodrigues, *Leio, logo vivo*, disponível em www.leiabrasil.org.br

tável de prazer e de conhecimento que permite transformar nossa visão do mundo, reavaliar nossos sentimentos e emoções, encontrar respostas para nossos conflitos, conhecer novos mundos sem sair do lugar, viajar no tempo, conhecer culturas e civilizações diferentes das nossas e livros que nos levam a tantos novos livros...

O lugar do prazer e da sedução

Não quero faca nem queijo. Quero é fome.

Adélia Prado

- ❖ Falando sobre a importância do brinquedo no desenvolvimento da criança, Vygotsky diz que o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal, pois nele “a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade”³. Consideramos que o mesmo vale para a leitura: ouvindo e lendo histórias, a criança viaja para cantos da imaginação ou do pensamento jamais visitados, alcançando horizontes muito além dos seus, fazendo descobertas que podem levá-la sempre mais e mais além.

A possibilidade de permitir que o leitor descubra esse poder que vem dos livros deve ser interpretada pelo mediador como um desafio constante, pois formar bons leitores significa, antes de mais nada, encantar, seduzir, despertar a vontade de mergulhar em muitos “mares de histórias”, de conhecer muitas outras portas de entrada para o mundo das letras e dos livros que levem ao autoconhecimento e a uma dimensão do outro que até então se desconhecia.

E para que, um dia, esse leitor consiga, pela de experiência de fazer suas próprias viagens, descobrir seus próprios caminhos de leitura, é necessário que primeiro se deixe embalar pelo convite das vozes dos mediadores e de outros companheiros que apregoam o direito de tatear até que se seja capaz de tecer a própria rede de “fios que se entrelaçam infinitamente”.

A literatura infantil pode ser um elemento facilitador na recuperação ou no desenvolvimento do prazer de ler. O prazer em ler pode vir principalmente quando sentimos que estamos desvendando um segredo. Ao descobrirmos um dos fios, entre os muitos presentes, não resistimos à vontade de entrar no jogo e brincar. Daí, o fio cheio de nós e emendas que envolve nosso corpo, nossa mente, nossa alma. Ficamos presos na teia. Somos seduzidos... Não queremos mais sair dela.

Amélia Fernandes Cândido, *Mais além...*, disponível em www.dobrasdaleitura.com

Começar cedo

Depois de ressaltar que o mais importante aspecto novo de sua teoria é o amplo papel que ela atribui ao aprendizado no desenvolvimento da criança, Vygotsky afirma que o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola, pois “qualquer situação de aprendizado com o qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia”⁴. Seu objetivo com essa distinção era diferenciar o aprendizado pré-escolar (espontâneo) do escolar, que, além de sistematizado, caracteriza-se pela possibilidade de propiciar acesso não só ao que já foi atingido pelo desenvolvimento como também àquilo que está em processo de maturação.

Reconhecer o papel dessa “história prévia” também nos remete à importância da mediação da leitura que, antes do sono, nos momentos de aconchego, nas casas das avós e das tias, dá aos livros o poder de juntar pessoas numa trama de afeto que incentiva a relação criança-livro de maneira lúdica, enfatizando o espaço do encantamento e do direito ao prazer. A leitura partilhada entre o adulto e a criança, no seio da família, em sala de aula, nos diversos espaços destinados à promoção dessa prática, cria um clima de afeto e cumplicidade, constituindo uma experiência agradável que marcará de forma positiva a memória do leitor, como o demonstram as palavras de Ana Maria Machado no quadro abaixo ou o trecho de um emocionante depoimento do escritor Bartolomeu Campos Queirós⁵ que reproduzimos a seguir:

O melhor era quando ela nos mandava guardar os objetos (...), continuava mais um pedaço da história. Parecia com a Sant'Ana da capela com o livro no colo. Eu não acreditava que podia existir outro céu além da nossa sala de aula. Ficava intrigado como num livro tão pequeno cabia tanta história, tanta viagem, tanto encanto. O mundo ficava maior e minha vontade era não morrer nunca para conhecer o mundo inteiro e saber muito, como a professora sabia. O livro me abria caminhos, me ensinava a escolher o destino. Eu pedia o livro emprestado, depois que Dona Maria terminava. Levava para casa, e brincava de escola com meus irmãos menores. Assentava com o livro, com pose de professor, e lia para eles. Era difícil guardar tanta beleza só para mim.

As histórias que a mãe e o pai contavam, pondo a gente no colo, sentando do lado na rede ou na beirada da cama. Quem contava aquelas coisas tão maravilhosas, daquela maneira tão carinhosa, só podia gostar da gente... E as histórias ensinavam tanto... Traziam a certeza da esperança, garantiam a vitória do mais fraco, aplacavam as angústias difusas, davam forma às bruxas fora da gente...

Ana Maria Machado

É sempre tempo...

- ❖ E quando não há uma avó, um pai, mãe ou tia para realizar esse primeiro contato da criança com o mundo da fantasia? Será que ela estará fadada a se tornar para sempre alguém que não gosta de ler? Como fazer em um país como o nosso, onde tão poucas crianças têm contato com adultos que gostam de ler, falam de livros e recomendam leituras?

Voltemos a Vygotsky, à sua concepção de ser humano em constante construção e transformação e ao grande valor que dá ao processo de interação e às intervenções pedagógicas do mediador e de outras pessoas do grupo social. Se não há necessidade de esperar que a criança esteja “pronta” para aprender, é sempre tempo de criar novas possibilidades de desenvolvimento. E, como o desenvolvimento não depende apenas da maturação, o mediador tem o papel explícito de interferir no processo, de provocar avanços nos alunos, e isso se torna possível com sua interferência na ZDP.

Como ainda não somos uma sociedade leitora, não podemos esperar que o exemplo venha de casa. Ou acabaremos condenando as futuras gerações a também não ler... (É preciso) quebrar esse ciclo vicioso, criando em seu espaço um ambiente leitor.

Ana Maria Machado, *Nova Escola*, Setembro de 2001.



Se a criança não teve oportunidade de vivenciar a leitura na família, é necessário que o seja em outros espaços educativos que lhe permitam ler pelo gosto de ler, sem cobrança maior que a de deixar a imaginação correr solta para criar outros mundos. Então contadores de histórias, professores ou outros leitores mais experientes são necessários para estabelecer elos entre a criança e o livro, procurando, por meio de uma história bem contada, motivar o aluno a pedir o livro e/ou outros assemelhados para ler. O mediador preocupado com a promoção da leitura pode, então, oferecer às crianças e jovens livros dos mais variados gêneros e autores, gibis, jornais e revistas, de forma a possibilitar-lhes a ampliação do repertório enquanto leitores.

Outra consequência de levar em conta o conceito de ZDP e a concepção de que o desenvolvimento se produz não só por soma de experiências mas também pela vivência das diferenças é a possibilidade de envolver leitores mais e menos experientes em um mesmo projeto de leitura, propondo atividades em que se mesclam crianças e jovens com diversos níveis de aprendizagem e de intimidade com o texto escrito para que cada um desenvolva, com a colaboração do outro, diferentes maneiras de pensar e trabalhar.



ver.
be.
te.
...QUASE
DEFINITIVO

Mediação

Nos primórdios da humanidade, a tradição oral foi a única possibilidade dos seres humanos de preservar os seus bens culturais, cabendo à figura do narrador, ou seja, aquele que detinha o conhecimento da tradição, transmitir a história de seus ancestrais, os seus feitos, as suas conquistas. Na maioria das vezes, em volta de uma fogueira, o narrador era a pessoa mais importante entre as demais, era o ancião mais sábio porque detinha o poder de saber sobre a história de seu povo: ele era a “passagem”, a intermediação entre feitos e ações lidos com os seus olhos ou mesmo ouvidos de seus antepassados.

Foi necessário que um longo período na história da humanidade se passasse para que um dos maiores bens culturais inventado pelo homem surgisse, nele contendo o que na fala do narrador ancestral se tornara matéria pulsante no espírito daqueles que o ouviam sentados na grande roda. O livro foi o “medium” que trouxe a matéria viva da cultura para o homem dos tempos modernos. Uma matéria que nos chega em letras, palavras, frases e períodos, de forma a plasmar um texto, uma história que nos comove e nos dá sabedoria. Uma matéria que nos chega pelas mãos do outro, ou melhor, mediado pelo outro.

A mediação permite, pois, a realização de nosso desejo e/ou de nossa necessidade, estando presente em todos os atos significativos de nossa existência. Poderíamos afirmar que sem mediação não haveria vida social.

No que toca ao nosso tema, mediar a leitura é criar esta ponte entre o sujeito, um possível leitor, e o livro. É poder construir com o sujeito os caminhos para a superação, de forma lenta e gradual, de suas necessidades de saber e compreender o mundo. É estar com ele, lendo o mundo, a partir do livro. O mediador é como o narrador ancestral que sempre tem uma história para contar sobre um livro, uma cena que leu, uma poesia que o emociona, uma história de amor que o move para viver a sua própria história. E do outro lado há quem o escuta e o observa, podendo ou não trilhar caminhos de aproximação.

Alaís R. Ávila, professora e coordenadora de projetos do Instituto C&A



Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor

Insisto que ler é verbo transitivo e, portanto, não se pode avaliar a leitura sem discutir os conteúdos veiculados pelo texto lido”

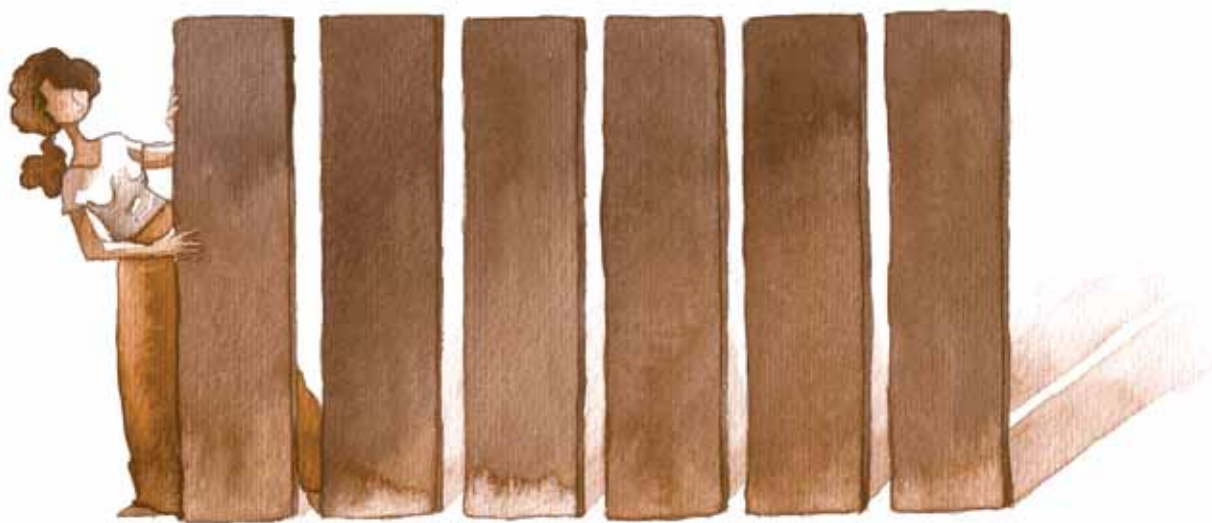
Percival Leme Britto

Muito se tem falado sobre o prazer de ler, apresentando-se ao não-leitor a leitura como algo relacionado à distração, aos momentos de lazer e como algo mágico capaz de abrir todas as portas. No entanto, se não tivermos bem claro o que entendemos por prazer, corremos o risco de ficar presos a uma descrição bastante idealizada do papel da literatura em geral.

Chamamos prazer ao ato de ler sem nenhuma imposição? Prazer é algo que não causa dor ou aborrecimento? É sinônimo de preenchimento do tempo livre? É algo desvinculado da necessidade, do esforço? Trabalho e prazer se opõem de maneira excludente? A superação dessa dicotomia depende da resposta que se der a duas outras questões:

(...) O prazer da leitura resulta de uma postura ou atitude do leitor perante os diferentes tipos de discurso que circunscrevem e dinamizam o mundo da escrita e não somente (e necessariamente) de sua interação com o texto artístico e literário. Daí a necessidade de relativizarmos a dicotomia lazer/obrigação para não produzirmos a ideologia do bem e do mal, ou seja, que o lazer é relaxante e faz bem; que a obrigação é estafante e faz mal.

Ezequiel Theodoro da Silva, *A criança e a leitura: da obrigação ao lazer*.
Leitura: teoria & prática, nº 13.





a. O prazer é uma condição ou um efeito?

Se “a leitura deve ser uma experiência de felicidade”, como afirma Rubem Alves, deve ser também entendida como um trabalho, um exercício que, como muitas outras coisas boas da vida, exige esforço. A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, acumulação de experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à idéia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode existir associado à realização. Em relação à literatura, “se se deseja chegar à fruição literária, não basta jamais desejar simplesmente consumir confortavelmente e com pouco custo o resultado de uma produção artística; é necessário assumir sua parte na própria produção, ser em si mesmo um certo grau de produção... Mesmo comer é um trabalho: é preciso cortar a carne, levá-la à boca, mastigar. Não há razão para que o prazer estético se obtenha com menos esforço”. (Bertolt Brecht)⁶

É importante ainda recordar que a literatura de ficção, como outras tantas obras informativas, pode ser também uma forma de adquirir conhecimento e de pensar sobre a vida. Por meio de uma história “inventada”, é possível refletir a respeito de muitos assuntos relevantes como a mortalidade, a sexualidade, o sentido da existência, a pluralidade de visões de mundo, a relatividade dos valores, o espaço do indivíduo na sociedade, as utopias individuais e coletivas, a busca da identidade, etc.⁷

O ensino tem de ser organizado de forma que a leitura e a escrita se tornem necessárias às crianças, sejam algo de que elas necessitem... a escrita deve ser “relevante à vida”.

Vygotsky, L.S., *A formação social da mente*, p.133.

Anotações Avulsas

(ENCONTRADAS EM UMA LONGA, PERTINENTE E FELIZ REFLEXÃO SOBRE AS QUESTÕES DE FORMULAÇÃO DE UMA POLÍTICA NACIONAL PARA A LEITURA)

Assim, entre os fatores decisivos para a criação de uma nação justa, rica e culta – a democracia moderna, igualitária e meritocrática que desejamos construir –, encontra-se a capacitação do povo para uso da informação escrita. Isto é, a familiaridade da população com o livro, o jornal, a revista e o computador – os quatro instrumentos básicos da sociedade da informação.

Nesse novo tipo de sociedade – ao qual já pertencem os países desenvolvidos – a mercadoria mais valiosa é a informação. Mercadoria essa que não deve ser confundida com os cabos, satélites, transmissores e receptores, pelos quais ela (em parte) circula. Estes são apenas o novíssimo hardware eletrônico das sociedades da informação. A informação é tudo aquilo que flui através deste hardware e, também, através das bibliotecas, bancas de jornal, livrarias, salas de aula e dos correios. A informação é o conjunto das idéias, noções, juízos, argumentos, conhecimentos, pesquisas, debates, sínteses, análises e saberes – que só podem ser criados, consolidados e transmitidos através das palavras fixadas na escrita. E a informação fixada na escrita encontra-se em livros, revistas, jornais e computadores. [...]

No Brasil, a capacidade de usar a informação escrita em benefício próprio, das famílias, das empresas e da nação encontra-se restrita às poucas elites letradas. A grande maioria do povo não tem acesso aos benefícios profissionais, sociais, políticos, econômicos e de lazer inteligente que apenas a familiaridade com a leitura pode proporcionar.

Ampliar continuamente o número de leitores entre o povo tornou-se, pois, uma das necessidades fundamentais de nossa sociedade: a capacitação para o uso da informação escrita é um dos fatores básicos para seu progresso econômico, para seu destino político e para erradicar nossa vergonhosa distribuição de renda.

Ottaviano De Fiore, *Por Uma Política Nacional de Leitura*,
impresso avulso, distribuído em encontro do PROLER, São Paulo, 2002

b. Os livros indicados aos alunos devem basear-se no gosto de cada um?

Um projeto de leitura precisa partir do gosto e das vivências de cada leitor. Deve levar em conta a história pessoal e a história de leitura de cada um, considerando tanto as leituras da realidade como os limites impostos pelo mundo concretamente vivido por elas. Essa “bagagem” de experiência cultural e social constitui um rico acervo que pode e deve servir como ponto de partida para despertar interesse por novas experiências e novos horizontes de conhecimento.

Não se pode, no entanto, ficar restrito à esfera do que já se conhece: é preciso que, com a orientação do mediador e com a colaboração de companheiros mais experientes, as crianças e os jovens sejam apresentados a um repertório desconhecido ao qual não teriam acesso sozinhos.⁸ A diversidade de textos, a forma utilizada para apresentá-los e a paixão do mediador permitem a crescente autonomia do leitor, em virtude do conhecimento de opções e da desautomatização do modelo padronizado a que muitas vezes o leitor está acostumado.

ver.
be.
te.
...NECESSÁRIO

Leitor autônomo

O leitor autônomo é aquele que processa e examina o texto, construindo um significado para ele, isto é, não faz apenas uma tradução ou uma réplica do significado que o autor quis lhe dar.

Leitor e texto se constroem um ao outro – é o leitor que faz o texto lhe dizer e o texto lhe diz a ele, exclusivamente –, os textos são diferentes e oferecem diferentes possibilidades e limitações para a transmissão da informação escrita. Isso implica que sempre deve haver um objetivo para guiar uma leitura, e são objetivos e finalidades que fazem com que o leitor se situe perante o texto: ler para devanear, preencher um momento de lazer, obter uma informação precisa, seguir instruções para realizar uma determinada atividade, informar-se sobre um determinado fato, confirmar ou refutar um conhecimento anterior, etc.

A formação desse leitor autônomo ocorre não na solidão, mas por meio de conversas com outros; é necessário discutir para se chegar à autonomia na leitura – processo em que o social tem lugar fundamental.

Odonir Araújo de Oliveira, educadora, autora de materiais didáticos e consultora de projetos de leitura e escrita





É necessário lembrar ainda que o gosto de alunos e professores é formado pela indústria cultural, que aquilo que esses leitores dizem gostar de ler é resultado de aprendizagem a partir de uma intensa exposição que padroniza o interesse e delimita o campo das possibilidades. Por isso, o princípio de adequabilidade, segundo o qual as obras oferecidas devem estar subordinadas ao grau de desenvolvimento, ao gosto e ao interesse imediato, pode levar a um movimento circular em que se lê repetidamente o mesmo modelo que já se apreciava anteriormente. Esse processo de trivialização do material e consumo de cultura resultante das práticas de leitura que impedem o direito de crescer, de buscar o desconhecido e de formular necessidades diferentes das que são apresentadas como evidências foi batizado de “peterpanização do leitor” por Maria do Rosário Morgatti Magnani.⁹

Concluindo...

- ❖ Não podemos nos esquecer de que o processo de constituição do leitor não tem um ponto final, pois suas experiências de leitura continuam a ocorrer por toda sua vida. Por isso, atuar na formação do gosto torna-se fundamental para diferentes projetos de leitura, nos diferentes espaços sociais em que se possa propor a realização de atividades com esse objetivo. E porque se aposta na formação do gosto como forma de desafiar o desejo do sujeito leitor de se constituir como tal mediante a interlocução, a descoberta e o desafio, pode-se compreender esse movimento como busca do que é sempre mais alto e relevante.

Terminamos lembrando que hoje, pelo Brasil afora, estão se desenvolvendo experiências de promoção de leitura (como as de oficinas de leitura) nas quais se utilizam práticas de leitura compartilhada, que, partindo da importância da ideia do fazer junto, valorizam conteúdos das histórias de vida e das lutas de cada um, focando os sujeitos inseridos nos seus contextos sociais, mobilizados em torno da conquista da cidadania.¹⁰ ◼

O saber tem que ser disseminado, ser socializado, e é isso que programas de educação e cultura devem ter e – arrisco-me a dizer – é isso o que a maioria das pessoas deseja: cambiar informações, saber do que se trata para multiplicar os efeitos do saber, pois o saber que se concentra, o saber detido por um número ínfimo de pessoas só gera os equívocos que conhecemos: ele está gasto, ele está falido, pois não possui canais multiplicadores. Por isso, é indispensável estarmos inscritos num exército idealista de Brancalione, de irmos levando as considerações, as imagens, as margens, as aventuras que travamos e trazemos, que fazemos dos livros que lemos e produzimos no espírito das pessoas uma sensibilização que transforme essas pessoas em agentes de novas sensibilizações.

Jorge Araújo, *Formação de educadores: leitura e linguagem*, disponível em www.leiabrasil.org.br

1. “Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e social”. Vygotsky, L.S., *A formação social da mente*, São Paulo: Martins Fontes, 1989, p.33.

2. “O elemento-chave de nosso método (...) decorre diretamente do contraste entre as abordagens naturalista e dialética para a compreensão da história humana.(...) A dialética, admitindo a influência da natureza sobre o homem, afirma que o homem, por sua vez, age sobre a natureza e cria, através de mudanças provocadas por ele, novas condições naturais para sua existência”, *ibidem*, p.70.

3. *ibidem*, p.117 (aspas minhas.)

4. *ibidem*, p.92 e 94.

5. Na ponta do lápis, *Almanaque do Programa Escrevendo o Futuro*, nº 2, ago/set. de 2005.

6. cf. Maria de Lourdes Soares, *Leio, logo vivo* - módulo 2 – disponível em www.leiabrasil.org.br

7. Ver desenvolvimento desses e outros aspectos da leitura em interessantes artigos de Ricardo Azevedo a respeito da formação do leitor, disponíveis em www.ricardoazevedo.com.br

8. Marisa Lajolo define os clássicos como “livros que precisam de intermediários”. cf. *Em Questão: Políticas e práticas de leitura no Brasil*, São Paulo: Imprensa Oficial, 2004, vol. 2, p.49.

9. cf. Maria do Rosário Mortatti Magnani, *Leitura: teoria & prática*, nº 25, p.28-40.

10. Vários relatos de experiências do tipo, como o das Oficinas de leitura do Centro Cultural Luiz Freire de Pernambuco, podem ser encontrados na publicação *Em Questão: Políticas e práticas de leitura no Brasil*, São Paulo: Imprensa Oficial, 2004, vol. 2.

COMPORTAMENTO LEITOR

Da mesma maneira que nos vestimos conforme a ocasião – a roupa que escolhemos para ir a um baile não é a mesma que colocamos para fazer ginástica –, também agimos de modos diferentes diante dos textos.

Romances, por exemplo, pedem tempos mais longos, marcadores de página que facilitam nossa localização, posições corporais mais relaxadas. Dicionários nasceram para consultas rápidas, breves sobrevôos de olhos ávidos por respostas que às vezes nos encontramos de pé. As enciclopédias facilitam nossas vidas com seus índices. As manchetes dos jornais nos ajudam a decidir o que ler e o que pular.

Para além dos variados tamanhos, organizações e funções, os muitos tipos de texto também evocam a diversidade de nossos sentimentos – interesse, surpresa, indignação, doçura, preguiça, entusiasmo, tédio... –, e os sentimentos, por sua vez, guiam nossas atitudes.

Anotações Avulsas

Quem já não releu certos trechos (engraçados, surpreendentes, belos)? Quem já não pulou certas passagens? Quem já não abandonou certas leituras? Quem já não ficou profundamente tocado e simplesmente silenciou? Quem já não saiu comentando, opinando e consultando outras opiniões? Quem já não grifou para poder mapear o que pareceu mais importante? E nosso corpo? Vocês já pararam para pensar em como se comporta ao se relacionar com as diferentes leituras? Eu, por exemplo, levo para a cama e para a rede as poesias, os contos, as crônicas. Se tenho que estudar, prefiro a mesa da sala de jantar onde espalho régua, borracha, lápis e papel para anotações. Os quadrinhos moram no banheiro junto com o jornal e algumas revistas. Os livros de arte são vizinhos de uma poltrona toda confortável. E por aí vai...

Ler, portanto, não é apenas juntar letras ou, na melhor das hipóteses, construir sentidos para os textos. Ler é também saber transitar por eles, adequar-se à situação de uso.

Os diferentes procedimentos e propósitos, as variadas posturas, expressões e atitudes tecem, portanto, outro campo do conhecimento que os leitores precisavam dominar: o campo da costura de entrelinhas, o campo que nos leva a caminhar pelo mundo que existe por trás das letras.

Maria Cristina S. Zelmanovits, pedagoga e pesquisadora do Cenpec

RELATOS DE PRAZERES AMBULANTES

(EM QUE OS PRAZEROSOS
RELATORES DESCOBREM QUE
AS PALAVRAS TÊM MORADIA E
CABEM EM MALAS)

1. SIMPLES ASSIM...

Encontrei jogada na esquina uma mala antiga, daquelas duras que protegem bem o que carregam. Achei-a bonita e clássica, e não me faltou coragem para resgatá-la do abandono. Olhei para um lado e outro e, num movimento rápido, passei a mão na mala sem olhar para trás. À minha frente, porém, estava um senhor do tipo aposentado, debruçado na janela observando tudo. Num tom de graça ele pergunta: Vai viajar é? Morri de vergonha, mas com a dignidade que me restava respondi: É para a Novena do Livro...

Bom, para encurtar a história, tive que explicar o que era a Novena do Livro e aproveitei para vender meu peixe...

Já são mais de 30 famílias que receberam a novena em suas casas. Uma mala cheia de livros, revistas de interesses variados, de assuntos diversos.

É uma novena e por isso essa mala deve ficar nove dias com as famílias que a recebem. A educadora faz a primeira visita à família, explica a proposta, dá umas dicas, lança uns desafios e só então apresenta os livros num ato revestido de muita cerimônia. É importante que a leitura



seja percebida como capaz de transformar, de ajudar, de dar prazer.

Na nossa mala vai também muita esperança, muita dedicação dos voluntários que acreditam na contribuição da leitura, da educação, da cultura na construção de um mundo possível.

Não temos ainda estatísticas para ilustrar nosso otimismo, o que sabemos é o que nos chega pelo contato direto com as famílias, mas posso afirmar que modestamente estamos fazendo nossa parte. Nosso espaço de leitura está sendo mais visitado. É muito legal chegar ao barracão do Movimento Viva Viana onde acontecem vários cursos e contação de histórias e encontrar jovens folheando gibis, arriscando um livro, fazendo (aprendendo a fazer) pesquisa escolar.

Todos os cursos que acontecem têm também o objetivo de incentivar a leitura. No curso de informática cada aluno está construindo seu livro (escrevendo, ilustrando e editando). A motivação é geral. Tudo isso nos diz que é possível!

Aqui no Simplesmente rejeitamos qualquer análise pessimista ou realista que não venha junto de propostas de solução. Afinal, para que servem as análises senão para propor respostas, saídas. Não queremos saber se o Brasil tem 16 milhões ou 25 milhões de analfabetos, uma dezena já nos mobiliza para fazer alguma coisa. Pode ser que nesse movimento façamos muita coisa “errada”, mas só erra quem faz, não é verdade?

Queríamos então partilhar com todos vocês que estão na luta do nosso otimismo quase inocente ou não contaminado por estatísticas catastróficas.

É sempre possível fazer alguma coisa legal acontecer. Por aqui, estamos incentivando a leitura, a educação, a cultura e tudo de bom que vem junto com isso.

Pra vocês que estão na lida como a gente, toda nossa força e, seja lá qual for a tentativa de transformação da nossa realidade injusta, não desanimem. Façam, reflitam, refaçam. Aprendi que isso se chama PRAXIS! Chique, né?

Cristina Pereira,

educadora e coordenadora

Associação e Desenvolvimento

Promoção Humana = Simplesmente Vitória (ES)

www.simplesmente.org.br

2. LUGARES ONDE MORAM AS PALAVRAS

Entre outras definições, lugar é um espaço ocupado, é localidade, ordem, classe, posição relativa numa escala. Já palavra diz respeito à dimensão verbal, à oralidade, uma das formas que utilizamos para expressão do pensamento. Logo, se o pensamento não é resultado do acaso, partimos do princípio de que uma palavra se constrói a partir de outras palavras, palavras que são ditas, mas que também habitam em diferentes lugares.

O mote do projeto de promoção da leitura desenvolvido pela nossa organização consiste, justamente, numa viagem lúdica com as crianças, os educadores, as famílias e os voluntários, objetivando reconhecerem-se primeiro como leitores e depois como mediadores de leitura, que encontram no livro uma fonte de prazer. No trabalho com as crianças há um investimento a mais, pois procuramos mediar

situações que possibilitem que elas compreendam que as palavras podem ganhar forma através da escrita e, assim sendo, é possível serem lidas por muitas pessoas, em épocas diferentes. Importa entenderem que as palavras moram em muitos lugares e, por fim, que podemos dedicar maior ou menor atenção a elas, dependendo da ordem que estabelecemos na escala das nossas prioridades.

O projeto Lugares Onde Moram as Palavras envolve uma proposta de atividades concretamente vivenciadas no terreno de uma escola pública da rede municipal de Natal. São 365 crianças envolvidas e seus familiares, 25 profissionais que atuam na escola, cerca de 30 voluntários do Instituto C&A e 10 mediadores de leitura ligados à nossa organização. As atividades do projeto acontecem todas as sextas-feiras,

pela manhã e à tarde, durante duas horas em cada um dos turnos. Sete oficinas voltadas para as crianças são realizadas em espaços distintos, tendo a leitura como eixo central, são elas: Contação de Histórias e Cantigas de Roda; Musicalização; Dança Popular; Dança Contemporânea; Teatro de Bonecos; Teatro Mania de Leitura e Poesias Populares.

As oficinas funcionam como espaços de leitura. Nelas as crianças são motivadas a descobrir os lugares onde moram as palavras, a perceber o livro como um desses principais lugares. Ao lerem, conseqüentemente, são influenciadas na criação de personagens, de coreografias; brincam com rimas, cantam, tocam, (re)contam histórias nutridas pelas leituras feitas, pelos personagens e enredos contados nos livros. Nesse processo acabam construindo outras palavras e oferecendo-lhes abrigo. Algumas produções, especialmente as originárias das oficinas de teatro, acabam assumindo o papel de marketing pedagógico da leitura, no instante em que as crianças abordam textos que realçam a importância do livro e da leitura, tanto para as suas vidas quanto para as de outras pessoas.

Enquanto as crianças ficam nas oficinas, as suas professoras e demais profissionais da equipe pedagógica da Escola estão reunidas com uma mediadora, integrante da equipe do projeto. É o espaço para leitura, para a reflexão sobre a prática pedagógica e para pensar a próxima prática, buscando unidade de encaminhamentos, no contexto de um projeto de escola que coloca a leitura e a escrita como competências que transversalizam o currículo. Foi desses encontros que nasceu, por exemplo, o trabalho com a correspondência interescolar, desenvolvido por todas as professoras e crianças, com turmas de outras escolas da cidade,



parceiras na atividade. As turmas trocam cartas, textos, fotografias, portfólios de pesquisas, numa prática promotora de leitura e escrita significativas.

Algumas ferramentas também foram disponibilizadas pelo projeto, objetivando fortalecer as práticas de leitura da Escola:

Sacola de Palavras – Confeccionada de tecido, com os logotipos do projeto e dos parceiros impressos, serve para o transporte dos livros que são retirados por empréstimo e é devolvida junto com os livros. Ajuda a compor um cenário que confere lugar de destaque à leitura, além de realçar a importância do zelo, do cuidado que se deve ter com o livro.

Baú de Palavras – Trata-se de uma iniciativa que atende às famílias das crianças e os profissionais da escola. Todas as sextas-feiras, o baú, repleto de livros e revistas, fica disponível num dos espaços da escola e os interessados fazem a retirada de livros e/ou revistas, assim como, nesse mesmo dia, fazem a devolução do que já foi lido.

Carrinho de Palavras – Funciona como um espaço de leitura itinerante, que permanece durante uma semana em cada sala, no sistema de rodízio. É composto de livros, revistas, gibis, aparelho de som, CDs, entre outros, que são explorados pelas crianças, contando com a mediação da professora da sala.

Painel de Palavras – Bases fixas padronizadas, de material de alta durabilidade, foram espalhadas pelas salas e corredores da escola, para que professoras e crianças pudessem expor as suas produções, possibilitando serem lidas por outros, criando-se uma ambiência favorável à leitura em todos os espaços.

Bolsões de Palavras – São expositores padronizados e colocados em todas as salas de

aula. Neles há vários bolsos que servem para expor livros, jornais, revistas, folhetos, acessíveis às crianças, que a eles recorrem quando precisam ou quando são orientados pelas professoras.

O projeto também privilegia espaços para as crianças comunicarem as suas produções para a comunidade, no estilo de mostras, que acontecem ao final de cada trimestre de trabalho, movimentando um razoável número de pessoas, assim como procura realizar parcerias com outras instituições, zelando pelas participações em eventos da cidade, como é o caso das feiras de livros. Entretanto as comunicações não se restringem somente às crianças, pois realizamos eventos em que as professoras da escola e educadores do projeto relatam os trabalhos que desenvolvem, multiplicando as experiências junto a colegas de suas áreas.

A campanha Um Livro, com Prazer também tem sido uma estratégia importante para divulgar as intencionalidades do projeto Lugares Onde Moram as Palavras e do programa Prazer em Ler, mas é relevante, principalmente, pela possibilidade real de ampliar o acervo da escola e de outras instituições, a partir do envolvimento da sociedade no atendimento ao chamado para a doação de livros.

Podemos afirmar que a nossa experiência tem sido extremamente significativa, o que nos impulsiona a, cada vez mais, contribuir para o fortalecimento das ações de promoção de leitura da instituição parceira, assim como reforça o desejo de contribuirmos com outras iniciativas, na mágica viagem de descoberta dos Lugares Onde Moram as Palavras.

Cláudia Santa Rosa,

coordenadora do Instituto de Desenvolvimento
da Educação – IDE – Natal(RN)
www.ideducacao.org.br

Elô

Tudo indo?

Faz tempo que não nos falamos ao vivo e em cores, vc não acha?

A vida é uma correria só, mas temos que ir fazendo aquele esforço prazeroso de encontrar os amigos...

Mas não é por isso que escrevo essa mensagem. Nesta sexta que passou, vc nem imagina o que aconteceu! Sabe quem eu encontro na saída do metrô? (Um suspensinho pega bem...) O cara me olhava meio amigável e meio estranho, com uma mochila nas costas. Quando chegou pra conversar me lembrei de vc e dos nossos tempos na "Cacilda Becker"... Sabe quem era? Lembra do Murilinho? Aquele menino que deu o maior trabalho no nosso turno em 96, 97... sei lá. Pois é. Estava bem na minha frente, risonho e franco, indo para a faculdade. Está cursando Comunicação, veja vc... Quantas vezes nos empenhamos juntos buscando conversar com o garoto levado da 5ª B. Como tentamos encaminhá-lo para outras paragens... E como ficamos animados, depois das nossas peripécias todas, quando ele levou para casa aquele

livro de contos de terror para ler... e leu! O menino está homem feito. Ainda bem que acreditamos no ser humano, não é?

Ele lembrava de tudo e muito bem. Até do susto ao contrário que levamos quando ele estava apegado ao Edgar Allan Poe...

Aí nós é que tivemos que ler o autor americano para continuar nosso "aproach" com ele, lembra?... Bem, valeu a pena. Não podia deixar de contar...

Ah, não se avexe, num impulso passei seu e-mail pra ele... Ele até falou de um blog dos "filhos de Cacilda", que gostaria que a gente entrasse, etc. e tal... Na certa ele vai querer conversar com vc... Parece que ele quer te agradecer pela atenção... Bonito, né?

Fico por aqui, minha cara e diletta. Vc imagina que fazemos coisas importantes para a vida das pessoas? Essa foi uma, não foi? Ponto para nós...

Beijo grande.

Gil

PS. Sábado será o aniversário da Uga. Vc vai? Quero levar pra ela algum livro instigante, curioso, envolvente... O que vc me sugere? Não vale Allan Poe...





Gil,
Tô rindo de gargalhar!

Esse Murilinho era uma peste! Quanto trabalho ele deu!

Mas você vê que amoroso ele é – era uma carência só. Foi só termos a idéia do livro, que ele se aprumou, se aquietou e, sobretudo, cresceu.

Você sabe que eu também tenho lembranças – boas e nem tanto... – do “Chiquinha”, quando lecionei lá, né?

Era meu início de carreira – e eu nem sabia o que planejar, o que pedir aos alunos pra lerem. Daí, me veio a idéia: leitura para fazer teatro. Os alunos adoravam fazer pecinhas. “A bruxinha que era boa”, da Maria Clara Machado, me salvou. Foi demais! Lemos, distribuímos os papéis, fizemos cenários, umas mães (santas) ajudaram e ficou muito legal! Até uns que

nunca liam deram um jeito, emprestaram o meu livro, o de um colega, pois tinham compromisso com a turma. Aquilo me ensinou muito. Ensinou que leitura “pega”, quando alguém nos instiga, quando temos uma motivação. E quer mais motivo do que fazer sucesso e ser reconhecido?

Todo mundo quer, né?!

Bom, querido, tenho que parar.

Tô correndo com o fim do semestre.

Se der, vou ao “niver” da Uga. E, se você quer um palpite, leve pra ela um livro da Adélia Prado. Eu amo!!! Acho que ela vai adorar. A Adélia fala ao coração – de estrelas a culinária; de montanhas a filhos... de amigos a amores... tudo o que faz a gente querer ser feliz.

Beijos,

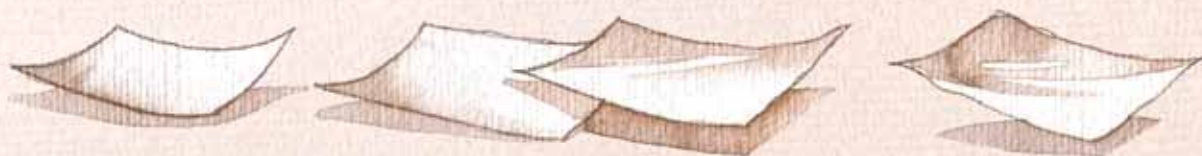
E1ô

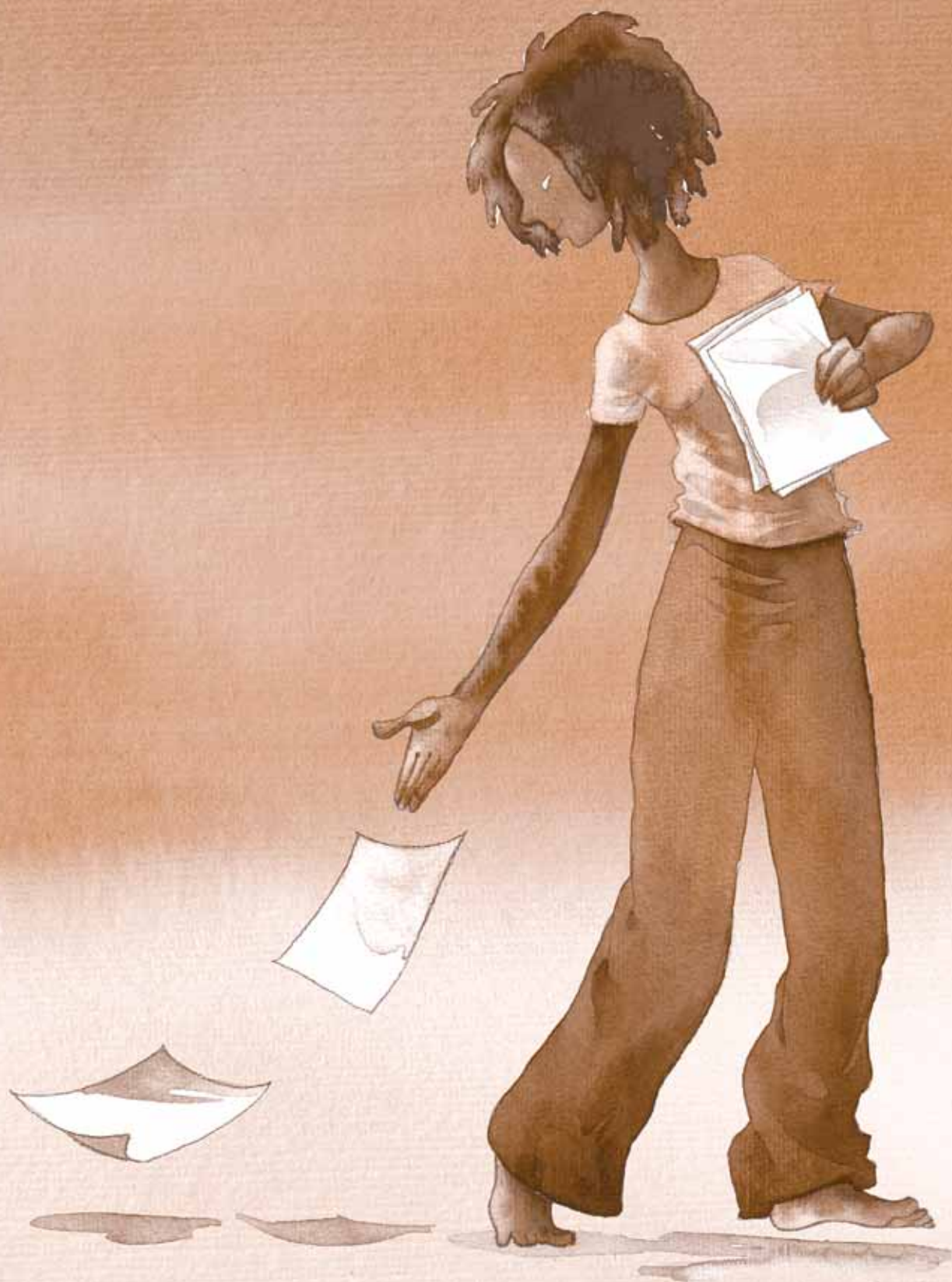


SEGUNDA PARTE

Instâncias e ações mediadoras

Onde nos ocuparemos, a título de organização didática e facilitação do trabalho, em refletir sobre uma arriscada descrição das instâncias e ações mediadoras, ressaltando-se prudentemente que, como toda sistematização, sua permanência tem a brevidade do perfume de uma flor.





Arquitetura das instâncias e ações mediadoras

Contribuições de um leitor itinerante para a formulação de uma sistematização da mediação da leitura

Edson Gabriel Garcia
Educador e escritor

Mais que brevíssima introdução

A questão da leitura está posta para nós brasileiros leitores e escritores: como fazer para que outros brasileiros, cidadãos como nós, tenham acesso qualitativo aos textos escritos e impressos?

É verdade, grosso modo, que a educação vem sendo pautada, nas últimas três ou quatro décadas, a) nos programas de governos dos principais partidos políticos, b) pela demanda da sociedade civil mais organizada e avançada e c) na chamada ação propositiva de responsabilidade social de empresas privadas que vêm para além de suas necessidades técnicas do trabalho. Isto, no entanto, para surpresa dos estudiosos do tema, não vem se refletindo em uma mudança substantiva dos índices de formação de leitores, de criação de bibliotecas duradouras, do aumento de publicação de livros e, sobretudo, da melhoria no desempenho na leitura.

Não só o acesso às informações fixadas e transmitidas pelos portadores de textos é restrito, como a utilização dessa valiosa mercadoria, a informação na sociedade contemporânea, também é restrita e pouco familiar a uma parcela significativa do povo brasileiro. Uma nação, como a nossa, pouco leitora, paga preços sociais altos por causa desse baixo desempenho do povo ao lidar com a informação escrita e transformá-la em conhecimento. Os recentes e lamentáveis episódios da selvageria corrupta de parte significativa dos políticos brasileiros – que apostam no esquecimento, na aceitação e na quase ausência de análise crítica dos fatos – nos dão o sinal de alerta.



Se quisermos tirar da pauta a mediocridade do desempenho na leitura, o melhor atalho é a ênfase no aprendizado e na capacitação dos brasileiros na lida com a informação escrita.

É nesse breve contexto, a caminho da construção de uma necessária nação leitora, o Brasil leitor, que esperamos contribuir, através das anotações seguintes, buscando a proposição de uma sistematização das mediações da leitura, não sem antes trazer, para acompanhar as reflexões, uma observação necessária à leitura deste texto: qualquer que seja o enfoque e a descrição da ação mediadora, estará sempre posta e pressuposta a importância de um mediador na formação de um leitor, de uma nação leitora. Toda construção histórica nasce pelas mãos humanas e por elas é desenhada.

Vamos lá... que o caminho vai se fazendo

Começemos por dizer que é preciso estabelecer um pressuposto para balizar nossas andanças, sem que percamos a direção, o norte e o sul, e as margens.

Sendo assim, o conceito de mediação, aqui referido, tem o sentido de um diálogo, de ação de trânsito, de movimento, de interação (verbal, por excelência, nem sempre única). Pressupõe uma ação humana: presença de sujeitos construindo coisas, comportamentos, idéias, significados. Sujeitos no “meio” de outros sujeitos.

Isto colocado, vamos às instâncias e ações mediadoras da leitura.

Políticas públicas

Podemos falar de políticas públicas como uma instância ampla de mediação. Políticas públicas são ações intencionais, planejadas, amplas, de longa duração, levadas a cabo pelos governos, com objetivos e metas definidos. As políticas públicas atendem a demandas sociais, geralmente levantadas por grupos da sociedade civil organizada, e se destinam à maioria da população, tendo em vista o bem-estar comum. Quase sempre as políticas públicas estabelecidas representam um recorte ideológico dos governantes em exercício e de seus partidos. Às vezes representam interesses mais específicos de um grupo hegemônico e pequena preocupação com a população. Quando representam o interesse da maioria da população, podemos dizer que essas políticas públicas são mais democráticas e tendem a ter maior qualidade no comprometimento com a cidadania da população. Quanto mais democrática e esclarecida for uma sociedade maior será a sua participação na definição dessas políticas e nas eventuais correções de rumo.

Anotações Avulsas

**(RECOLHIDAS NA ORELHA DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES
DE UM LEITOR APAIXONADO)**

O texto literário como isca de leitura

A literatura é matéria privilegiada para motivar e formar leitores, por ser linguagem que se oferece a múltiplas interpretações. Ela funde harmoniosamente realidade e fantasia – sendo um material inestimável na formação do indivíduo em sociedade –, toca primeiro a emoção e depois leva à reflexão, à análise, à interpretação e até mesmo à produção de outros textos. (...) O texto literário é matéria criativa e “reveladora”, capaz de inquietar prazerosamente os educadores para o gosto da leitura, experiência esta que naturalmente eles podem promover junto aos alunos e à comunidade, acentuando que a leitura de textos literários permeia todas formas de conhecimento: a literatura está sempre voltada para a condição humana e a serviço da vida.

América dos Anjos Costa Marinho, *De Livros, Leituras e Leitores*. Cenpec, 2005



Uma política pública para a leitura obrigatoriamente deverá contemplar a formação de leitores, a implantação e implementação de espaços de acesso aos textos (bibliotecas, salas de leitura, etc.), a formação de mediadores de leitura, o incentivo à leitura e a aquisição e distribuição de acervos. O PROLER (programa de formação de educadores e leitores) e o PNLL (programa nacional do livro e da leitura) são dois exemplos de políticas públicas governamentais, de caráter nacional, que vêm sendo implementados nas duas últimas décadas. O programa Prazer em Ler é outro exemplo de ação de uma política pública de incentivo à leitura, mesmo sendo desenvolvido pela iniciativa privada.

Políticas públicas envolvem muitas pessoas, agitam idéias, põem à prova a criatividade, ensinam soluções locais. Por envolverem muita gente, facilitam o relacionamento e a troca de experiências entre os participantes dos diferentes níveis, levam análises comparativas de desempenho e resultados, mantendo sempre aberto o diálogo entre os envolvidos. O cotidiano dos envolvidos é freqüentemente alimentado com novas informações, orientações e propostas, seja por uma linha de comunicação direta, seja por eventos pontuais. Assim os envolvidos nas ações de políticas públicas estão permanentemente “no meio” de um processo, abertos ao diálogo, respondendo e propondo, fazendo transitar sua ação local com base em diretrizes amplas dessa política.

Espaços de leitura

Nessa mesma direção, podemos pensar e examinar um pouco a mediação feita pelo espaço de leitura.

Aparentemente, um primeiro pensamento mais imediatista trará o questionamento: como é possível pensar que um espaço físico, dotado de móveis, equipamentos e acervo, possa fazer mediação de leitura?

Vejam os exemplos. Um espaço de leitura, uma sala de leitura ou biblioteca, como as políticas públicas de leitura, não é neutro. Se é difícil falar da ideologia de um espaço de leitura, não é impossível pensar sobre a sua organização e funcionamento, como sua cara, sua roupa, sua voz. Um espaço mediador de leitura é aquele que tem como suas principais características a democratização do acesso ao acervo; a facilitação do acesso e do empréstimo; a originalidade e criatividade no modo de apresentar e “oferecer” o acervo aos leitores; a disponibilidade de levar o acervo até onde está o leitor e a disponibilidade dos mediadores de leitura, sempre muito presentes.

Essas características, já discutidas na publicação “Prazer em Ler: um roteiro prático-poético para introduzir qualquer e quem quiser nas artes e artimanhas das gostosices da leitura”, combinadas entre si, dão o tom do que se pode fazer em um espaço de leitura.

Ter a leitura mediada por um espaço significa oferecer, com prazer, agilidade e facilidade, o material de leitura, dar alternativas de escolha, dar tempos e reconhecer os tempos diferentes de leitura, reconhecer e mapear os modos



individuais de leitura, facilitar o acesso, o empréstimo e a troca/devolução, permitir e estimular o intercâmbio de experiências e o registro de compreensões de leitura, receber e aconchegar os leitores potenciais, buscar leitores ou levar até eles os objetos de leitura. Combinadas, estas ações de mediação fazem de qualquer espaço um local fomentador de atividades de leitura.

De modo geral, as pessoas, leitores ou ainda não, gostam de novidades, de ambientes bonitos, organizados, acolhedores e aconchegantes. Gostam de conversar e registrar os significados construídos a partir de sua leitura, de trocar experiências e ouvir sugestões. Se tudo isso fizer parte de uma política particular de um espaço de leitura, eis aí uma receita que dará certo, cujo resultado certamente dará certo.

Nesse sentido, o espaço, além de acolhedor, limpo e organizado, deve prever mediações estruturais que facilitem o acesso, que desbancue a burocracia, que instigue a curiosidade, que encante e converse com o leitor. Regras simples para o acesso e uso do material devem fazer parte desse jogo. Espaços organizados de modo que o leitor saiba o que tem disponível, que ele possa circular por “cantos” do tipo “novidades”, “cesta de poesias”, “espaço aventura”, “espaço da sexualidade”, “o mais emprestado e o mais lido”, “acabei de chegar”, e tantos outros mais devem fazer parte do jogo. Essas regras e esses convites através de uma organização “oferecida” são conversas silenciosas, feitas também com os olhos, um diálogo sensível para além da presença do mediador no espaço, uma ação de pertencimento ao mundo dialógico da leitura.



Atividades comuns e rotineiras planejadas

Este tipo de mediação, fortemente intencional, mesmo sendo formado por atividades rotineiras e não obrigatórias aos frequentadores do espaço, pressupõe planejamento, controle e avaliação. São atividades comuns, abertas a todos os frequentadores do espaço, e têm como objetivo continuar a conversa e o diálogo abertos pela mediação do espaço, garantindo uma aproximação do leitor e dos textos (livros, revistas, jornais, etc.) de modo prazeroso, individual ou coletivo, estimuladas presencialmente pelo mediador de leitura.

Se antes focamos a mediação orientada por políticas e espaços, agora descreveremos ações mediadoras com forte presença humana. Sem abrir mão da criatividade e originalidade (que garantem a marca pessoal de cada espaço e mediador), estas atividades são amplamente conhecidas e utilizadas por todos os que se aventuram na mediação da leitura, garantindo a aproximação do mediador e dos (aprendizes) leitores e proporcionando o estabelecimento de relações de confiança, de satisfação, de ajuda, de cooperação entre ambos.

São atividades que, de um lado, permitem ao mediador aproximar-se e conhecer melhor seus leitores e possibilitam uma visão geral e uma avaliação do seu trabalho, podendo, dessa forma, reorientar ou alterar suas práticas pessoais e rotineiras; e, de outro lado, possibilitam aos leitores conhecer o acervo, locomoverem-se com mais familiaridade no espaço e, aos poucos, construir-se como leitores autônomos, sujeitos de sua prática de leitura (aí incluídos a aproximação, o manuseio, a decisão, a escolha, o tempo de leitura, as apropriações de significados e a decisão de encerrar a leitura do objeto escolhido). Nessa descrição, podemos enquadrar as seguintes ações de mediação:

- a) sessões de leitura livre (seguidas ou não de empréstimos de livros);
- b) rodas ou círculos de leitura (em que os leitores conversam sobre o material lido e trocam informações sobre suas leituras);
- c) sessões de empréstimo de livros;
- d) entrevistas com autores de livros, jornalistas, professores (tendo como pano de fundo a importância da leitura e escrita, os processos criativos, etc.);
- e) hora da história (tendo como referência preferencialmente algum material escrito);
- f) vivência de momentos coletivos dirigidos como “eu li e gostei muito”, “café com letras” ou “um livro que mexeu com a minha cabeça”;
- g) elaboração coletiva de um mural (com resenhas, reportagens pertinentes aos livros e leitura, com material sobre assuntos atuais, com “propagandas” de leitura feita pelos leitores, etc.);

- h) hora da novidade (com apresentação destacada dos novos livros e outros materiais acrescidos ao acervo);
- i) atividades de escrita relacionadas à leitura (pesquisa, resumo, análise, registros gerais, registro de história de leitura, troca de correspondências e toda atividade de manuseio do computador, entre elas a elaboração de sites próprios, blogs, troca de e-mails, criação de espaços de comentários sobre leitura, etc.);
- j) outras atividades relativas e pertinentes à leitura que levem à melhoria dessa prática, à troca de informações, à sugestão de outras ações e, sobretudo, ao registro dessas atividades, realçando a imensidão de possibilidades que o uso do computador e da internet oferece.





Mediação escolar

Outra instância de mediação, muito presente na vida de quase todos os brasileiros, é a que chamamos de mediação escolar. Até aqui, as mediações focadas não têm a organicidade do espaço pedagógico, a intencionalidade planejada e a obrigatoriedade cotidiana. Entre todas as mediações, esta é a mais intencional, a mais planejada e controlada, dados o rigor e a obrigação social, constitucional, que a escola se impõe no seu currículo. Há, inclusive, leis nacionais que tratam disso. A mediação escolar vem sendo amplamente

discutida em dissertações acadêmicas e oferecendo elementos de análise de práticas, alternativas e reflexões de muita qualidade.

Grosso modo, a mediação escolar pode ser descrita pela intencionalidade dos programas curriculares, pela presença obrigatória de mediadores (professores/educadores) e pela obrigatoriedade de frequência dos educandos aos espaços de leitura (bibliotecas, salas de leitura, etc.).

Em princípio, os programas curriculares escolares dão à escola o status de uma espécie de nave-mãe, preparada para ensinar crianças e jovens a ler,

introduzindo-os deliberadamente na aprendizagem da leitura e escrita, de modo compartilhado, orientado ou livre, lidando com as várias modalidades de textos e com as diferentes capacidades/habilidades de leitura, tais como: relacionar informações, buscar informações específicas, definir necessidades e objetivos de suas leituras, buscar os significados para palavras e idéias novas, escolher materiais de leitura, trabalhar com o contexto de leitura e da produção do texto lido, relacionar temas e conteúdos em textos diferentes, relacionar o conteúdo lido para além do texto, apreciar esteticamente os textos, etc.)

Embora, também em princípio, a escola esteja preparada para ensinar seus alunos a responder a diversos objetivos (ler para se divertir, ler para buscar uma informação específica, ler por prazer em aprender, ler para preparar-se para alguma atividade, ler para responder perguntas, etc.), usando sua capacidade e habilidades leitoras em uma sociedade altamente letrada, a instituição é muito criticada por seu didatismo reducionista, por suas instalações precárias e pela formação de pouca qualidade dos educadores.

A primeira mediação feita na escola é a do professor, responsável funcional pela etapa curricular da alfabetização dos alunos. Não é por outra razão que as (poucas) pesquisas feitas sobre histórias de leitura apontam, em casa, a mãe e o pai e, na escola, o professor, como as pessoas responsáveis pelo incentivo à leitura. O PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) justifica-se, em parte, pela constatação, triste, é verdade, de que muitos brasileiros só têm acesso a livros, na escola, pela mão do professor. Lastimável, o argumento pode ser real. É também na escola, em boa parte delas, que muitos alunos entram em contato com os textos literários, seja nas bibliotecas escolares (ou similares), pela mediação do orientador de leitura (professor, bibliotecário, educador comunitário, voluntário, etc.), seja na sala de aula pela indicação/adoção de leituras obrigatórias de um mesmo livro.

Há muitas críticas ao trabalho de mediação de leitura feito pela escola, a maior delas, talvez, a de que o próprio professor não é, ele mesmo, um leitor e por isso desloca a importância da leitura da necessidade e do prazer para a obrigação. No entanto, resgatando-se o argumento de que muitos brasileiros só têm acesso ao livro na escola, é possível que também muitos educadores só tenham acesso a livros na escola, pelos programas governamentais, embora isso não signifique, necessariamente, formação de novos leitores.

A mediação escolar é muito ampla e não vamos aqui detalhá-la. Vale registrar, ainda que de passagem, que são muitas as finalidades da leitura no ambiente escolar (ler para escrever, ler para responder perguntas, ler para buscar informações. Ler para seguir ordens e conhecer regras, ler por prazer e distração, ler para conhecer um determinado assunto curricular, etc.).

Mediação pelo argumento da autoridade

Outra mediação muito comum é aquela feita pelo argumento de autoridade. Autoridade, neste caso, refere-se a um leitor formado, autônomo, crítico, conhecedor e sedutor. Alguém que, numa roda de leitura, numa conversa informal, numa fala acidental ou numa sugestão descontraída e descompromissada, introduz dentro de nós uma curiosidade incontrolável, um desejo imediato de procurar, de encontrar, de conferir, de ler o que foi sugerido. Outras vezes, esse argumento de autoridade vem através da fala (entrevista, curso, palestra, etc.) ou de textos escritos (resenhas, indicações, listas dos mais vendidos, etc.). Em ambos os casos, os argumentos são socialmente valorizados ou especialmente constituídos para isso. E, decididamente, não ficamos imunes ao marketing que permeia quase toda a sociedade de consumo, algo a que somente poderemos contrapor opiniões e olhares à medida que nos constituímos em sujeitos próprios de nossa história de leitura (e que tenhamos argumentos de autoridade).

Há nos argumentos de autoridade uma boa dose de um discurso sedutor, que nos convence pela abordagem, pela organização das idéias, pela beleza apresentada, pelas significações extraídas do material lido, pela relação dos saberes entre si. O argumento de autoridade algumas vezes nos faz ler materiais que não estavam em nosso planejamento de leitura. O que nos leva a pensar quão potencialmente estamos abertos à leitura e quão plenos de vazios estamos, à espera de preenchê-los com novas e novas significações. É desses vazios ou dessa curiosidade virtual que se aproveitam as autoridades. Elas apenas derramam sua sedução e nos fazem ler e pensar que sempre somos leitores ávidos.

Mediação pelo afeto

Se falamos em mediação pelo argumento, entendemos que é possível e necessário falar da mediação pelo afeto. Nesse caso, o argumento não vem pelo argumento do saber, da lógica, da sedução, mas pela relação de afeto, de proximidade, de confiança, de presença constante, de acompanhamento. Em casa, a mãe e o pai; na escola, o professor e a professora; nos espaços de leitura, o orientador, facilitador, educador mediador de leitura. Fazem uma mediação pelo afeto, através do exemplo, da oportunidade, do estímulo, da doação e da valorização.

Presentear pessoas próximas, em momentos especiais – ou não – com livros, ler junto, criar a hora da leitura silenciosa ou oral, indicar leituras,

conversar sobre assuntos lidos nos diferentes suportes de textos e acompanhar de perto os trabalhos escolares são algumas das ações possíveis desta ação mediadora.

Mediação feita pelo texto sedutor

Quase sempre falamos e pensamos na mediação como uma atividade deslocada para fora do texto e que só depois da aproximação do leitor e do texto é que este cumprirá sua função de dialogar com o leitor. Há, no entanto, uma mediação feita de modo sutil, delicado, tênue, quase sem a presença de sujeitos mediadores. É a mediação feita pelo próprio texto, pelo texto sedutor, que seduz e conquista o leitor com suas próprias forças, razões, propostas, tramas, teias, enredos.

O texto sedutor, como um animal caçador, fica à espreita, esperando a aproximação de um leitor. E fisa-o. E o leva para dentro de seu universo, enredando-o nas palavras, nas idéias, nos buracos da significação, na ausência e presença de idéias, num diálogo solitário, mas fecundo e emaranhado. Sós, leitor e texto, texto e leitor dialogam e constroem sentidos.

Concluindo

Para concluir esta sistematização sobre as instâncias e ações mediadoras de leitura, restam-nos algumas observações.

A primeira delas é que a (mediação da) leitura é uma tarefa de toda a sociedade brasileira e não apenas circunscrita aos educadores e pais. Parte dessa tarefa é dificultada por uma questão de valor. Os valores de uma sociedade, como sabemos, são criados culturalmente pelos homens e o livro e a leitura, conseqüentemente, não são, para nós, de modo geral, bens simbólicos de alto valor. No imaginário popular constam informações que o livro é um bem supérfluo, coisa de intelectual, enfeite de prateleira, muito caro, não enche barriga, etc., informações que dificultam a formação de novos leitores. Livros, revistas e jornais, entre outros portadores de texto, devem fazer parte da cultura de valorização e consumo de todos nós. Nesse sentido, a tarefa de ressignificar os textos escritos públicos e impressos como importantes em uma sociedade letrada, que traça seu destino na compreensão possível feita no mundo lido e escrito, pertence a





todos nós, cotidianamente. Primeiro como leitores, depois como mediadores.

A segunda observação é tão óbvia que assusta, mas nem por isso desnecessária de ser observada: é impossível falar da (mediação da) leitura sem considerar a existência de acervos. Livros, jornais, revistas e demais textos impressos só têm sentido de existência quando são lidos pelas pessoas. Não lidos, são meramente objetos materiais desprovidos de significados. Para que possam ser lidos, precisam existir, ocupar espaço, ter presença na vida dos leitores. Em uma metáfora demasiadamente usada e conhecida, mas sempre bem-vinda, o diálogo do nadador é com a água e o diálogo do leitor é com o texto. Água e texto precisam existir próximos de seus interlocutores. Não se aprenderá a ler (gostar de, necessitar de, consumir, habituar-se a) se nosso cotidiano não for freqüentado por objetos portadores de textos. A tarefa de viabilizar, de oportunizar, de proporcionar leituras e de colocar textos à disposição dos leitores é também nossa. Primeiro como leitores, depois como mediadores.

A terceira observação é sobre a natureza dialética da mediação. A mediação será sempre uma operação de dialogicidade, de transitividade de leitores, de significações, de textos. Envolverá sujeitos com seus patrimônios de significações, numa relação de interação verbal em que os deslocamentos de novas aprendizagens serão, na maioria das vezes, qualitativamente superiores. Mediação pressupõe trânsito de significações entre um e outro, através dos textos, seu contexto, sua história. Mediação é, enfim, o exercício cotidiano de estar vivo e viver. Encerrando estas observações finais, é interessante realçar que estas instâncias e ações mediadoras, que aqui expusemos, não são categorias estanques. São mediação que se relacionam, que se completam, que conversam entre si.

Ao falarmos de políticas públicas como uma instância de mediação, evidentemente está posto que as políticas públicas pressupõem espaços, acervos, mediadores/leitores. Ao falarmos da mediação escolar, está claro que este tipo de mediação deve estar acoplado a uma política pública de leitura para as escolas que ressalta, entre outras medidas, a qualidade da formação dos educadores como mediadores, a existência de espaço mediador, o acervo e o mediador/leitor.



Mediação, espaço e acervo serão conceitos vazios de significado se o mediador não estiver presente. Um sujeito consciente do seu papel na sociedade e no trabalho, que toma para si a tarefa gostosa, necessária, interessante e cidadã de colocar os textos nas mãos, no coração e no pensamento dos brasileiros não-leitores.

Discutir um perfil para o mediador é assunto para outras conversas, certamente já iniciadas. Agora, sem abusar da paciência do leitor, é hora de pensarmos sobre o que aqui vai escrito. ■

CLASSIFICADO DE PRIMEIRA MÃO



(ESCOLHIDO COM A PRECISÃO
DE UMA LUPA DE CAÇADORES
DE BORBOLETAS LITERÁRIAS)

**Mediação – um conceito para se
pensar a leitura**

Entre as suas muitas histórias bem-humoradas, o célebre Barão (que por sinal não tinha um único pinga de sangue azul) de Itararé (Apparício Torelly – 1895/1971) possui uma de que gosto muito, pelas ambigüidades que carrega. Resolvi contá-la a alunos de uma classe de ensino médio em escola pública em São Paulo. Vejamos o “causo” e o que dele decorreu.

O Barão de Itararé escreveu, em uma de suas crônicas, que certo dia tomou um ônibus na linha Copacabana e, na sua frente, entrou um senhor muito grande, destes que

não conseguem passar pela roleta. Ao sentar-se, o referido peso-pesado quebrou o banco do coletivo. Diante do fato inusitado, o irônico Barão comentou com o cobrador:

— É o primeiro banco que vejo quebrar por excesso de fundos.

Notei que o professor da classe e poucos alunos riram bastante, outros estamparam a famosa cara amarela, e o resto, a maioria, digase de passagem, não ligou coisa com coisa.

Após alguma conversa foi possível saber que a expressão “excesso de fundos”, que vinculava o sistema bancário nacional às

exageradas dimensões da região glútea do infausto personagem, não fora entendida. Até porque, como alguns alunos disseram, nem eles nem seus pais tinham conta em banco.

Fica a seguinte pergunta: qual o motivo, no caso da tirada humorística do Barão de Itararé, de muitos discentes não haverem alcançado a condição de leitores? A resposta tem, evidentemente, várias faces; considere-mos aquela referente ao conceito de mediação, bastante utilizado em nossos dias para analisar o problema da leitura.

Voltando à ironia do Barão de Itararé. A turma do ensino médio foi acometida de riso ou silêncio pelo fato de haver acionado determinadas instâncias mediativas que permitiram apreender (ou não) o jogo de ambigüidades e sutilezas proposto pela tirada de espírito do nosso cronista. Por exemplo, alguns sabiam que a palavra banco possuía dois sentidos, outros relacionaram o termo fundos a dinheiro e região glútea: é pertinente afirmar, em ambos os casos, que um grupo de jovens utilizou mediações cognitivas ligadas ao conhe-



“ADMITIR A EXISTÊNCIA DE VARIÁVEIS NAS QUAIS SE INCLUEM EXPERIÊNCIAS PESSOAIS, INFLUÊNCIAS CULTURAIS, FORMAÇÃO EDUCACIONAL, ETC., QUE SE COLOCAM NA RELAÇÃO ENTRE ESCRITOS, FALAS, APRESENTAÇÕES, E QUEM OS LÊ, OUVI OU VÊ”

No que interessa no momento, envolvendo operações sobre mensagens passadas de pessoa a pessoa ou pelos veículos de comunicação, reconhecer a existência de fatores mediativos regulando níveis de compreensão dos textos significa admitir a existência de variáveis nas quais se incluem experiências pessoais, influências culturais, formação educacional, etc., que se colocam na relação entre escritos, falas, apresentações, e quem os lê, ouve ou vê.

cimento dos significados de certas palavras em língua portuguesa.

Em termos práticos serão elencados quatro grandes fatores mediativos, com o que se busca tornar o conceito mais operacional para aqueles preocupados em melhor se posicionar diante das questões de leitura: individuais, situacionais, institucionais, tecnológicos. Vamos considerá-los detalhadamente.

Individuais – São as variáveis etárias, de gênero, de elementos cognitivos, formação

cultural, escolaridade, etc., enfim, aqueles vetores que singularizam as pessoas envolvidas no ato da leitura. Como vimos, na classe do ensino médio havia um professor (com faixa etária, experiência de vida, formação cultural) diferente dos alunos (e entre eles, provavelmente, níveis distintos de maturidade, conhecimentos, etc.)

Situacionais – Os cenários sociais, contextos políticos, componentes históricos que criam as grandes referências de situação (ou as mediações situacionais) facilitam ou dificultam a compreensão dos textos. Por exemplo, se a nossa historinha fosse contada em uma época (quadro situacional) de crise no setor bancário, com falências, como aconteceu no Brasil, no início da década de 90 do século passado, é possível que por um outro fator mediativo (a televisão ou o rádio, através dos quais circulam as notícias) os jovens tivessem tido acesso e se “ligado” em uma expressão como quebra de bancos. Ou seja, o contexto econômico de falência dos bancos – e suas repercussões na imprensa – forneceria mediações que permitiriam aos nossos diligentes estudantes entender um pouco melhor o humor do Barão de Itararé.

Institucionais – Instituições como a escola, o Legislativo, o Executivo e a família criam referências mediativas que costumam acompanhar os atos de leitura. Por exemplo, as palavras eleição, voto, candidato, todas com vínculos institucionais, pois divulgadas largamente nas campanhas eleitorais através de partidos, do Legislativo, do Judiciário, do Executivo, entram no repertório das pessoas, podendo, a partir daí, facilitar debates, discussões, trocas de idéias.

Tecnológicos – A televisão, o rádio, o jornal, a internet se constituem, hoje, em alguns dos poderosos mediadores que funcionam na circulação social das mensagens. O



acesso maior ou menor a tais mediadores, entender o que eles dizem (para o que é necessário acionar uma ou várias das mediações acima indicadas), amplia ou diminui o repertório de leitura.

Como se percebe, quando pensamos na formação de um leitor ativo, capaz de alcançar o máximo de sentidos expressos nas mensagens, ao qual não falte o viés analítico, crítico, é imperioso considerar uma série de elementos mediativos que entram ou devem entrar como espécies de “reguladores” dos diferentes níveis de compreensibilidade. Considerado o problema da leitura por este ângulo, fica mais fácil entender como ocorrem as possíveis interações entre o que se fala e o que se ouve, o que se escreve e o que se lê, o que se gera em imagem e o que se vê. Tais interações serão maiores ou menores, dependendo, no fundamental, da capacidade ou possibilidade de os leitores mobilizarem os diferentes fatores mediativos.

Deixar de lado o conceito de mediação pode implicar perder, por exemplo, os sentidos produzidos pela piada do Barão de Itararé, o que é, sem dúvida, uma pena.

Adilson Citelli, professor doutor – ECA, USP

RELATOS DE PRAZERES AMBULANTES

(EM QUE OS PRAZEROSOS
RELATORES FALAM DE SONHOS
E EMOÇÕES DIANTE DE LIVROS E
DA POSSIBILIDADE DE LEITURA)

3. BOI, BOI, BOI/BOI DA CARA PRETA PEGA ESSA MENINA/QUE TEM MEDO DE CARETA...

Não seria possível falar de leitura sem falar em sonhos e sonhadores. Ao dar asas ao sonho e alçar vôos, é preciso ter espaço para viajar pelos caminhos que nos fazem lembrar do cheiro de bolinho de chuva, do cheiro de travesseiro, do cheiro de leite quente e do aconchego do soninho.

Todo o encantamento do mundo da leitura manifesta analogias por uma viagem encantada desde os primeiros anos de vida, com as cantigas e histórias para ninar acompanhadas com aquela linda frase: *Conte outra vez!*

A viagem prossegue e embarcamos no faz-de-conta, onde nos encontramos com a imaginação, com a imitação e com a criação. Fomos majorando caminhos, estação a estação. Mudamos os trajetos, trocamos as malas, mas os sonhos sempre estavam ali presentes, cena a cena, passo a passo, quilômetro a quilômetro...

O nosso mundo foi se ampliando e aprofundando por conhecimentos para além do nosso próprio corpo; alargamos espaços, substituí-

mos objetos, criamos acontecimentos. O trem, o barco, o carro, a charrete, a bicicleta e até mesmo um avião nos transportaram por inúmeros lugares, por inúmeros sonhos, e muitos deles desconhecidos.

A partir daí, podemos traçar um paralelo com a leitura, como sendo o maior e mais significativo meio de transporte para a construção da cidadania e de pessoas eticamente competentes no que tange ao mundo da leitura e à leitura de mundo.

Nesta busca do propósito em educar para a cidadania por espaços e caminhos onde os sujeitos têm possibilidades de expor pensamentos, trocar informações, idéias e experiências que transcendem coisas comuns e exercitar valores que possam sempre fazer as melhores escolhas diante dos maiores desafios dos trilhos de suas vidas, encontramos o Instituto C&A, que com os ideais apresentados na proposta do programa Prazer em Ler veio contribuir para que possamos prosseguir a viagem. Agora uma via-

gem aos confins da imaginação, por caminhos iluminados que vão com a gente, trazendo contribuições preciosas para alçarmos vôos rumo à formação de um país de leitores contagiados pelo encantamento da leitura.

O Cesprom (Centro Scalabriniano de Promoção do Migrante), de Jundiaí (SP), tem em um de seus itinerários de ações sociais o projeto Bauteca. Este projeto acontece em um prédio cedido pelos vicentinos, onde a Prefeitura de Jundiaí, por meio da Fundação Municipal de Ação Social (Fumas), em seu projeto de suplementação alimentar, oferece sopa a crianças e adolescentes e, em casos especiais, a gestantes, idosos ou quaisquer pessoas que estejam em situação de risco ou desnutridas. O Cesprom, preocupado em oferecer algo mais que alimento para essa população, trouxe a possibilidade de nutrir aquelas pessoas com diversas atividades culturais.

Tínhamos aí um desafio, aproximá-los do mundo da leitura. A princípio procuramos atingir as meninas da comunidade que freqüentam as aulas de pintura e crochê. Neste espaço, duas vezes por semana, começaram também a ouvir histórias.

A partir daí, brotaram panos, tapetes, almofadas, poesias, contos, piadas, fadas... Em um belo dia, trouxemos uma contadora de histórias, que com graça e entusiasmo simplesmente contou uma história após o almoço. Aquela comunidade teve a primeira experiência de receber, além da comida para o estômago, a comida para o conhecimento, que pode sustentar sonhos e oferece passagens para empreender inúmeras outras viagens.

Outra coisa fabulosa que aconteceu nesse mesmo dia foi a chegada dos livros para a biblioteca e num verdadeiro clima de Natal, abri-



"A VIAGEM PROSSEGUE
E EMBARCAMOS NO
FAZ-DE-CONTA, ONDE
NOS ENCONTRAMOS
COM A IMAGINAÇÃO,
COM A IMITAÇÃO E COM
A CRIAÇÃO. FOMOS
MAJORANDO CAMINHOS,
ESTAÇÃO A ESTAÇÃO.
MUDAMOS OS TRAJETOS,
TROCAMOS AS MALAS,
MAS OS SONHOS SEMPRE
ESTAVAM ALI PRESENTES,
CENA A CENA, PASSO A
PASSO, QUILOMETRO A
QUILOMETRO..."

mos os pacotes como se fossem presentes que o Papai Noel nos deixara. Então, a emoção foi a mesma. Um dos garotos ali presentes rondou e rondou aquele monte de livros, começou a pegar um, depois outro, depois outro, carregava-os como se fosse levá-los para casa. Infelizmente sucumbiu sua vontade, mas não a de ouvir uma história. Foi convidado a se aproximar e a sentar-se próximo da educadora, que começou a contar a história de um dos livros que estavam em seu colo. Com os olhos arregalados perguntou: "Moça, você pode levar esse livro pra minha casa?" A vontade era realmente deixá-lo levar o livro, ou melhor, levar aquela passagem para uma fantástica viagem. Portanto, havia muitas outras crianças e não poderíamos distribuir a todos. E ali sentimos que conseguimos deixar a fome aguçada por voltar e receber novamente em outro dia um alimento diferente do que estavam acostumados a receber.

Hoje o grupo de meninas que participam das atividades no projeto Bauteuca está cada dia maior; timidamente elas já contam histórias às pessoas que ali tomam a sopa.

Compartilhamos da ideia do educador Paulo Freire: *que o segredo está naquilo que fará ferver o caldo: o fogo da história*. Enfim, sabemos que a cabeça não pensa aquilo que o coração não pede. Percorrendo essa ideia, começamos a buscar estratégias variadas para conseguirmos uma mediação de leitura que ferva o interesse dos participantes do projeto.

Ultrapassamos os muros de nossas imaginações e fomos buscar nos princípios pedagógicos jogos que possibilitam dinâmicas prazerosas, que trazem desafios, que clamam por coragem, por pensamentos e por desejos e não pelo mero divertimento, mas como mais um meio de transporte que favorece a busca pelo herói adormecido em cada criança que por ali passar, que luta para alcançar a princesa na torre do castelo.

Pretendemos mexer mais, dar novas ferramentas, "chacoalhar as cabeças", sair da rotina e proporcionar experiências diferenciadas para crianças e adolescentes. Mas, por que não aos educadores envolvidos no projeto e até os voluntários parceiros do Instituto C&A?

O programa Prazer em Ler para o Cesprom pode ser a chave do tamanho da Emília, que tem o poder de provocar transformações, ou mesmo a chave da Alice no País das Maravilhas, que era tão pequena para uma fechadura tão grande...

Por isso, nossos sonhos continuarão lá, dentro de nossos corações e diante dos nossos olhares para um cenário de encantos e magia.

Andréa Patapoff Dal Coletto, consultora do
Projeto Bauteuca Cesprom — Jundiá – SP

4. COISAS DO COTIDIANO...

MEDIAÇÃO DA LEITURA: UMA TÉCNICA DE ENCANTAMENTO



Quando, em outubro de 2005, ficamos sabendo qual seria o próximo tema de trabalho do Instituto C&A, nós do ECAE – Espaço Cidadão de Arte e Educação ficamos entusiasmadíssimos. Estávamos agora com a faca e o queijo na mão, iríamos aprofundar nosso perfil de trabalho: a leitura.

Começamos a pensar novas estratégias para o trabalho com as crianças no ano seguinte e a fazer pesquisa para o período de planejamento com a equipe, que realizamos em fevereiro. Quando fevereiro chegou, reunimos toda a equipe para estudar, ler e planejar atividades enfocando a leitura. E foi um período muito gostoso! Descobrimos quantos tesouros habitam nossa biblioteca (temos um acervo com quase 6 mil títulos).

Apresentamos uma estratégia que deu muito certo: o autor do dia. A cada dia, nós enfocávamos um autor, falávamos sobre sua vida e sua obra e deixávamos em exposição os livros que conseguíamos emprestado ou que já tínhamos no nosso acervo. Assim, falamos de contos, lendas, histórias infantis, poesias, muitos tipos de literatura, incluindo a literatura técnica, voltada para o aperfeiçoamento do profissional da educação.

Num desses dias, falamos de Rubem Alves. Convidamos um amigo nosso, pedagogo, também admirador das palavras de Rubem, e procuramos fazer a técnica do encantamento na equipe. Apresentamos um pouco sobre a vida do autor, comentamos sobre os inúmeros livros que ele havia escrito e lemos alguns trechos de

textos selecionados. Quando concluímos, colocamos o acervo em exposição disponibilizando-o para empréstimo. Que visão maravilhosa! Que coisa fantástica! Nossas monitoras correram, literalmente, para o expositor e cada uma pegou um livro pra ler. Estavam encantadas! Pelas palavras do Rubem Alves, pelo nosso entusiasmo em apresentá-lo, pelo que poderiam encontrar naquelas páginas mágicas, porque usamos muito essa expressão “livrinho mágico”, para nos referirmos aos livros que nos haviam ensinado e emocionado.

O mês de planejamento transcorreu assim, nossa equipe muito à vontade com a biblioteca, com muitos autores e títulos específicos.

Posteriormente, adotamos um caderno como Diário de Leitura, para que cada um pudesse registrar as suas impressões sobre os livros lidos. E podemos dizer, sem receio de falsa propaganda, que a maioria das pessoas da nossa equipe lê apaixonadamente. E isso é uma grande vitória para o ECAE. Porque, quando começamos as atividades, trabalhávamos com incentivo à leitura, com uma equipe que ainda não tinha sido encantada, que dizia não gostar de ler. Na verdade, ainda não tinham descoberto o prazer da leitura. E é fantástico ouvir pelos corredores da instituição conversas sobre os livros lidos ou encontrar alguém indicando um livro a outra pessoa, ou alguém dizer que já leu umas dez vezes o mesmo livro, ou ainda um adolescente dizer que agora se tornou um devorador de livro, ou uma monitora dizer que quando chega em casa não sabe se faz comida ou se lê um livro (mas falando isso com a expressão de encantamento, de descoberta de algo prazeroso).

Mas por que estamos aqui exaltando tanto nossa equipe de trabalho? Porque estamos muito felizes em contar com essas pessoas, que são apaixonadas pelo que fazem. Temos um

“SENTI QUE A LITERATURA
PRECISA SER UMA
VIAGEM SEM RELATÓRIO
DETERMINADO, MAS
UMA VIAGEM DE PRAZER.
E TRATEI DE LER O
LIVRO, DO JEITO QUE
SEI LER LITERATURA,
EMBARCANDO NA HISTÓRIA,
ME EMOCIONANDO
COM O SOFRIMENTO
E AS ALEGRIAS DOS
PERSONAGENS, TORCENDO
POR UM FINAL FELIZ,
SARANDO AS MINHAS
PRÓPRIAS MAZELAS.”

grupo muito harmonioso, podemos dizer que estamos empenhados na descoberta de mediadores de leitura. E a nossa política de mediação é através do encantamento.

Sempre que adquirimos novos livros, montamos exposição para divulgá-los, como aconteceu no período de recesso do mês de julho. Se nossa equipe se sente motivada e apaixonada pela leitura, essa motivação e paixão irão se espalhar às crianças, nas oficinas. E é possível identificar bem essa mudança: na qualidade do trabalho, na autonomia do grupo, na partilha do sonho de uma comunidade de leitores.

Já realizamos Café com Letras e Almoço Literário e gincanas com as crianças, envolvendo os livros e histórias lidas nas oficinas. Mas nossos projetos e sonhos só crescem. Agora lançamos nossa rede para pescar jovens. Com o projeto Leitura em Rede, estamos procurando encantar os jovens da comunidade e queremos instalar Estações de Leitura em outros pontos

do bairro. Sonhos... delírios... possibilidades... Essa palavra é linda! Possibilidade! E foi olhando os adolescentes do projeto como possibilidade que descobrimos um excelente grupo de atuação e contação de histórias.

Uma das atividades propostas para este ano que deu certo foi o projeto Eu conto, tu contas, ele conta..., em que um grupo de adolescentes (monitores do programa de leitura pelo computador) escolhe um livro infantil ou uma história ou conto, reelabora o texto, adapta-o para o teatro e apresenta de forma cômica, fazendo com que as crianças se divirtam e ainda conheçam histórias, autores e livros. Essa atividade nós estendemos às escolas do bairro. Mais uma vez podemos dizer como é bonito e emocionante ver uma equipe tão envolvida! O programa Prazer em Ler reafirmou nosso perfil de atuação. Compartilhamos deste prazer em ler e exercitamos o prazer em fazer!

DIÁRIO DE LEITURAS E RELEITURAS... UMA EXPERIÊNCIA PARTICULAR...

Este livro me chegou juntamente com outros, que me foram doados para encaminhar ao acervo do ECAE. Desfazendo a caixa de livros para verificar de que tipo de literatura se tratava, me deparei com ele e logo me lembrei de um dos adolescentes da instituição que me falou, certa vez, que estava lendo todas as obras do José de Alencar, e que chegava a dez as vezes que havia lido “Cinco Minutos”.*

Fiquei intrigada com aquele interesse em retornar à mesma obra, e me senti limitada por ainda não ter lido esse romance que ele demonstrava ter gostado tanto. E naquele dia, finalmente, furtando um tempo de trabalho, resolvi ler.

Sorri ao pegar o livro, lembrei-me do Rubem Alves. É uma edição de Livro do Professor, vem com questões de roteiro de leitura respondidas e começa com um texto de um professor da USP, falando sobre os símbolos a serem desvendados no romance. Quer dizer, logo de cara já diz ao leitor de que forma ele deve interpretar o texto.

Li inicialmente este texto “decifrador”, depois as questões de interpretação do texto, complexas demais. Lembrei-me das palavras do Rubem Alves e pensei que, se o autor, que escrevera o texto como folhetim, em um jornal diário do século XIX, tivesse sonhado que pegariam seu texto para fazer tantos questionamentos, talvez não o tivesse escrito.

Senti que a literatura precisa ser uma viagem sem relatório determinado, mas uma viagem de prazer. E tratei de ler o livro. Do jeito que sei ler literatura, embarcando na história, me emocionando com o sofrimento e as alegrias dos personagens, torcendo por um final feliz, sarando as minhas próprias mazelas.

Refleti muito sobre as palavras desse que cito pela terceira vez (Rubem Alves): A literatura não serve pra nada! E faz um bem enorme à alma. E sua utilidade está justamente nesta falta de utilidade, no prazer que ela nos causa, na imensa satisfação em um tempo fortuito, quase uma delinquência, numa tarde em que se deveria estar corrigindo trabalhos acadêmicos, se foge ao prazer de algo inútil. Adorei o romance! Mesmo sabendo que é tudo mentira. Unicamente pelo bem que me causou ao espírito. Depois da leitura, escrevi este texto e voltei ao trabalho...

*ALENCAR, José de. “Cinco Minutos”. São Paulo: FTD, 1999.

Maria Evany Nascimento,
coordenadora/mediadora do projeto Espaço Cidadão
de Arte e Educação — ECAE Centro Social e Educacional
Lago do Aleixo Manaus (AM)



✉ Gil>>

Gil, querido

Estou nostálgica hoje. Mas não no mau sentido; no bom, eu acho...rs....

Com certeza, eu já te contei de uma pessoa que me foi determinante. Mas vou falar de novo, tá? (amigo tem ouvidos especiais, né? rs...) Você vai entender por quê...

Todas as férias da minha infância eu passei em Bauru, na casa dos meus avós. Casa grande, com quintalão. No calor quase mato-grossense, as mangas tombavam das mangueiras, nos lambuzando de delícia. Depois do almoço, a gente se arrumava e minha avó nos levava (eu e Ebinha) à casa das primas. Uma delas, Maria do Carmo, já era professora de Português. Ela era uma pessoa especial – conversava muito com a gente, contando coisas e, especial e delicadamente, nos fazia viajar nas histórias de viagem (ela viajava muito, por todo o mundo) e nas de Monteiro Lobato. Ela contava com tanta graciosidade,

que dava água na boca de vontade de ler. Pois foi assim que comecei a me inspirar. Em um Natal, ganhei o “Viagem ao Céu”. Devorei. No outro, “Reinações de Narizinho”. E depois, “Memórias da Emília”, “Gramática da Emília”, e outros e outros mais. Quanto mais eu lia, mais queria ler.

E não é que acabo de receber dois livros que ela publicou?

Nossa, que beleza! Há tempos não tinha contato com ela e chegam os livros. Que emoção!

Ela, minha musa-mestra inspiradora, tornando-se escritora. Outras muitas crianças vão se apaixonar por ler, tenho certeza.

Ah! Vai ter um lançamento desses livros em uma escola daqui. Você quer ir comigo?

Beijinho,
Elô

PS – Que bom ter um amigo pras horas boas também!





Elô

Que susto! Fiquei meio perdidão no começo... Não entendi muito o "nostálgico do bom sentido"...

Pensei na perda de alguém especial, depois em saudade pura e simples de um amor do passado. Talvez ainda a lembrança de algo bonito que passou... E é isso tudo e muito mais, não é? Ou será que eu compliquei ainda mais? Em vez de amigo de ouvidos especiais passo a ganhar o status de um tanto quanto complicador, certo?

Sabe que eu acabei lendo umas três vezes seguidas o seu flash da infância... de pura delícia... Tão lindo! Senti o calor, o cheiro inebriante das mangas e vi, sem conhecer a Dona Maria do Carmo! Veja vc o bom de ler e imaginar... Imaginar e ler... Descobri! Com uma professora tão legal e acompanhada de Monteiro Lobato, vc só poderia ter virado essa educadora superbacana que é.

E essa surpresa que a tua musa apronta agora! Foi o melhor da história! Não dá

pra deixar passar em branco. Temos que ir pra vc matar a saudade e testemunhar a evolução e o merecimento dessa sua mestra querida inspiradora... E com flores e tudo! Rosas, muitas rosas. Conte comigo!

Ah! Vc não me falou sobre os livros da Maria do Carmo, preciso ler! Sobre o que ela escreve?

Vamos combinar.

Espero suas coordenadas.

Beijos

Gil

PS. Parece que a nossa conversa não tem fim, não é? Sabe que assim que eu fui terminando este e-mail eu também tive um lance de revisitar a memória e rever uma pessoa que facilitou o meu encontro com as palavras? Me veio a cena: eu menino com seis anos admirando o meu tio Guerino no armazém, lendo o jornal e anotando tudo nas cadernetas de compras dos fregueses. Ele leu minha curiosidade e no fim das contas foi me ensinando a ler.

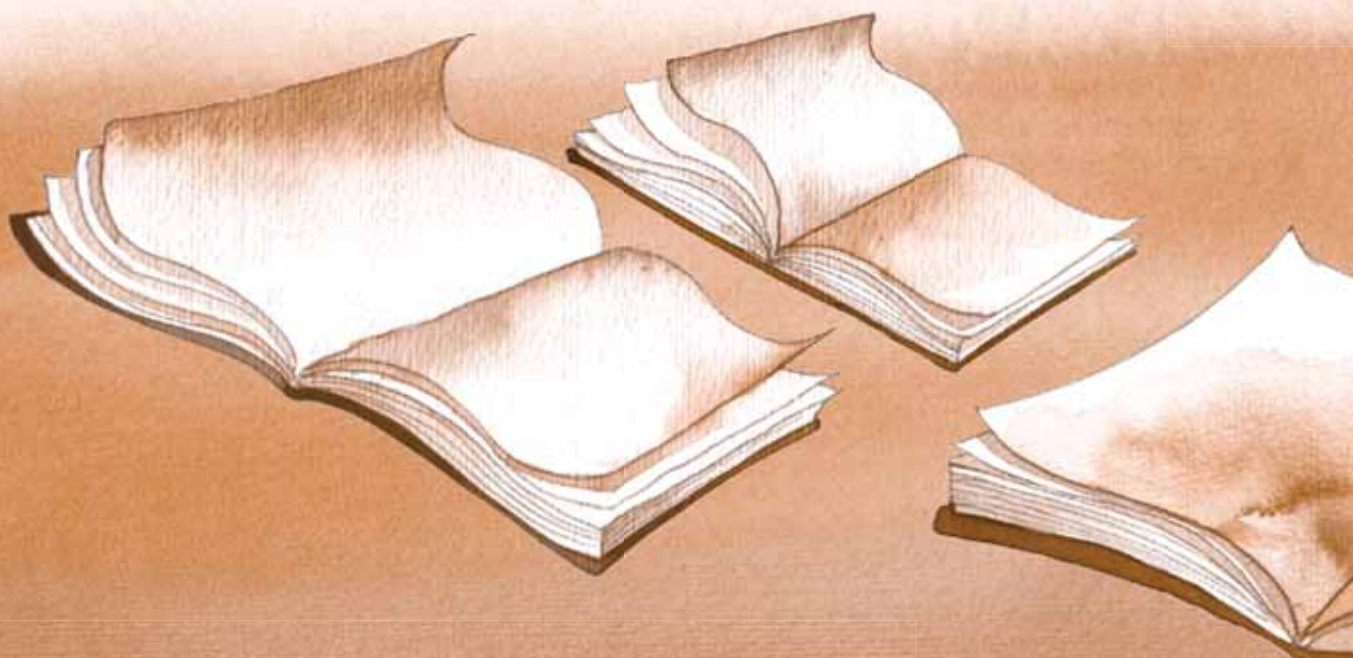
Depois eu conto melhor essa história. Vou tentar escrever bonito como vc.



TERCEIRA PARTE

Sobre ler e escrever e suas múltiplas relações

Onde nos deliciaremos em ouvir vozes experientes,
respondendo perguntas, sussurrando memórias,
histórias e desabafos no rodapé de nossos ouvidos
ávidos e pacientes.





I. Histórias pessoais



A maior das gostosuras

Fanny Abramovich

Educadora e escritora

Tenho a lembrança nítida de que as primeiras histórias que entraram no meu universo e permanecem até hoje foram as lidas por minha mãe. Um ritual noturno. Uma preparação para o dormir, embalada por belezuras. Um acalanto num reino mágico, povoado por reis e princesas, bosques e castelos, fadas e fontes, fortalezas e cavalos brancos, dragões e bruxas... Inesquecíveis!

Começando a ler, continuei me jogando nos contos de fadas. Precisão de certificar-me de que minha mãe não leu errado, não pulou partes. Adentrando as bibliotecas das escolas, eu achava que ali estavam todos os livros do mundo. Vertigem com a imensidão! Dificuldades pra escolher... só um.

Ler com meus olhos, no meu ritmo, de novo e de novo, “Cinderela” e “Branca de Neve”, “Chapeuzinho Vermelho” e “João e Maria”... Palpitações e temores... Saber que o Patinho Feio um dia vira cisne. Alívio. E desconhecidas histórias encontradas num dos 18 volumes do “Tesouro da Juventude”. Contando de princesas em danças rodopiantes, de maldades tenebrosas de gigantes com barba azul, de sono por cem anos, de botas de sete léguas voadoras, de um garotinho pequenino, do tamanho dum polegar...

Também, as malcriações deliciosas dos alemães Juca e Chico, as tristezas vividas pela Sereiazinha ou pelo Soldadinho de Chumbo... A fantástica Terra do Nunca onde só moravam garotos, chefiados pelo voador Peter Pan



e a Fada Sininho, garantindo a acontecência desejada... Suspirante! Inveja total... Os rodopios alucinados da Alice no seu País das Maravilhas! Seguir as estranhezas da rainha, das cartas do baralho, da descida pelo poço. Leitura vertiginosa!

Uma hora, o encontro definitivo com Monteiro Lobato... Pisar no Sítio do Pica-pau Amarelo, largatear ao sol, devorar os bolinhos da tia Nastácia, ver dona Benta recebendo todos os heróis do Mundo da Fantasia... Tudo virando possível. Acontecências pululando.

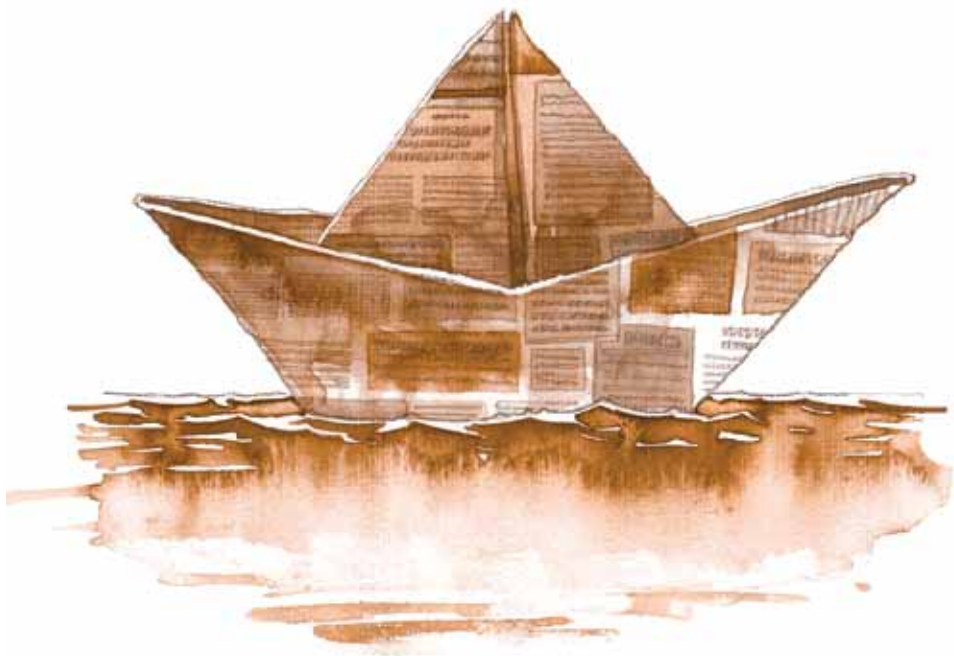
Narizinho casando com o Peixe Escamado, usando o vestido deslumbrante que a dona Aranha costurou pra ela. Pedrinho encontrando o Saci, viajando pra Lua. A natureza em reforma, todos os tamanhos de todos mudando por conta duma nova chave, o Minotauro labirintando. Todos marcantes. Mais, mais. Emília emiliando. Danadadinha. Aprontando, molecando, debochando. Mandando e desmandando no Visconde de Sabugosa. Transgredindo. Avacalhando. Totalmente maravilhenta!

Botei o pé no Sítio e quis ficar morando lá... pra sempre. Vi a Emília falando sua primeira asneirinha e quis ser igualzinha a ela. Continuo tentando... Uma vez, escrevi num artigo: “Como escritora, só queria dar aos meus leitores 10% do prazer que Lobato me deu”. Tempos depois, corriji minha pretensão. Diminuí pra 5%. Saboreio a alegria que ele continua me dando, em cada releitura, em cada reencontro. Paixão desde o primeiro encontro. Grude pela vida toda.

Depois, fui mergulhando nas aventuras do Tom Sawyer, do Huck, divertidamente contadas pelo Mark Twain, e na aceitação da escravatura dos negros na “Cabana do Pai Thomas”, no mesmo Mississippi... As historietas romântico-desvairadas de M. Delly, sobre altivos filhos bastardos da nobreza... Os corajosos capitães da areia do Jorge Amado, os cinco volumes desgracentos dos “Miseráveis” do Victor Hugo, as biografias apontando um modelo seguível... Só escolher entre as sofrências do Van Gogh ou da Anne Frank, a soltura da Isadora Duncan ou a firmeza da Hellen Keller, cega, surda e muda...

Mais as mudanças de cenário, abrindo as portas da distante China nos textos do Lin Yutang ou da Pearl S. Buck, a impiedosa e sádica Inglaterra pelos olhos do Dickens, a fibra e o destemor dos soldados soviéticos se arrastando pelas estepes nevadas da Sibéria, aquecidos pela chama do socialismo... Os mares navegados pela Moby Dick, as espingardas atirando pelas florestas nas caçadas do Hemingway, Paris acolhendo nos seus cafés os artistas do mundo nuns duzentos livros escritos por uns duzentos autores diferentes... Viagens por muitos caminhos, desembarques em diferentes portos. Deslumbramento sem rotas.

Ler, pra mim, foi sempre aturdimento. Foi embevecimento, amor, namorico, paixão, volúpia. Um vício indispensável. Parei de fumar com a ajuda da acupuntura. Mas parar de ler e ter crises de abstinência, sem chances. Não há agulha que segure. Posso ir levando, deixando pra lá, sem coisas que gosto, curto. Sem café, sem uma refeição, sem condução. Resolvidas de outro jeito, adiadas. Mas, sem livros, a vida, pra mim, é impensável!



Lembranças de leitura e escrita

Heloísa Amaral

Mestre em educação, consultora para projetos pedagógicos e pesquisadora do Cenpec.

As memórias das minhas primeiras aproximações da leitura e da escrita são daquelas lembranças que ficam desarrumadas, feito gavetas entreabertas numa cômoda antiga, com pedaços de roupas, papéis velhos, bonecas sem braço saindo pelas frestas. Talvez a cômoda das lembranças seja mais antiga do que eu, ultrapasse minha existência concreta. O fato é que posso vê-la perfeitamente daqui, como se fosse uma cena de cinema que posso ver de longe, mas sentir de perto.

Se eu entrar na cena e puxar devagarinho aquele papel amarelo e um pouco amassado cuja ponta aparece na segunda gaveta, não sei o que vem junto: com as letras que me fascinam desde sempre, talvez venha a cartilha Sodré, talvez aquele livro encantador, o da história da patinha Quá-Quá.

Esse foi o primeiro livro que lembro de ter comprado, era um dia que eu merecia um presente, não sei se de aniversário, acho que tinha uns quatro anos. O fato é que eu podia escolher um presente, escolhi um livro. Fui com meu pai. Coração saindo pela boca, tranças bem trançadas com fitas na ponta, entramos de mãos dadas na livraria, única da pequena cidade do interior. Na livraria, as pilhas de livros aumentaram a aflição que eu já tinha. O que escolher, meu Deus! Escolhi o primeiro, o que estava em cima da pilha, nem quis ver os outros. Meu pai, boa-praça, conversador que era, encompridava o papo com o homem da livraria e eu puxava a ponta do paletó dele, vamos embora, quero ver o livro em casa.

Ver. Era isso. Eu estava longe de saber ler, ler como era entendido naquele tempo, ler decifrando, conhecendo as letras, a mecânica delas, esta mais esta dá isso, ba-be-bi-bo-bo-bu...

Então, ler “de verdade” eu não lia, eu via as figuras e nem tentava decifrar aqueles símbolos misteriosos que estavam lá, coisa pra gente grande. Minha mãe lia pra mim. Meu pai lia pra mim. Minhas primas mais velhas liam pra mim na mesa branca da cozinha, virando as páginas devagar. Eu não. Nem tentava, achava aquilo muito nobre e elevado, não era coisa pra meninas pequenas e levadas.

Naquele tempo não tinha televisão no Brasil. Na minha casa tinha um rádio grande, com duas cadeiras de braço (uma pro meu pai, outra pra minha mãe) em frente, e um tapete pequeno no chão. O rádio era uma beleza, entronizado como santo no altar num móvel alto. Tocava música, fazia

chiados, passava novela da Rádio Nacional, o “Direito de Nascer”. Mas, principalmente, o rádio passava o “Repórter Esso”, logo depois do jantar, e meu pai escutava tenso e silencioso as notícias. Ninguém podia falar nessa hora. Depois, os dois sentados nas poltronas ouviam música e liam, cada um com seu livro, enquanto as crianças brincavam por perto. Depois do livro da patinha, nunca mais brinquei enquanto eles liam. Deitava no tapete e também “lia”, imitando meu pai e minha mãe. Minha tia velha, quando estava por perto, repetia um provérbio da roça, “Comeu, garrô lê, morreu”. De quando em quando, minha mãe ralhava: “Tira o cabelo do olho menina, vai ficar ruim da vista”.

Demorei um pouco pra ler de verdade, meu irmão mais novo percebeu antes de mim o nome das letras e que elas faziam algum sentido quando se juntavam. Só fui achar que podia ler mesmo depois que entrei na escola. Aí sim, desembestei a ler tudo quanto era coisa escrita, livro, revista, nome de rua, placa de loja, rótulo de Bom-Bril, a esponja mágica do Brasil, o rótulo das latas de Toddy no café da manhã, o rótulo do Pó Royal, fermento de fazer bolo que tinha uma foto da latinha no rótulo da latinha, coisa muito misteriosa.

Eu olhava aquilo e ficava imaginando que na foto da latinha havia uma outra foto da latinha, que tinha uma outra foto da latinha, até o infinito, e aquilo me fazia distraída no meio da mulherada da casa que se reunia na cozinha pra quitutar. As letras e as figuras me interessavam mais que tudo.

Da cozinha, lembro mais do caderno de receitas da minha mãe, letra linda, caprichada, tombada para a direita, fácil de ler, do que das receitas ou do gosto das comidas que lá se preparavam. Era uma escrita diferente da dos livros, dava pra sentir minha mãe nela, o jeito delicado de escrever revelando o jeito delicado da pessoa, moça frágil e sensível que se agarrava à vida por causa dos filhos que queria ver crescer... Já as lembranças da minha própria escrita ficam sempre mais ligadas às obrigações da escola, aos cadernos, às folhas de papel almaço onde a gente escrevia textos.

Em casa, diferente da leitura que era puro prazer, a escrita era obrigação, era dever. Na escola, algumas vezes escrevíamos descrições, quase sempre à vista de uma gravura, outras, reproduções de fábulas e, em outras poucas vezes, composições sobre temas populares na escola, como as férias, por exemplo. O que eu mais gostava era escrever olhando os cartazes com cenas de infância que a professora pendurava. Às vezes era só descrever mesmo, outras vezes tínhamos licença para imaginar uma história que ia além da gravura e escrever mais livremente, o que era uma viagem.

Mas eu gostava de ler e escrever na escola, não era ruim. O que eu não gostava era da minha letra. Os textos iam se arranjando na minha cabeça, velozmente, mas a mão não ajudava. Escrevia feio, uma letra irregular que

não sabia pra que lado ia, desobedecendo minha vontade de escrever bonito e arrumado como minha mãe escrevia. No esforço, a mão transpirava, o caderno amassava, um sofrimento. E quando era para “escrever à tinta” no caderno de caligrafia? Escrevíamos com “canetas de pena”, mergulhando-as em tinteiros de vidro que muitas vezes entornavam, derrubados pela falta de destreza das mãos infantis... Um sofrimento só, aumentado pela inveja que eu tinha das colegas habilidosas.

Então, nesse caminho de ir e vir pela vida, tenho lido muito, não morri até hoje nem fiquei cega com a leitura, o que foi ótimo, porque nunca mais parei de ler, pude ler muita coisa nessas muitas décadas que me separam da patinha Quá-Quá. Também escrevo muito e, graças a Deus, no computador que tem letras variadas e muito mais bonitas do que a minha, embora nenhuma delas seja mais bonita que letra da minha mãe, a mais linda que eu já vi.



2. Entrevistas



Perguntas discretas e comportadas para respostas nem tanto

Convidamos três profissionais, pessoas acostumadas a lidar com a leitura e a escrita em sua vida e em seu trabalho, para responder e comentar sobre as relações entre ler e escrever.

Das suas respostas tiramos conclusões, embora apressadas, interessantes: quem escreve é sempre leitor; nem todo leitor é escritor; ler tem a ver com a ampliação do universo; ler ajuda a desenvolver a lógica de escrever; ler e escrever são delícias da vida; ser um apaixonado pela leitura é condição para formar leitores e mediadores de leitura; a leitura e a escrita estão presentes intensamente em nosso cotidiano; dominar a escrita significa ter poder, e leitura é matéria-prima do escritor.

Comprove e delicie-se.

Luiz Antonio Aguiar

Escritor, mestre em Literatura e presidente da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil

Ler e escrever fazem parte de sua vida?

Como, desde quando, por quê?

Ler foi uma alternativa de sanidade para mim. Escrever idem. Eu me fiz gente no mundo escutando lerem para mim as histórias das 1001 Noites! E viajava no mercado de Bagdá e naqueles desertos e oásis – meus cenários prediletos. Ler, quando aprendi a ir às histórias por conta própria, acrescentou ao meu mundo uma viagem da qual eu precisava, e ainda preciso, para encantar a vida. Dito assim, parece um tanto melodramático ou pelo menos exagerado. Mas aconteceu assim mesmo. Eu precisava dos mundos abertos pelos grandes clássicos da Literatura, principalmente aqueles que viraram clássicos para jovens leitores, tipo Gulliver e Robinson Crusoe, assim como precisei de Monteiro Lobato, de Charles Dickens, da Condessa de Ségur (Ah, Memórias de um Burro! Ah, as meninas exemplares!). Eu precisava ler! E lia, horas seguidas, dias e dias seguidos. Isso, desde criança. Daí, fui crescendo, tive aquela fase que todo mundo tem em que se cometem poemas, depois fui em frente, comecei minha vida profissional... E um belo dia percebi que jamais sentiria que estava fazendo algo importante na minha vida se não comesse a escrever. Comecei, então. Primeiro um romance conturbado, depressivo, que jamais quis publicar. E foi quando um afilhado meu, com seu olharzinho sonhador, me fez escrever “Tristão”, as aventuras de um menino da cidade grande. Um conto infantil, que publiquei pela Editora Record, 22 anos atrás. Daí, descobri o que gostava de fazer – escrever, sim, e para crianças e jovens leitores.

Em que praias, a leitura e a escrita caem uma nos braços da outra e mostram suas intersecções?

São coisas diferentes. Nem todo mundo que gosta de ler escreve. Mas não conheço quem escreva (ficção, principalmente) que não seja um leitor. Ler tem a ver com essa ampliação de universo e vida, que entra numa pessoa por caminhos diversos: a estante de livros em casa ou na casa de alguém próximo, a biblioteca na escola, etc. Então tem todo esse desenvolvimento de conteúdo que leva a gente à possibilidade de se expressar para o mundo. Ler produz idéias, tanto para a vida quanto para escrever. Na leitura, a gente vai desenvolvendo ouvido para a composição das frases, dos parágrafos, da lógica por escrito, do texto. Vai desenvolvendo também intimidade com

as palavras, percebendo, por exemplo, que uma palavra sozinha significa pouco, mas que ganha significado na medida em que se articula com o texto; vai percebendo que uma palavra pode ser explorada de diversas maneiras, coisas assim.

Cite dois ou três argumentos para convencer uma pessoa qualquer sobre a necessidade e importância da leitura e da escrita nos dias de hoje

Cito. É a possibilidade de qualquer pessoa participar de uma expressão nobre de nossa Humanidade, de nossa especificidade (humana, do sentimento que nos torna humanos e grandiosos), de algo que vem sendo desenvolvido e cultivado no Planeta há mais de 5 mil anos – a escrita –, com grande sucesso, ampliando a memória, tornando possível às histórias e sonhos passar de uma geração para outra e interligar extremos do mundo, alastrando-se sempre, sem se perderem. Algo, uma conquista humana, que foi fundamental para a criação e o desenvolvimento da cultura ocidental (assim como de outras culturas), que é esse cadinho do qual participamos. Além do mais, naquele momento em que se está sozinho, eu comigo mesmo no mundo, o livro é a melhor companhia, a que respeita essa solidão cósmica e, paradoxalmente, viaja conosco, explorando-a. Isso mais vislumbres na alma humana, em mundos desconhecidos e inventados. E na possibilidade (sugerida pelo Era uma vez, entre outros) de se transformar a vida e o mundo, e de ver o mundo como uma obra humana, repleta de variações, diferenças, contrastes, realidades...

Hoje, nesta sociedade hiperinformada, é possível viver sem ler e escrever?

Em outros contextos, sim, mas não numa cultura como a nossa, urbana, globalizada, onde informação é poder. Em nosso contexto, ser privado da leitura e da escrita é uma condenação, uma exclusão cruel. É se colocar como vítima perfeita para qualquer tipo de manipulação, pois a pessoa que mal lê e mal escreve nem tem autonomia para indagar e descobrir por sua própria conta, nem para se manifestar, para se expressar, para dizer quem é ao mundo e o que procura, o que deseja e sonha. Mas, mesmo que fosse possível viver sem ler e escrever, a questão é quem quer viver assim, sendo ocidental, contemporâneo, mas privado da capacidade de participar dessa aventura humana, de ser herdeiro desse legado/tesouro que recebemos, de participar desse riquíssimo mercado de troca de descobertas, individualidades e informações. Some-se a tudo isso uma última coisa: ler e escrever são grandes delícias na vida da gente, e não se enganem com a ladainha de

que as novidades tecnológicas do mundo irão suprimir a expressão escrita. Nossa cultura tem uma natureza e raiz tal que me parece que, a cada nova tecnologia que se inventa, o que se cria são mais e mais maneiras de difundir e reutilizar a palavra escrita.

Paulo Gonçalo dos Santos

Professor da Rede Municipal de Ensino de São Paulo,
coordenador do Programa de Salas de Leitura das
Escolas Municipais de São Paulo

Ler e escrever são decisivos em sua vida? Em que sentido?

Sim, é decisivo ler e escrever em minha vida porque lendo me permito sonhar com um mundo melhor, onde as diferenças propiciem aprendizados e estes propiciem a construção de caminhos que possibilitem a todos uma vida plena, e, escrevendo, posso sempre registrar estes sonhos que vêm cheios de imaginação, desejos, loucuras, sofrimentos e alegrias.

Você também pensa, como muitos, que nós entendemos o mundo em que vivemos a partir daquilo que lemos? Por quê?

Sim, pois o mergulho em toda a história já construída pelo homem só é possível através da leitura e, sem isso, é impossível compreender todos os processos que levaram, levam e levarão o homem a buscar superar-se sempre. A possibilidade de vivenciarmos sabores, perfumes, sensações que não são próprias de nosso lugar, só é possível através da leitura. Assim sendo, aquele que nunca deixou seu lugar poderá, sim, conhecer todos os sabores, sentimentos, prazeres e desprazeres de outros lugares através da leitura.

É possível ajudar alguém a melhorar seu desempenho na leitura e escrita, fora do âmbito escolar?

Sim, é possível. Penso que uma conversa sobre qualquer assunto, quando recheada de conhecimentos adquiridos através de uma lei-



tura, seja um romance ou uma notícia de jornal, pode mover o outro a ler. O mesmo pode acontecer com a escrita, pois, se escrevo bilhetes, cartões, cartas para os que me tocam, estarei de alguma forma tocando-os para a possibilidade de também registrar seu pensamento, seus sonhos, suas expectativas em relação a mim e a outros de seu círculo de amigos, profissionais ou escolares.

Ler e escrever podem alterar os horizontes das pessoas? Mexem com os seus?

Podem sim, e profundamente, a leitura o leva a qualquer canto do mundo e a qualquer mundo, possibilita que você entre nos mais diversos universos imaginados pelo escritor e, num desses mergulhos, você se depara com o seu sonho, com o seu mundo, com aquilo que desejava um dia encontrar, aquele pensamento que lhe responde uma dúvida antiga, aquele verso que traduz seu coração. Enfim, os meus horizontes são freqüentemente mexidos com as leituras que faço porque para mim este é um exercício de vida.

Dos seus muitos anos de prática como formador de leitores e formador de mediadores de leitura, quais dicas ou conselhos daria para os formadores de leitores?

A cada dia que passa penso que o trabalho com leitura está colocado dentro de um “estado de paixão”, ou seja, quando o ser humano está apaixonado tudo é permitido, não existe ser humano apaixonado que não se torne encantador e convincente aos olhos dos outros. Portanto, minha única certeza em relação à formação de leitores e de mediadores de leitura é que seja necessário ser apaixonado pela leitura, mas não basta uma paixão qualquer, deve ser uma paixão avassaladora para assim poder arrastar todos os envolvidos para este estado, afinal, como já dizia o grande poeta, todas as cartas de amor são ridículas, mas ridículo mesmo é quem nunca as escreveu. As questões da leitura para mim são assim, é ridículo não estar apaixonado por elas.



Em que medida, ler e escrever são fundamentais em sua vida? São desejos ou necessidades?

Muitas vezes, não nos damos conta do quanto lemos e escrevemos no dia-a-dia. Logo de manhã, fico entretida, lendo a composição da margarina que uso ou a tabela calórica do pão de forma. Depois, escrevo um bilhete pro meu filho, para que ele não se esqueça de algumas coisitas que tem que fazer. Passo os olhos na revista semanal, para separar o que vou ler, mais tarde. Pego os boletos de pagamentos e faço as contas do que vou pagar no dia. Desço de elevador para a garagem e leio um novo aviso do condomínio que está afixado. Puxa vida, novas despesas... é sempre assim! No farol, um rapaz coloca um saquinho plástico no espelho do carro, com uma mensagem otimista, para receber seu ganha-pão. Na rua, os cartazes gigantes querem me convencer a comprar um carro novo, a frequentar um shopping tal, a votar em fulano, etc. Aproveito um congestionamento, para anotar algumas idéias de um trabalho que estou fazendo. Na volta para casa, sento no computador para ler alguns e-mails e escrever outros tantos. Delícia poder falar, com tanta gente, em pouco tempo! Mais tarde, leio ainda poemas do poeta preferido, para, assim, poder ampliar a vida. Ainda dá tempo de ler alguns textos sobre educação, para um outro trabalho. Enfim, ler e escrever representam tanto desejos quanto necessidades: lemos e escrevemos, em situações e modos diversos. Ou seja, as diferentes esferas das atividades humanas constroem, na sociedade, enunciados relativamente estáveis, denominados gêneros do discurso. E estes gêneros permeiam a nossa vida e a interação com o outro. Quanto à melhoria da capacidade leitora, no mundo atual todos têm um papel fundamental: políticos, mídia, pais, professores...

Ler e escrever se interseccionam? Em que se aproximam e se distanciam?

Ler e escrever são dois processos distintos, mas interdependentes. A escrita nasceu, inicialmente, da necessidade humana de registrar e de se comunicar. Posteriormente, a função de regulação e de controle social da conduta foi expandida por meio das noções de leis, direitos, de normas e de correção que estão associadas à escrita. Na antigüidade e na Idade Média, a escrita esteve ligada à idéia de magia, de religião e de privilégio social. Não é, por acaso, então, o poder da escrita e de quem a domina. Assim, algumas perguntas são

necessárias: Quem tem acesso à escrita? O acesso à escrita pode ser ainda um desafio democrático? Como tem sido a produção e distribuição das riquezas culturais ao longo da história da humanidade? A leitura, por seu lado, é um processo em que autor e leitor se aproximam, por meio de um texto (seja ele um poema, uma carta, uma tela de pintura, um mapa geográfico, uma tabela, etc.), com suas intenções, conhecimentos, interesses, e é, nesta relação, que os sentidos do texto são construídos. A leitura e a escrita interseccionam-se, sem dúvida, até porque só se pode ler o que está escrito, mesmo que entendamos que a leitura não se restringe à decodificação. É possível dizer ainda que a leitura é matéria-prima para se escrever. Onde estão os assuntos/temas sobre os quais escrevemos? Em diferentes textos que lemos. Como escrever o que queremos dizer? Nossas leituras ajudam neste “como escrever”, ainda que o processo de escrever seja um trabalho distinto, e, neste sentido, vale lembrar a lição do mestre Graciliano:

“Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa seja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso: a palavra foi feita para dizer.”

(quarta capa do livro “Vidas Secas”,
de Graciliano Ramos. RJ: Record, 97^a edição, 2005)

É possível ensinar, transmitir ou construir o gosto pela leitura e pela escrita?

Acredito que sim. Quando estamos plenamente convencidos de que ler/escrever é bom, é necessário, é um direito de cidadania, é importante, é vital, podemos influenciar o outro, na mesma direção. No entanto, este “convencimento” vem mais da ação do que da palavra. Ou dito de outra forma: não é dizendo que é bom, mas demonstrando, pelo exemplo, pelas ações. Um outro aspecto é considerar que o leitor e o “escritor” nunca estão prontos: são processos contínuos, inacabados. Mais um aspecto é compreender que cada leitura nossa traz ecos de outras tantas leituras que fizemos ou que outros fizeram. Cada texto escrito traz na nossa palavra a palavra do outro, uma



vez que nós, seres humanos, nos constituímos como “seres de linguagem”. O importante, enfim, é não acreditar em talento, puro e simples, para ler ou escrever. Quanto à escrita, Vinicius dizia que escrever é 30% de inspiração e 70% de transpiração.

No mundo de hoje, no Brasil de agora, caracterizado pelo excesso de informações disponíveis graças principalmente ao avanço da tecnologia, como encarar essa relação do uso da língua com o computador, por exemplo?

Os textos existentes no mundo respondem a necessidades, interesses e finalidades diversas do viver em sociedade. Os avanços da informática, como ferramenta da informação, num mundo globalizado, não estão ainda completamente dimensionados, mas uma questão tem sido enfatizada: a reafirmação de alguns usos da escrita. Pensar, por exemplo, nas várias salas de bate-papo presentes na internet que são categorizadas por idade de seus usuários, por interesses comuns, por temas, etc. Pensar inclusive no computador como suporte de texto. Ou seja, a “história da escrita”, como a própria história da humanidade está sendo constituída, uma vez que somos todos seres históricos, datados, tem mudado seus instrumentos, mas as relações discursivas permanecem. Sem dúvida, a grande questão de hoje é exatamente a avalanche de informações, por isso o como selecionar e relacionar as informações é que é o “x” do problema. E isto se faz enfrentando a questão e não a negando.

3. Desabafo!

Ninguém é de ninguém, nem as palavras.
Escrever: da solidão à solidariedade

Jorge Miguel Marinho

Mestre em Literatura, dramaturgo,
escritor e professor da UNIFIEO



“Sei pouco de mim,
mas tenho a meu favor
tudo o que não sei...”
(Clarice Lispector)

Para mim, partindo de um prazer bem subjetivo, a leitura de fato, aquela leitura boa e feliz, acontece ao acaso, e não por acaso, quase sempre, se torna um caso de amor.

Falando de intimidade, eu acho interessante contar como comecei a ler porque a minha história de leitura inicial é muito precária, retardatária e clandestina, diferente do mundo de livros que fez parte da vida de outros escritores. Por isso mesmo, ela me parece muito singular – ao menos serve para questionar ou até implodir um certo senso comum: para ser escritor é preciso ter lido os clássicos, sem esquecer a filosofia, a história, os contos da carochinha e quetais.

No meu caso, ninguém me contou histórias, não havia livros em casa, meus pais mal sabiam ler e aquela biblioteca escolar nunca existiu. Não houve clássicos na minha infância e a classe que me recebeu muito bem veio de um pai caminhoneiro e de uma mãe alegre e asmática que pensavam nos livros com respeito, mas muito depois da garimpagem do arroz com feijão. Quando penso como comecei a ler, lembro de um peixe alado sem saber muito bem a razão. Talvez porque essa imagem – do espinhaço às asas invariavelmente azuis – me revele a realidade e o sonho casados em partes iguais.

Mas o que interessa dizer é que a leitura chegou muito tarde na minha vida, e esse atraso que se cristalizou em mim como um sentimento de falta acabou se tornando o meu encontro mais pontual. Explico melhor: o meu primeiro contato com os livros só aconteceu aos quinze anos e a obra que me abriu as portas do maravilhoso mundo das narrativas foi “Os Padres Também Amam”, de Adelaide Carraro, para muitos leitura apelativa, de “sacanagem” mesmo, principalmente esta que mistura sexo com religião. Na época eu gostei muito e li os outros livros dessa minha primeira autora, todos eles emprestados por uma amiga que lia sempre às escondidas, um dos melhores métodos como convite à leitura densa, tensa e curiosa. Li e esqueci porque essa leitura não atendia mais do que uma necessidade imediata. Mas o sentido da necessidade, provocado e momentaneamente satisfeito pela narrativa ingênua, demagógica e inflacionada de clichês, ficou. Talvez pela própria percepção de que na minha história havia ausência de livros e a leitura preenchia vazios.

Foi isso: comecei com a pornografia, no meu caso salutar e necessária para a satisfação de algumas curiosidades sexuais da adolescência, e então o livro passou a existir. Bem depois, só com dezoito anos, fui lendo Saint Exupéry, Machado de Assis e, é claro, Clarice Lispector, que é a minha companheira de leitura de sempre e, mais uma vez subjetivamente, a escritora que eu pedi a um peixe alado, sem a menor noção de palavras ou anzóis. Clarice me ensinou que “dar a mão a alguém” é tudo o que se pode esperar da alegria, que escrever é tentar agarrar aquele peixe alado tendo “a palavra como isca” e sabendo que o significado maior e mais real da palavra fica nas entrelinhas. Sobre tudo ela me revelou que o mistério, o extraordinário das coisas, reside e reina majestosamente nas coisas mais simples e banais.

Entre o cálice e a boca

Jorge Miguel Marinho

Escrever é busca sem fim,
Palavra norteando palavra,
Uma corrigindo a outra.
O texto, por ser promessa,
Sempre exige mais sentido
E, insatisfeito, descansa
Provisoriamente
Na página ávida
E ainda impessoal.

Melhor é cozinhar:
Quando se põe sal demais
Na comida,
Joga-se tudo no lixo
Em troca de uma desistência
Quase correta e feliz.
Nos dois casos
Resta a fome,
A fome é a danação da boca,
Da palavra.

Vieram então Graciliano Ramos, Cortázar, García Márquez, Murilo Rubião e tantos outros. Hoje eu acredito mesmo que essa ausência de leitura até a adolescência e, depois, um excesso de livros, personagens e pessoas fizeram de mim um escritor. Um toque inicial do acaso seguido de um caso definitivo de amor. No mais, é bom lembrar que a criação decorre de um sentimento de falta, uma súbita sensação de carência ou até penúria da realidade que a palavra literária busca corrigir. Na verdade a literatura é sempre motivada por um sentimento de ausência e vive de um contraponto – o conflito entre o real e a fantasia, entre a realidade de fato e a utopia, entre o que falta e o que pode se completar com sua linguagem plena de entusiasmo.

Às vezes as pessoas me perguntam: “O que é escrever para você?” Só posso responder com impressões mais subjetivas ainda, sobretudo por se



tratar de literatura. O melhor é sempre atirar palavras como iscas no anzol, acreditando naquele mesmo peixe alado que muito eventualmente mora no mar. Qualquer coisa como tentar seduzir alguém e se entregar à sedução, fazendo a corte com um olho vesgo e um olho quase bom.

Pronto! Com esse final alguma coisa eu fisguei. Sim, porque esses dois olhos me parecem importantíssimos para escrever. Com um, eu busco inquietar a realidade sempre precária e, com o outro, eu procuro não perder o foco desse mundo fantasticamente real. No fundo, obstinação e um diálogo com uma porção significativa da vida, momentaneamente na palma da mão. E não podia ser diferente. Afinal, a minha relação com a literatura é um caso de amor à primeira página, olho no olho, um se completando no outro em silêncio, através de simples acidentes do amor. E tem mais: tendo eu me tornado um leitor obsessivo e um escritor “com desejo de ser”, sei muito bem que escrever não é matéria quantificável. Pescando melhor: “escrever não é um ser de vontades, escrever é uma vontade de ser”.

Enfim, leio e escrevo e a impressão mais tocável é aquele sentimento de carência e mais aquela certeza utópica de que a literatura, “sonhando nas palavras o sonho de todos”, é capaz de cobrir os vazios do real. Nesse sentido, ela é talvez a forma mais generosa de linguagem – sempre movida pela incompletude e nunca satisfeita de si, centra obsessivamente pequenas porções da realidade que assumem uma dimensão universal. Em síntese, a literatura, por mais pessimista que seja, é sempre uma proposição de felicidade como o Mário de Andrade já falou mais de uma vez.

É isso: sou feliz por escrever e sei que a literatura faz viver porque revela, para quem escreve e para quem lê, um mundo que está por se fazer. Sinto também que, escrevendo, nunca se está só, embora o ato de escrever seja extremamente solitário. Simples: como ninguém escreve para si mesmo, da solidão da escrita busca-se a solidariedade do leitor. Difícil dizer mais.

Depois que eu escrevo um livro, ele está escrito e pouco ou nada sobra para eu dizer. O que resta é uma expectativa de leituras e a única palavra possível é a voz do leitor. Esta sempre chega para abreviar os espaços e aproximar as pessoas. Então eu sei que algo se cumpriu como se aquele peixe alado fosse a palavra amorosamente grávida de realidade à espera de alguém.

E, para fechar provisoriamente esta página, penso como Clarice Lispector, e é ela que me dá mais uma vez as palavras que me faltam e vão continuar motivando a experiência única de escrever:

“Escrever é um ato solitário, solitário de um modo diferente de solidão. Escrevo com amor e atenção e ternura e dor e pesquisa, e queria de volta, como mínimo, uma atenção e um interesse”. ●

Anotações Avulsas

(ENCONTRADAS EM UM BANCO DA PRAÇA DO RELÓGIO, EM UMA DAS MAIORES UNIVERSIDADES DO PAÍS)

Das mediações sedutoras

Aconteceu por acaso, sem preparação nem cerimônia especial. Eu era criança, tinha nove ou dez anos, e meu pai, que era pedreiro, resolveu finalmente me levar à obra onde trabalhava. Não era dia de festa de cobertura da casa, nada disso. Nessas ocasiões, a menos que o dono não permitisse, íamos todos à obra para festejar: eu, meus irmãos e até minha mãe. Participávamos com convicção da celebração antiga que relembra a importância essencial de se ter um teto. Íamos como quem vai a um ritual. Sem alardes, com circunspeção, mas com alegria grave. Tomávamos banho, nossa mãe examinava especialmente orelhas e pescoço, vestíamos roupas limpas e passadas, engraxávamos os sapatos e tínhamos que nos pentear adequadamente para não desmerecer a ocasião. Chegávamos por volta do meio-dia, com a casa já coberta, em mutirão começado quase de madrugada.

À época do acontecido, meu pai estava reformando a residência do seu João, um funcionário do Hospital das Clínicas que, de vez em quando, aparecia em casa, na então longínqua Vila Sônia. Homem cordial e sereno, seu João não era do tipo que se chatearia com a presença de uma criança em meio à balbúrdia que toda reforma produz, por mais simples que seja. E, além do mais, eu não era uma criança qualquer. Era o filho do pedreiro, do seu André!

A convivência fraternal talvez tenha sido providencial para a inédita decisão de meu pai que, em dia de trabalho comum, jamais nos levava às obras, apesar da vontade que eu e meu irmão mais velho tínhamos de ir “trabalhar” com ele. Será que ele não nos levava justamente por isso? Será que temia nosso interesse, se quiséssemos ser pedreiros como ele? Não sei não, meu pai era homem de enormes silêncios. Mas também não tem importância. Não sei relatar com minúcias tudo que aconteceu. A memória turva e seleciona os fatos, principalmente quando lá se vão 50 anos.

Por isso, não me perguntem da decisão de ir, da preparação para sair quase de madrugada, do caminho percorrido, se era verão, outono ou inverno. Não sei desses detalhes, sequer se a família estava lá ao chegarmos, se nos recebeu com café, biscoitos ou água.

O que me lembro é que a casa era branca, que mesmo sem excessos era um sobrado quase imponente, ressaltado pelo terreno em auge e pela ausência de vizinhos nas proximidades. Eu me lembro também que num dado momento me achei sozinho numa sala retangular, grande e clara, banhada por um dourado e magnífico sol matinal. Disso não tenho como esquecer, tampouco do volume coberto por um lençol, encostado na parede contrária à da janela por onde chegava o sol. Enquanto viver, vou lembrar.

O volume não era excessivamente grande, nem na altura, na largura ou na profundidade. Fora deixado ali certamente de propósito, dadas as suas proporções, incapazes de atrapalhar a reforma. Minha curiosidade, todavia, que nunca foi pouca, começou a ficar intrigada. O que estaria escondido sob aquele lençol? O que haveria ali que poderia ficar imune aos perigos inevitáveis do cimento, da cal e da areia?

Tentei adivinhar, imaginar o que era. Como alguns especialistas em crianças gostam de dizer hoje em dia, tentei construir hipóteses! Mas foi em vão. As formas que se insinuavam sob o lençol não sugeriam nada conhecido à minha pouca idade. Eram a mais pura incógnita.

Não sei como as pessoas reagem. Quanto a mim, aos 10 anos, era impossível ficar sem tentar desvendar o mistério. Eu era ávido por conhecer, não conseguia me conter diante de um desafio como aquele. Era urgente, inadiável, visceral. Coisa de temperamento! Assim, apesar dos riscos de alguém da casa poder chegar, de meu pai ficar sabendo e nunca mais querer me levar de novo a uma obra, eu tinha que descobrir o que se ocultava sob aquele tecido.

Superando todos os receios cabíveis ou não, tomei coragem e avancei para o lençol, o ar quase me faltando. Puxei-o de um só golpe, deixando-o escorregar pelo chão. O que vi, então, pareceu-me fabuloso por suas belas e esguias formas. Tratava-se de um móvel de discreta madeira escura, de aproximadamente um metro e meio de altura por um de largura e que mais tarde fiquei sabendo chamar-se estante. Tinha cinco ou seis prateleiras, fechadas por um vidro, emoldurado pela mesma madeira do conjunto todo.

Totalmente desconhecida no meio em que eu vivia, a peça me impressionou por sua aparência e função. Guardava livros que eu não sabia existirem nas proporções e beleza ali exibidas: livros grandes, de capa dura, anunciando

escritos que certamente extrapolariam minha imaginação. Livros diferentes da esquelética, mas tão querida cartilha, onde eu aprendera a ler. Eram imponentes, cuidados, iguaizinhos no formato e nas cores, zelosamente alinhados e protegidos na tal estante de vidro!

Ante a descoberta inesperada, com o coração palpitando de medo, desejo e culpa (se me flagrassem, tão criança, penetrando ávida e indevidamente nos segredos dos lençóis alheios!), não resisti: levantei o vidro e, com movimento preciso, encaixei a moldura na correição, deixando vários exemplares ao alcance de minhas mãos. Contudo, antes de tocá-los, olhei-os cuidadosamente, procurei diferenças e reentrâncias, sinais que pudessem indicar segredos ali escondidos. Santo Deus, o que estaria guardado dentro de tão belas e esverdeadas capas? Que venturas, sabores e prazeres elas poderiam oferecer assim que descortinadas?

Com decisão e volúpia, puxei, então, um dos volumes, abrindo impulsiva e intempestivamente suas páginas. Ia, custasse o que custasse, desvendar os mistérios ali tão bem guardados. Ardia de curiosidade, não era dono de mim, nem queria medir as consequências de meus atos.

Foi quando se deu o espanto maior. De dentro do livro, pulou em minha direção uma menina espreitada, meio fantasiada e de cara pintada, dando sermão:

— Que atrevimento! Não aprendeu, não? Não sabe que não se mexe em coisas alheias!

Fiquei aturdido, quase nocauteado. Aquela menina, aparecendo assim, falando daquele jeito. O que estaria acontecendo? Teria eu perdido o juízo ou estaria delirando? Confesso que só não caí duro porque sempre me irritei com tom atrevido. Então, respondi, desabusado também:

— Antes de mais nada, quem é você que está mais pra boneca empoeirada que pra gente?

— Boneca empoeirada é...

Ah, não deixei terminar, não:

— Veja lá como se refere a mim!

A menina não se deu por vencida, mas, pelo menos, abaixou o tom:

— Você devia ter pedido. Custava?

— Não pedi mesmo – respondi com desdém. — Não estou fazendo nada de mal. Só queria saber...

Foi ela, agora, que não me deixou terminar:

— Saber... E você tem cara de quem quer saber de alguma coisa?

Fiquei ofendido. A colocação mexeu com meus brios:

— Toma sua linha, garota, assim não vai dar certo, não.

Ela percebeu minha indignação. Sensata e espertamente, recuou:

— É, pensando bem, acho que exagerei mesmo. No fundo, todo mundo quer conhecer, saber das coisas, não é?

Não respondi. O argumento me pareceu apelativo. Desde pequeno eu já achava que tem gente que não quer saber mesmo de nada. Que não está nem aí com aprender ou deixar de aprender. Especialmente quando se trata de coisa difícil, que exige dedicação e paciência. Mas não queria entrar em polêmica. Já tinha percebido que ela gostava de discutir e que não perderia a oportunidade de defender seus pontos de vista.

Ela não se deu por vencida e mudou a conversa de rumo:

— Sabe, sou explosiva. Não liga! Meu gênio é um pouquinho difícil. Às vezes me ajuda. Outras, me dá trabalho. Mas não fosse você, eu estaria presa na escuridão das páginas onde nasci. E justamente eu, que não suporto ficar presa, que defendo a liberdade com unhas e dentes, que adoro o sol, a vida, andar solta por aí...

Tremi ao ouvir isto. A última coisa que eu queria era aquela menina de gênio difícil andando por ali e, além do mais, falando sem parar, numa altura que, com certeza, ia atrair gente da casa. Não, de jeito nenhum isso poderia acontecer. Seria minha ruína.

Sem saber o que fazer, completamente perdido, comecei a me recriminar em pensamentos: “Bem feito! Por que foi mexer onde não devia? Por que não pensou um pouquinho antes de abrir o tal livro? Como vai fazer agora pra essa menina voltar para o lugar de onde veio?”

Nisso, uma idéia passou por minha cabeça, me deixando absolutamente apavorado: “E se esses livros forem de bruxaria e essa menina for uma feitiçeira? Minha mãezinha, o que fazer? E não é nada difícil. Afinal, por que teriam deixado só este móvel na sala vazia. Vai ver não podia ser mexido mesmo, tirado do lugar!”

Enquanto eu pensava essas coisas e ia começar a tremer, a menina não parava de falar. Repetia porque repetia que agora podia curtir o sol, passear, dançar, cantar, conversar, contar histórias. E mais, quase bradando, afirmava com ardor que nunca se conformaria em ficar mofando nas páginas de um livro que ninguém queria ler.

— Como estou agradecida, como estou agradecida, dizia-me exaltada, sem comedimentos. Você é meu libertador! Sua ousadia me fez ganhar o mundo, o universo, o cosmos!

Depois de ouvir seus arroubos uma, duas, três vezes, comecei a desconfiar que ela talvez pudesse ter razão. E do desespero passei à credulidade, até que, por fim, acabei me entusiasmando ante a possibilidade de ser um herói, um libertador. Assim, passei a prestar atenção no que ela dizia, no modo como dizia, nos seus gestos rápidos, um tanto espevitados, em sua sagacidade, verdade e graça. Se era uma bruxa, já pouco me importava. Toda ela era pura sedução e prazer. De tal forma que, ao cabo de algum tempo, para meu próprio espanto, me vi de joelhos, declarando-lhe súbita e eterna paixão:

— Adoro você, quero você, você é o grande amor de minha vida!

Apesar de tocada, ela, todavia, não se rendeu com facilidade a meus apelos sinceros, talvez por já ter vivido essa situação anteriormente:

— Vocês meninos vão logo se declarando apaixonados. Não têm cabeça, não?

— Não, não tenho!

E não queria ter! Naquela hora, só queria era estar com ela, saber quem era, como e onde vivia, o que fazia: de dia, de noite, de madrugada, quando acordava, quando passeava, quando estudava, quando namorava, quando... quando... quando... Encantado, enfeitado, lancei-lhe então uma proposta mais que ou-sada:

— E se a gente fugisse? Se fôssemos para outro lugar só nosso, onde ninguém nos achasse?

— Eu lá sou garota de fugir assim, sem mais nem menos, sem saber nada de você? Respeito, garoto!

— Mas preciso de você, ficar com você, viver com você...

— Mas se esses livros de onde venho nem são seus.

Sua atitude sensata e firme deixou-me mais apaixonado ainda e a resposta não tardou. Ao contrário, chegou tinindo, na ponta da língua:

— Peço pro seu João me emprestar. Ele vai concordar.

E concordou mesmo. A Emília foi morar em minha casa.

Por quanto tempo? Como vivemos? Bem, essa é uma outra história, que fica para uma outra vez. O que posso antecipar é que foram tempos de plenitude e transbordamento!

Edmir Perroti, professor doutor — ECA, USP

CLASSIFICADO DE BOA ÍNDOLE



(ESCOLHIDO COM A ALMA
ENCANTADA PELA BELEZA
DAS IDÉIAS ALHEIAS)

Por que alguns livros – ou textos
– mexem com a nossa cabeça?

Sinto que os livros, antes, durante e depois de saborosamente lidos, não mexem apenas com a nossa cabeça não. Mexem com tudo o que somos. Mexem com a nossa existência. Como uma sinfonia, um turbilhão, uma maratona, uma revoadada...

Nunca estamos sozinhos e nunca ficamos sendo os mesmos ao decorrer de uma leitura que se preze. Acho que é porque, quando lemos, somos simultaneamente únicos e muitos. Temos muitas vidas para viver durante um simples ato de ler. Ao mesmo tempo reais e imaginárias. Afinadas e sincronizadas. Talvez seja esse um segredo. Assim, o mundo real acaba não saindo ileso do nosso ato de ler. Ele vai se modificando paulatinamente pelo que vai sendo incorporado no olhar do seu morador que o investiga e o redescobre à luz do que vai lendo. O nosso coração se exercita nos músculos e nas emoções das personagens que acolhemos. Em tempos, espaços e situações adversos e dissonantes. Visitamos, do nosso canto doméstico, preferido ou particular, lugares e sonhos nunca imaginados... Vamos ficando cada vez mais competentes na tradução, interpretação e intervenção no que vai acontecendo ao

nosso redor. Nos sentimos mais capazes de sermos nós mesmos com os outros...

Quantas vezes, armados do nosso patrimônio de leituras, nos colocamos de frente a um problema insolúvel ou a um dilema que nos retorce por inteiro e nos envolve deliciosamente. Movidos pelo simples prazer, ficamos a imaginar, vislumbrar, absortos e lúcidos. Somos amalgamados, vivendo a vida que desabrocha das entrelinhas das páginas como sementes e a vida real que seguimos vivendo, por vezes crua, sem graça, previsível, corrida e real demais. Temos a leve presença da experiência humana aberta e bordada aos nossos olhos leitores e alinhavada num conjunto de páginas como um fruto maduro que se oferece para ser conhecido num simples naco de saboroso prazer.

Como ficaria a vida sem os livros?

Nem pensar. Tudo ficaria mofo, sem graça, sem beleza... O livro é uma espécie de academia bem aparelhada capaz de exercitar o nosso comando maior, a cabeça, e todo o maquinário natural que dentro dela está e nos faz pulsantes, singularmente concretos e sobreviventes, vibrantes. Presenteamos o cérebro com as leituras e ele vai ficando em

boa forma. Então dá de sonhar fácil, de inventar de tudo, de amar o essencial, de optar e decidir com autoria, de aprender mais, de perdoar com leveza, de lavar águas e almas, de perceber minúcias de azuis e outros tons, de comprar com outros olhos e mãos, de comparar valores implícitos, de se encantar, de olhar o quase não visto, de observar, imaginar e fazer acontecer pela leve intenção de fazer existir o desejado, de investir e investir como quem respira maneiro, de refazer, repensar, tomar partido, se expor, potencializar, estar presente... e mais uma infinita modalidade de atitudes que nos qualificam e nos identificam como humanos e inteligentes. Em suma, é uma maneira de existirmos

segredos, minúcias... Uma sensação parecida como aquela do final do conto “Felicidade Clandestina”. Chego por vezes a um determinado livro de um jeito curioso, quase infantil, inconseqüente. Deparando-me com ele, vou acariciando-o com os dedos, gostando das capas, dos sutis recados das suas orelhas, de algum detalhe inesperado que ele traz... Depois me envolvo num breve manusear solto, descompromissado e consistente. E aí sou comprado por esse livro, sem pestanejar. Como um apaixonado mesmo. Adoro e me enlevo quando isso acontece. Acabo lendo a história sim, mas também quero ler a sua arquitetura, o “modus operandi” do escritor com as palavras...



“A VIDA SEM OS LIVROS? NEM PENSAR. TUDO FICARIA MOFO, SEM GRAÇA, SEM BELEZA...”

em plenitude, escancarando nossos sentimentos mais intensos.

Cada vez que um livro, um poema, um texto mexem e remexem com a nossa cabeça, essa metáfora do humano em nós, nos tornamos gente, genuinamente pessoas. E, quando isso acontece, corremos o risco de dentro de nós mesmos abrigarmos, sem cerimônia alguma, uma doce revelação, uma leve evolução, uma silenciosa revolução. O que se parece com o desenho de uma experiência amorosa na vida da gente. Podemos ficar mais poderosos, mais desnudos e refeitos, sem darmos conta dessas potencialidades do humano em nós.

Confesso que, às vezes, me pego mais apaixonado pela autoria, pelo jeito de escrever, do que propriamente pelo livro, pelo escrito em si. Fico esticando o fim da leitura, relendo alguns pedacinhos soltos e anteriormente lidos, relidos. Volto, procurando pistas,

Se fizesse agora mesmo um instantâneo do meu movimento de leitura, eu diria que estou em meio a uma colagem de textos. Artimanhas do livro. Peguei o gosto de ler alguns simultaneamente. O diálogo, a conexão, os links entre eles vão se tecendo sem se saber, como uma teia, uma dança de sentidos, um arranjo. Uma leitura sempre ecoa noutra, como escada, tempero, vibração, contracanto, contraponto, referente. Tenho lido algumas biografias ultimamente. É um gosto desabrochado e desavergonhado pela idéia de conhecer mais intimamente pessoas especiais. Li várias. Comecei com uma e acho que nunca mais vou parar. E poesia? Sempre. Como pão e água de todos os dias. Como bálsamo, perfume, chaves... Estou aqui escrevendo e sobre a mesa de trabalho fotografo pelo rabo do olho um livro à minha frente desabrochando poemas. Abro-o, leio um verso, mais outro, e temos um instante

da vida enfeitado, evidenciado e iluminado pelas palavras. Mas não dá para ficar sem romances, contos. São deliciosos oásis do cotidiano. Viajamos para tempos e lugares inescrutáveis e inebriantes, ficamos íntimos e apaixonados por pessoas que nascem, crescem e povoam o nosso pensar, num simples suspiro ou num virar de página, sem sairmos do nosso chão, sem a máquina do tempo.

Há muitos livros que ficam na fila do nosso desejo, esperando o nosso sopro de vida. O próximo sempre serão muitos quando caímos na graça da leitura: um livro de correspondências de pessoas ímpares, outro sobre jardinagem, aquele que conta uma história inesquecível...

prar. Por vezes fisgo alguns adormecidos no armário, nas gavetas. E sempre tenho livros nas mãos, como frutos e flores por perto, espalhados pela casa. Admiro vê-los esparsos, empilhados, arrumados fazendo desenhos pelos móveis da casa, instigando desejos... Para mim são como humanos ou mais, pelas potencialidades que carregam. Acho bonito o visual deles e acho salutar manusear e estar em contato com seu papel, suas cores, imagens, sua densidade e peso, seu formato diverso, sua tessitura, seu cheiro, seu porte...

Depois de tudo isso guardo a sensação de que poderia tentar responder à pergunta-título expondo infinitas e plausíveis explicações. Mas me arriscaria a dizer sem sobressaltos

“...O LIVRO MEXE COM A NOSSA CABEÇA PORQUE DÁ SENTIDO À VIDA. NOS HUMANIZA.”



Leio como se meu olhar fosse itinerante e aventureiro, companheiro das palavras, e a minha alma fosse fotografando as imagens e os sentimentos vivos que nelas se espelham... Quando a coisa começa a funcionar como obrigação, desencanto, falta de apetite para as entrelinhas, costumo parar e pronto. Esqueço o livro pelo menos por um tempo. Pode ser que eu precise de uma calibragem na minha gana de ler ou então o livro é mal escrito ou coisa assim. Existem livros que não são tão interessantes. Não estão em sintonia com nossos momentos. Já encontrei livros que não mereciam ser livros. Outros, comprei com tanta sede ao pote e depois os abandonei sem ler. Não sei bem o porquê. A escolha é do leitor, do diálogo que entre eles se efetiva. Acontece. Fora que existem livros equivocados.

Sempre tenho livros prontos para ler. Sempre tenho uma lista interminável para com-

que, para mim, o livro mexe com a nossa cabeça porque dá sentido à vida. Nos humaniza. Faz emergir da gente o primordial e genuíno que há em nós e nos faz humanos. A inteligência, os sentimentos... O gosto pelo viver. Pelo outro, pelo convívio. Pelos mistérios que nos inundam. E sobretudo porque nos coloca diante de uma gama infinda de possibilidades de aprender, revigorar experiências, nos faz atravessar as paredes do tempo, imaginar, intuir, sonhar, fortificar as sensibilidades, mergulhar em novas águas ou nos jogar novamente em águas de outra, nos faz encantar, renovar, fugir da mesmice, do monótono, refletir, ver as coisas com outros olhos, lúcidos e lúdicos, mudar, aprimorar-se, criar e, num diapasão de alegria íntima, descobrir essas sutis engenhosidades do cérebro humano que são a maior bênção para quem está vivo!

Antonio Gil Neto, educador e escritor

QUARTA PARTE

O mediador de leitura

Onde gastaremos dois dedos de prosa ambiciosa buscando definir um perfil desejado para o mediador de leitura, querendo com isso valorizar o seu trabalho de aproximação e cumplicidade entre possíveis leitores e objetos de leitura.

... como retórico! murmurou.
— Olhai bem. Muitos com
cêssos pés, nos templos do m
causilhas da sala e da rua, os
hospemesmo pó, os lenços cheira
ar uma, as pupilas centelham de cu
nização entre o livro santo e o bigo
mpo do ardor. — a indiferença,
ão vinie esse cavalheiro põe em le
ne nácios que liberalmente esp
vooupas ou botas, ou mo
matérias necessárias

que
exe
mão

... como retórico! murmurou.
— Olhai bem. Muitos com
cêssos pés, nos templos do m
causilhas da sala e da rua, os
hospemesmo pó, os lenços cheira
ar uma, as pupilas centelham de cu
nização entre o livro santo e o bigo
mpo do ardor. — a indiferença,
ão vinie esse cavalheiro põe em le
ne nácios que liberalmente esp
vooupas ou botas, ou mo
matérias necessárias

que
exe
mão

... dos séculos
explica-te.

— Senhor, a explicação é fácil; ma
ne vos diga: recolhei primeiro esse bo
fui-lhe o melhor lugar, mandai que as
madas cítaras e alaúdes o recebam com
vinos coros...

— Sabes o que ele fêz? perguntou
os olhos cheios de doçura.

veln

... dos séculos.
explica-te.

— Senhor, a explicação é fácil; ma
ne vos diga: recolhei primeiro esse bo
fui-lhe o melhor lugar, mandai que as
madas cítaras e alaúdes o recebam com
vinos coros...

— Sabes o que ele fêz? perguntou
os olhos cheios de doçura.

veln





...ora conclui uma obra
alguns séculos, e é que
céu, são em grande número
...as, cujo manto de veludo rai
... de algodão. Ora, eu proponho-m
... essa tranja, e traze-las todas pa
... atrás delas virão as de seda pura
Velho retórico! murmurou o Senh
... quicitar bem. Muitos corpos que a
... céus nos templos do mundo, tr
... alhas da sala e da rua, os rostos
... me... os lenços cheiram aos
... as centelham de curiosida
... ro santo e o bigode do
... indiferença, ao m
... ro poe em letras
... mente espalha
... ou moedas
... as necessitas a m

O mediador de leitura

Conversas sobre sua identidade em quatro tons e meio

Edson Gabriel Garcia

Educador e escritor

I. O texto não diz tudo

Um texto nunca diz tudo. Diz um pouco de quem o escreveu, da época em que foi escrito, outro pouco de um assunto qualquer e alguma coisa sobre como foi escrito.

Um texto é uma estrutura porosa, aerada, uma teia vazada, uma parede cheia de buracos. Um texto é uma prece indigente à espera do seu outro, o leitor. Um texto propõe e espera. Abre-se e convida o leitor, oferecendo senhas, dicas, chaves e pistas em troca da construção de sentidos.

Um texto é um corpo que espera o entalhe, o corte, a cisão, a costura, a emenda. Um caminho que se oferece ao caminante. Um texto é uma estrutura de ferro, dura, firme, seca e rígida, que espera vir o ferrageiro com o fogo incandescente para dar-lhe forma e sentido.

No entanto, o texto pode ser uma doce armadilha que prende e envolve o leitor, pois as palavras são rebeldes, não querem ser dominadas, e se escondem em formulações acomodadas. E o leitor, como o escritor, envolve-se com elas, luta, ganha, perde, procura saídas, inventa resultados. O poeta Drummond anunciou-se um lutador que lutava com as palavras todos os dias, mal rompida a manhã, dando-lhes ou tirando-lhes sentidos.

**Quando texto e leitor se encontram, e a espera rebelde
impõe a ausência do diálogo e a presença é mais intensa,
eis aí o espaço do mediador.**

2. Contextos do mediador

O mediador é um animador, um sujeito que está no meio de processos dialógicos, cujas características pessoais são difíceis de serem precisadas, entre outras razões, porque o mediador se faz em meio a um contexto histórico. O contexto histórico particular de cada mediador, sua história de vida, é diferente, mas o contexto geral, social e político é o mesmo.

A sociedade mais ampla, o contexto político e social que serve de pano de fundo para o cotidiano concreto, caracteriza-se por contradições evidentes: o excesso de informações disponíveis e o baixo nível de acesso às informações; a demanda por leitores competentes e o pouco domínio de capacidades e habilidades leitoras. A sociedade contemporânea, apesar da presença avassaladora da imagem e do virtual, exige dos cidadãos um desempenho leitor cada vez mais qualificado. Diante de operações lingüísticas necessárias cada vez mais complexas e de objetos de leitura também cada vez mais complexos e diferentes, o mediador é um protagonista mais do que necessário.

Estamos a todo o momento buscando quem nos ajude a superar dificuldades, a encontrar caminhos no emaranhado de possibilidades, a refazer idéias, a costurar significados. Mais interessante é observar que o mediador muitas vezes faz o percurso junto, ele mesmo é um sujeito em processo, alguém que vai se formando leitor à medida que vai formando outros leitores. **O mediador de leitura nunca está definitivamente pronto: será sempre um vir a ser.**



Podemos dizer que nesse trânsito, nessa aprendizagem contínua, nesse diálogo ininterrupto, o mediador vai se fazendo entre “oposições tensas” da teoria e da prática, do falar e do ouvir, da paciência e da impaciência, do sonho e do real.

Entre os pólos da teoria e da prática, **o mediador deve se mover evitando o pragmatismo exagerado e redutor e a teorização inútil e distante da realidade concreta.** O mediador precisa distanciar-se do vazio existente entre o pensamento e a ação, idéias e práticas, dizer e fazer. Ocupar a sua atuação com base em apenas um dos pólos é reduzir a perspectiva de ensinamento e aprendizagem, pois todo processo é teórico e prático ao mesmo tempo.

Outra oposição tensa é entre os pólos do silêncio e da fala. O homem é o seu discurso, a sua expressão, a sua fala. A mediação se faz pela fala, pela expressão, pelo dizer, pelo argumento. No entanto, do outro lado, o mediador deve prever o espaço do silêncio, do vazio que é preenchido pela fala do outro, pela complementação do diálogo. Informação e conhecimento se fazem no espaço do poder, espaço que prevê silêncio e uso da palavra. Se quem possui o conhecimento não abre espaço para ocupação da fala do outro, o que se instaura é o poder autoritário. Muitas vezes, o mediador tem que se calar e abrir o silêncio para que um outro poder e novas palavras sejam inaugurados. O uso constante da palavra por quem tem o poder é manifestação do autoritarismo, prática que, de longe, o mediador deve descartar. Mediar é estar entre o uso da palavra e o silêncio.



A oposição tensa entre a paciência e a impaciência deve ser considerada e superada. Nenhum trabalho é feito de uma hora para outra. Há conflitos e dificuldades a serem superados. As limitações de cada um de nós, as do mediador em particular, impõem uma paciência necessária, uma espera sábia, um vir a ser, um resultado de aprendizagem. No entanto, a espera paciente não pode ser atitude de acomodação, de espera sem perspectiva, de afastamento do trabalho. As propostas de ação mediadora serão cozidas no fogo paciente da impaciência.

Um mediador viverá sempre entre o sonho, a utopia desejada e necessária, e a realidade objetiva, concreta e presente. Os pés na realidade; as asas nos sonhos. Sonhar uma utopia é o desejo de mudar uma realidade. Viver uma realidade, compreendê-la em toda sua diversidade, é a substância do sonho. A locomoção entre esses pólos de oposição dará energia ao mediador, ora banhando-se na realidade, ora buscando energias no sonho. O sonho e a utopia estão adiante, num lugar possível; a realidade está próxima. Propor sonhos é tarefa desejável e necessária do mediador.





3. Um jeito de ser

Um mediador de leitura é difícil de ser mapeado, de ter o seu perfil de atuação definido, diagnosticado, exposto, evidenciado. Sobretudo porque sempre atua em situações e contextos diferentes, porque dificilmente as ocasiões se repetem e as pessoas não são as mesmas nem mesmo diante dos mesmos textos. No entanto, tentaremos propor um traçado, um conjunto de características que podem servir como uma bússola, um referencial, um mapa a nortear os que querem formar leitores ou formar-se mediador de leitura. É evidente que o conjunto dessas características é mais do que tudo um ideal a perseguir, visto que o mediador, ele próprio, é um educador em processo constante de formação. Por outro lado, convém ressaltar que muito das características que compõem esse painel só poderá ser perseguido se o coletivo do grupo no qual está inserido o mediador e o seu trabalho também caminharem nessa direção.

Não há caminhos feitos. O caminho é feito ao caminhar. Caminhemos!

A primeira e indispensável condição de ser um mediador é que ele seja um leitor. O que é ser um leitor? Aqui, rapidamente, faremos alguns comentários, apenas suficientes para dar pistas do que é ser leitor. Um leitor é um sujeito que gosta de ler, que tem nos textos um instrumento de relação com a vida. O leitor sabe, e sente prazer nessa jornada, que os textos fazem parte



de sua vida: são substância, essência, substantivo. Sabe, e tem apreço por isso, que nos textos ele aprende, se diverte, busca instruções, novas informações, novos relacionamentos, novas visões e entendimentos de mundo. Um leitor tem no livro, no jornal, na revista, nos textos da tecnologia e da informática companheiros de vida, cúmplices da existência.

Um mediador deve ser curioso. Não aquela curiosidade ruim, negativa, bisbilhoteira. Um curioso que satisfaz sua curiosidade através da pesquisa, da procura incessante por novidades, soluções e encaminhamentos. Um pesquisador da realidade do seu contexto e dos seus leitores. Um sujeito que, embora satisfeito com o trabalho, sinta-se permanentemente aberto a novas mudanças, como uma criança que descobre o mundo a cada instante. Tudo deve chamar sua atenção.

A criticidade faz bem a todos. Mais ainda ao mediador. Não aquele espírito crítico, insatisfeito com tudo ou provido de uma falsa noção de que sabe muito e nada mais lhe interessa. Nem os outros. Ao mediador fará bem se perseguir o aprofundamento do conhecimento da realidade em que vive e atua, tanto local quanto universal. Procurar saber para além das aparências e da superfície das coisas, mesmo porque isso será de grande utilidade nas mediações que fará com seus leitores. Conhecer a aparência, mas buscar a essência das coisas, das relações, dos movimentos sociais, da política, da existência. Ser crítico não significa para o mediador ser pessimista, derrota-

ver.
be.
te.
...INOCULADO

Mediador de Leitura

Mediador, segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, é aquele que serve de intermediário, de elo. Podemos entender então que mediador de leitura é aquele que faz a intermediação, a ligação, entre o sujeito e os usos e funções da leitura na nossa sociedade.

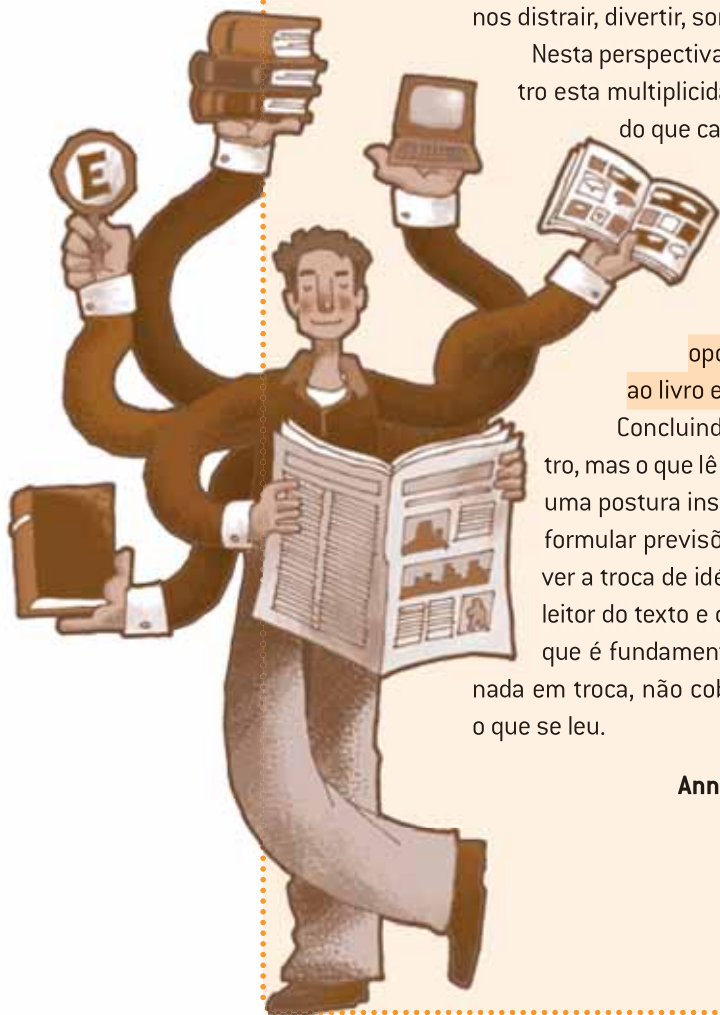
No cotidiano lemos diferentes gêneros de texto, em diferentes portadores, com diferentes objetivos: lemos notícias, manuais, poemas, romances, ficção científica, que circulam em jornais, placas de trânsito, tela do computador, revistas e livros. Lemos para nos orientar, instruir, verificar informações e também para nos distrair, divertir, sonhar, viajar para “mundos diferentes”.

Nesta perspectiva, o papel do mediador é mostrar para o outro esta multiplicidade de usos e funções, revelando o sentido que cada uma delas tem para si.

Ler envolve sem dúvida desejo e paixão, e o mediador pode e deve contagiar os outros com sua paixão pelos livros. José Mindlin, grande leitor e bibliófilo, nos ensina que devemos aproveitar qualquer oportunidade para “inocular o vírus do amor ao livro em todos os possíveis leitores”.

Concluindo, mediador não é aquele que lê para o outro, mas o que lê com o outro, assumindo ao mesmo tempo uma postura instigante e disponível. Instigante porque, ao formular previsões e perguntas sobre o texto lido, promover a troca de idéias, impressões e sensações, aproxima o leitor do texto e desperta seu desejo de ler. Disponível porque é fundamental, a idéia da gratuidade, de não se pedir nada em troca, não cobrar resumo ou respostas pontuais sobre o que se leu.

Anna Helena Altenfelder, professora universitária
e pesquisadora do Cenpec



do, descrente, travado. Pelo contrário, o espírito crítico, aliado à curiosidade permanente, é a base para a elaboração de propostas de mudanças, plataforma para a melhoria da qualidade de sua atuação e dos seus leitores. Do espírito crítico certamente deverá fazer parte um entendimento de que o ser humano é um animal político, que vive em sociedade, para a qual deverão voltar suas atuações. O mediador deverá ter consciência de sua participação na vida dos seus leitores.

A um mediador de leitura convém ser democrático e responsável. Democrático no sentido de não se achar superior aos outros, de não se entender exclusivamente o mais capacitado, de se considerar o único capaz de orientar, de mostrar caminhos, de propor alternativas. Todos temos saber e todos aprendemos com todos. Ao sujeito democrático cabe estar atento aos movimentos do seu grupo, às suas necessidades e desejos. Ouvir e ouvir. Considerar as possibilidades todas e analisá-las com seu espírito crítico e sua curiosidade. Ser democrático é trabalhoso e implica formação constante, atenção redobrada. Do espírito democrático, pelo trabalho atento, a responsabilidade certamente fará parte. É da natureza da democracia a responsabilidade, no sentido de ouvir, analisar e dar respostas. Assumir as diferenças, através do diálogo, dar-lhes guarida e propor respostas. Ser democrático não é apenas ouvir. É ouvir e incorporar, fundir idéias e propostas e comportamentos diferentes. Ao fazer isso, o mediador estará exercendo duas características necessárias ao seu ofício, necessárias e penosas, por isso muitas vezes mascaradas por falsidades ideológicas ou comportamentais.

Ser criativo não apenas é muito conveniente e interessante, como é também necessário e prazeroso. Muitas vezes, as propostas ou soluções estão próximas do mediador e um novo olhar, novo arranjo ou nova pergunta dão conta da melhor saída para a situação. Ser criativo pressupõe uma certa dose de inquietude e insatisfação. Calmo, quieto, parado e plenamente satisfeito, o mediador que se sente assim está com o trabalho findo, pouco há que fazer, a não ser gerenciar as rotinas. Ser mediador de leitura, porque os textos renovam a vida permanentemente, significa entender que nada está definitivamente pronto e acabado, que não há destino previamente traçado e que podemos fazer e refazer a nossa história, principalmente a mais próxima. Ser criativo é pensar sempre em outra possibilidade, em outro arranjo, em um novo jeito de perguntar e responder. É sonhar e imaginar e saber que tudo o que não foi feito ainda está por fazer e que um outro mundo está no horizonte de nossas possibilidades.

Embora organização não deva ser uma palavra de ordem, **ser organizado faz bem ao trabalho do mediador de leitura.** Planejar rotinas, momentos diversos, saber onde as coisas estão e por que estão, facilitar o acesso aos

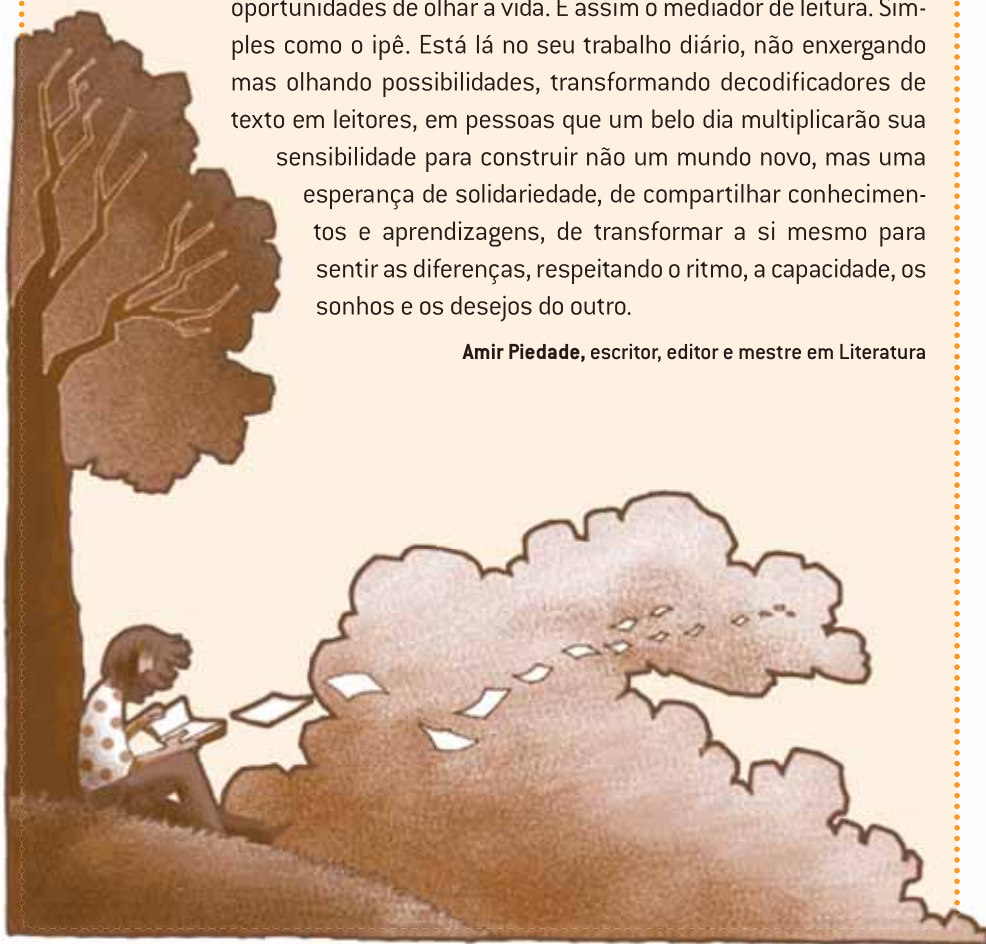
ver.
be.
te.

...AJUIZADO

Mediador de Leitura

Mediar a leitura é antes de tudo mediar sensibilidades. É fazer uso do que chamo de um sensível olhar pensante. Olhar a vida, não enxergá-la. Isto significa compreender por que os ipês florescem ainda em julho, no inverno, trazendo esperanças em suas flores amarelas. Quem já viu uma árvore de ipê sabe do que estou falando. Durante o ano fica esquecida. Suas folhas são comuns, pelo menos é isto que a maioria enxerga. Mas quem olhar o ipê verá mais que isto. Verá uma árvore que se prepara pacientemente para, num belo dia de julho, explodir num festival de flores que nos fazem pensar sobre o ciclo da vida, sobre o existir e as capacidades que todos temos para nos solidarizarmos, nos abirmos para o outro, para conhecer, para sonhar e amar, dando novas oportunidades de olhar a vida. É assim o mediador de leitura. Simples como o ipê. Está lá no seu trabalho diário, não enxergando mas olhando possibilidades, transformando decodificadores de texto em leitores, em pessoas que um belo dia multiplicarão sua sensibilidade para construir não um mundo novo, mas uma esperança de solidariedade, de compartilhar conhecimentos e aprendizagens, de transformar a si mesmo para sentir as diferenças, respeitando o ritmo, a capacidade, os sonhos e os desejos do outro.

Amir Piedade, escritor, editor e mestre em Literatura



materiais e controlar entradas e saídas são necessidades básicas do trabalho de infra-estrutura do mediador.

Ser um bom ouvinte deve ser uma das características do mediador de leitura. Ouvir é pressuposto básico do diálogo. Ouvir com atenção e interesse, com cuidado, com respeito e responsabilidade. Sem ouvir não há sabedoria, não há conhecimento, não há participação. Ouvir é uma condição essencial, principalmente em uma sociedade que trata todos como massa e oferece poucos espaços para as pessoas falarem da sua subjetividade. Saber e se propor a ouvir é de grande sabedoria. A sabedoria popular, em um dos provérbios criados pelo povo, nos ensina que somos dotados de dois ouvidos e uma só boca justamente para ouvirmos mais e falarmos menos. Ouvir para responder, para perguntar, para saber, para pensar, para participar, para encaminhar. Ouvir, enfim, para conhecer outros sentidos e outras razões da vida, além das nossas.

4. Os sentidos do fazer: as principais funções do mediador

Um mediador pode apresentar-se socialmente investido de uma função ou cargo (um orientador de leitura, orientador de trabalhos, bibliotecário, educador-mediador, etc.) ou simplesmente ocupar um espaço vazio, sem a oficialidade burocrática ou administrativa, aproximando as pessoas e estas dos objetos de leitura.

De um modo ou de outro, um mediador de leitura tem algumas funções a desempenhar, entre as quais podemos citar como mais definidas as de aproximar, seduzir, orientar, compartilhar e dialogar.

Aproximar leitores potenciais ou aprendizes da leitura dos objetos portadores de texto (livros, jornais, revistas, textos escritos disponíveis e correntes na internet) é uma das funções prioritárias do mediador, facilitando o acesso, oferecendo, convidando a conhecer e descobrir, disponibilizando.

Seduzir os leitores, aproximando-os dos textos, usando argumentos que os convençam do prazer da leitura, da beleza e riqueza dos textos. A sedução dar-se-á por palavras e idéias que deixam os leitores com potencial interesse na leitura do material citado. Não há regras exatas e prontas para o exercício da sedução, mas, decerto, falar de textos com prazer, emoção, argumentos bem definidos e sabedoria, além de um toque de charme pessoal, pode resultar positivamente. Leitores autônomos, formados e bons conhecedores do que falam, costumam encantar ouvintes por suas palavras sábias, por sua lógica de análise e pela relação de um texto com outro. Seduzidos, os leitores

querem ler o que foi citado e, se não saem loucos e alucinados atrás do objeto de leitura, pelo menos demonstram interesse em ler e procuram o que querem. Daí ser interessante dar dicas de onde encontrar o que foi citado, comentado e elogiado.

Orientar os leitores que aprendem a ler. Antes, durante e depois da leitura. Ajudá-los a conhecer os tipos de texto, sua circulação social, o contexto de produção, os significados carregados dos textos, sua relação com outros textos. Ajudá-los a definir os objetivos da leitura e encurtar o caminho, saboreando mais tempo o que querem ou precisam ler.

Compartilhar saberes, eis outra tarefa do mediador de leitura. Todos temos saberes e os saberes devem ser partilhados entre os envolvidos no processo de aprendizagem da leitura. Ao mediador cabe a tarefa de compartilhar significados, renovando velhas significações, instigando o pensamento na busca de outros significados, contrapondo diferentes visões e entendimentos.

Dialogar com leitores e textos. Fazer o diálogo acontecer entre eles.
Esta é a função básica e essencial do mediador, em meio a um clima de cumplicidade e proximidade.

A virtude está no meio?

Certamente, muitas das propostas aqui apresentadas, claramente na direção de dar pistas à caracterização de um mediador de leitura e suas principais tarefas, colocam o mediador e sua atuação no meio de um diálogo constante, atento, ouvinte, necessário, contextualizado. Seja no meio dos pólos de oposições tensas, buscando superá-las, seja no meio de uma relação entre leitores possíveis e objetos portadores de textos, buscando uma ação mais qualificada.

Aí estão informações que poderão ajudar quem estiver disposto a trilhar a formação de ser um mediador ou formar mediadores.

Alguém se habilita a verificar se a virtude está no meio? 



(ENCONTRADAS EM UMA AGENDA PESSOAL ANTIGA DE UM FILÓSOFO DESCONHECIDO)

Pensador criativo

Como pensador criativo você precisa, para começar, da matéria-prima de que são feitas as novas idéias: fatos, conceitos, conhecimento, sentimentos e tudo o mais que possa encontrar. Pode procurar tudo isso nos lugares de sempre. Contudo, é mais provável que encontre algo original se for se aventurar por trilhas menos batidas. Assim, você se torna um **explorador** em busca de materiais necessários para construir sua idéia. No percurso, vai visitar campos desconhecidos, descobrir novos padrões e levantar diversos tipos de informação.

As idéias que você juntar serão aqueles pedacinhos de vidro colorido num caleidoscópio. Eles podem até formar um desenho, mas, se quiser algo novo e diferente, vai ter que sacudi-los uma ou duas vezes. É aí que você muda de papel e libera o seu lado de **artista**. Começa a experimentar outras abordagens. Segue sua intuição. Reorganiza, vira e revira as coisas. Pergunta “e se...?”. Estabelece novas relações. Pode até quebrar as regras e criar as suas. Depois disso tudo, aparece com uma idéia nova.

Agora, você pergunta: “Essa idéia é boa mesmo? Vale a pena insistir nela? Trará o retorno que espero? Será que disponho dos meios para fazer acontecer o que pretendo?”.

Para decidir, você adota a postura do **juiz**. Enquanto avalia, pensa criticamente os prós e contras. Procura falhas na idéia e imagina se o momento é propício. Você faz a análise dos riscos, questiona pressupostos e forma um juízo. Enfim, toma sua decisão.

Depois chega a hora de pôr sua idéia em prática. Mas você sabe que o mundo não está disposto a aceitar todas as idéias novas que surgem. Ao contrário, a competição é violenta. Se pretende que sua idéia dê certo, vai ter que partir para o ataque. Aí entra o **guerreiro** e leva sua idéia para o campo de batalha. Como guerreiro, você precisará ser metade general e metade soldado. Desenhar seu plano estratégico e tratar pessoalmente de atingir o objetivo. Ter disciplina para o duro corpo-a-corpo das trincheiras e força para enfrentar obstáculos, demolidores de idéias, recuos temporários e outros contratempos. Fundamental é ter coragem de fazer o que for necessário para transformar sua idéia em realidade.

Roger Von Oech, *Um chute na rotina*. Cultura Editores Associados. São Paulo, 1994

Avulsas
Anotações

RELATOS DE PRAZERES AMBULANTES

(EM QUE OS RELATORES INDICAM
EXISTIR PRAZER NA LEITURA NO
ALTO DO MORRO E NO BURBURINHO
DE UMA ESCOLA PÚBLICA)

5. RUMO À BIBLIOTECA SOL NASCENTE

Subir a escadaria do Santa Marta, comunidade no coração da zona sul do Rio, parar para respirar, avisar à porta da Missão Batista, mais precisamente para o grupo de crianças do Reforço Escolar Pra Melhor, que estamos ali para um novo encontro na biblioteca. Ao seguir pela viela, passa-se pela Associação de Moradores, pelo Grupo Eco, por dois ou três bares que vendem balas e pastéis. No meio do caminho é comum dar a mão a uma criança e conduzi-la rumo às histórias. Já são muitos agregados aos quais a gente estende a mão nessa direção.

O mosaico colorido onde se lê “Biblioteca Sol Nascente” sempre dá as boas-vindas para quem chega. É só abrir a porta vermelha, espalhar as almofadas no chão, ver com o Gilson qual o livro planejado naquela semana e esperar.

O barulho de vozes infantis não tarda. Sapatos guardados do lado de fora anunciam o momento de aconchego e de grande excitação. Como pode? Duas sensações tão distintas andando juntas? O ritmo quem determina são as crianças. Sempre com elas e para elas. A biblioteca fica viva.



Gilson, mediador de leitura, nascido e criado no Santa, conhece todos e impõe um respeito enorme quando é chegada a hora da leitura de uma história. O elo com as crianças vem se estendendo para a leitura de livros e não passa despercebido pelas escadarias da comunidade. Os pequenos cobram sua presença na biblioteca. Leitura de histórias, criação de histórias, continuação de um capítulo de um livro, desses que fariam medo nas crianças devido ao seu tamanho, mas que ali é sorvido devagarzinho, com gostinho de quero mais... Tudo isso habita o cotidiano da Sol Nascente. A gente vai variando os livros, os assuntos, os autores, deixando que a leitura crie raízes, que vá se desvendando a cada encontro, gerando vontade e novos sentimentos nas crianças.

E pensar que cerca de três anos atrás não existia biblioteca alguma no Santa Marta. Quando subo o morro fico pensando no absurdo que é ser criança e não poder crescer tendo direito a uma formação leitora, com alguém preparado para estimular este processo, com livros bonitos e bem escritos à disposição.

Nós, do Ciespi, consideramos esta realidade coisa do passado. Lidamos com um presente feliz e delicado e um futuro a ser construído permanentemente.

Isabella Massa de Campos, educadora e coordenadora dos projetos Rede Brincar e Aprender e Bibliotecas Comunitárias – Transformando Espaços Centro Internacional de Estudos e Pesquisas Sobre a Infância-Ciespi — Rio de Janeiro (RJ)
www.ciespi.org.br

6. LER COM ARTE. QUER FAZER PARTE?

Um projeto de leitura? Mas eu trabalho com arte! Por que eu falei isso quando fiquei sabendo dos planos do Instituto C&A para 2006? Por que me pareceu que a leitura estaria longe da arte ou longe de mim? Acho que foi porque eu não participei de um projeto de leitura na minha infância e nem na minha adolescência...

Foram essas as minhas reflexões no início do trabalho. Se eu, em um primeiro momento, naquele momento em que não pensamos acadêmica ou teoricamente e nem como “educadoras”, e sim como simples pessoas que carregam dúvidas, vivências e espontaneidade, tinha essa visão estanque da leitura, eu não queria que o mesmo acontecesse com os 1.100 alunos e alunas da Escola Conselheiro Carrão.

É claro que depois de falar isso (muitas vezes eu falo e depois penso) raciocinei e me lembrei de algumas coisas que já tinha lido sobre leitura na infância, das propostas curriculares de Língua Portuguesa e literatura que ajudei a escrever de forma integrada com Arte, do tempo em que dei aula para 1ª e 2ª séries, etc., etc., etc.... Leitura está em tudo! Mas não adianta, meu primeiro impulso revelava o que eu sentia e o que muitas pessoas sentem. Então vamos fazer um projeto que mude isso, que coloque a leitura no meio de tudo, junto com tudo e, acima de tudo, no meio de muito prazer!

Foi assim que nós elaboramos o primeiro rascunho do projeto “Ler com Arte. Quer fazer parte?”. Com a idéia de LER, mas (como dizem

os alunos e alunas hoje em dia!) ler “de verdade”. Ler com vontade, ler o que se quer ler (mas vale dar uma empurradinha!), ler misturando linguagens, encontrando novas linguagens, e, junto com toda essa Arte, ler convidando outros a ler com a gente: QUER FAZER PARTE?

O projeto começou a tomar forma... Olhos curiosos, de todas as idades, todos os dias, em todos os horários: — É aqui que vai ser a nova biblioteca? Quando podemos vir na biblioteca? Podemos dar só uma olhadinha?

Só essas perguntas já eram prazerosas... Prazer em saber que todos estavam atentos, com vontade, querendo conhecer... olhares curiosos! Olhos curiosos são importantíssimos para LER COM ARTE. Estávamos no caminho certo.

Então abrimos a biblioteca. E no primeiro dia ela simplesmente encheu, lotou, transbordou de alunos e alunas, professores e professoras querendo ver tudo, mexendo em tudo, pegando livros e mais livros, encarando até os livros mais velhos e desgastados do acervo antigo como livros novos. E agora as perguntas eram: — Quando vamos poder emprestar livros? Posso levar para casa?

Mais prazer ainda! Além de ver e manusear os materiais, as pessoas queriam levar para casa, ficar mais tempo com os livros, revistas e gibis. Se querem ficar mais tempo, se querem levar para casa, querem LER! LER do seu jeito, LER no seu canto, no seu espaço.

Então chegou o grande dia, o primeiro dia de empréstimos. Nós, ansiosas, com folhas de empréstimo nas mãos. — Mas será que alguém vai preferir vir à biblioteca para emprestar livros em vez de jogar vôlei ou futebol na cancha, na hora do recreio?

Esse dia, sim, foi prazeroso demais! Prazer, susto e muito trabalho juntos. Circularam pela biblioteca cerca de 150 crianças e jovens

durante aquele recreio. Emprestamos mais de 100 livros, gibis e revistas. Vimos crianças com menos de 1,40m, que mal sabem ler, emprestando “Harry Potter 3” ou “Antologia Poética” de Carlos Drummond de Andrade. Vimos adolescentes de 18 anos emprestando, com brilho no olhar e sorriso maroto no rosto, gibis da Mônica e do Menino Maluquinho. A fila ficava imensa e nós nem tínhamos tempo de fazer nosso papel de mediadoras, conversar sobre os livros, indicar, conversar... Apenas sorriamos diante da fila e anotávamos compulsivamente os nomes, turmas e nomes de livros. Escolhiam pelas capas? Pelos nomes? Pela cor? Pelo conteúdo? Pelo que eram os livros ou pelo que imaginavam que eram?

Naquele dia, não nos interessou nada disso. O prazer foi ver todas aquelas crianças e jovens com um livro debaixo do braço. Felizes, manuseando e folheando páginas. LENDO imagens e letras, sonhos e viagens. O prazer foi ver o livro como extensão do corpo de cada um, fazendo parte de suas vidas.

Com o tempo nos organizamos melhor e passamos a entender por que os pequenos da 2ª série se encantavam com livros densos ou complexos, dos quais liam apenas algumas linhas e nos devolviam sem entender praticamente nada: era o prazer de ter um livro na mão. “Eu nunca tinha emprestado um livro... e as letras eram tão bonitas...”

Isso é ou não é PRAZER EM LER?

Isis Moura Tavares, coordenadora do projeto Colégio Estadual Conselheiro Carrão — Curitiba (PR)

CLASSIFICADO

PARA PRONTA ENTREGA



(ESCOLHIDO COM A PRECISÃO DE UM OLHAR ATENTO A TUDO)

PRIMEIROS SOCORROS

Dicas para leitores principiantes

1. Tenha sempre um livro por perto. Fortalece a alma. Um livro pode ser aberto a qualquer momento, pode dar o toque que falta, pode apresentar o verso mais bonito, pode encher o peito de coragem.

2. Não seja preconceituoso: leia tudo que cair em suas mãos. De receita de patê de fígado de galinha caipira a biografia de setecentas páginas de algum ilustre desconhecido. Com o tempo, você vai selecionando o que mais gosta de ler, o que mais precisa, o que mais o ajuda e responde a seus desejos, necessidades e lacunas.

3. Arrume tempo para ler. Tempo é uma invenção de cada um de nós, talvez a única que podemos dominar. Crie o seu tempo. Descubra-o nas orelhas dos livros, nos olhares perdidos sem horizontes, nos buracos dos queijos. Tempo, quando se quer, a gente inventa.

4. Ouça o que as outras pessoas têm a dizer sobre uma leitura. Ninguém é dono da verdade. Ninguém, de verdade. Por isso, curta o prazer de conhecer outros entendimentos sobre o mesmo texto que várias pessoas, todas diferentes, leram.

5. Acostume seus olhos à curiosidade leitora. Aproxime-se de objetos de leitura sem receios, preocupações ou timidez. Os olhos leitores não têm cerca. São saudavelmente curiosos.

6. Descubra – ou crie – um lugar só seu, gostoso e interessante, para ler. Pode ser seu quarto, um canto da sala, uma cadeira na varanda, um quintal arborizado, um parque, uma praça.

7. Leia com todos os sentidos. Um texto permite tudo. Veja. Sinta. Toque. Morda. Rasgue. Ouça. Cheire. Coma. Comer idéias raramente dá indigestão.

8. Leia aos poucos. Como pedem a sua fome e sua sede. Quando o coração estiver frio, leia versos que estiquem suas fibras. Quando o coração estiver aquecido, leia tudo.

9. Planeje-se como leitor. Faça o seu caminho. Da escolha à decisão de encerrar a leitura.

10. Desconfie dessa conversa que ler é um remédio para muitos males. Não acredite...mas, no fundo, bem lá no fundo, isso é verdade.

Elô

A feijoada da nossa amiga Amália estava mesmo uma delícia, vc não achou? Não só pela comida, é claro, mas também pelos assuntos interessantes que rolaram por lá... Pelo que senti do que rolou na festa, a maioria dos presentes falou de suas paixões...

E eu fiquei só observando como a leitura ocupa um lugar especial na história das pessoas... Ouvindo bem o que alguns contaram, percebi que tudo aquilo revigorou minha vontade de ler e conhecer novos textos... Nem sabia que existem publicações de Proust em quadrinhos, do tipo mangá... Fiquei curioso... Vc não?

Nossa amiga tem um jeito legal de juntar as pessoas... Vc sempre fala isso... Falar dos livros que lemos e que estamos lendo, das nossas experiências com eles é como falar do que é importante das nossas vidas. E isso funciona sempre e em qualquer situação...

Quando comecei a colocar na roda, entre um quitute e outro, algumas impressões sobre a Adélia Prado, vc reparou como o povo se interessou? Ainda

bem que vc sabia de cor o "Casamento". Vc é mesmo uma danada! Foi um show! Todo mundo gostou e queria mais, vc viu?

É isso. Lendo, vivendo e comentando... Com humor, com sutileza, com alegria, com "joie de vivre", não é?

E vc já terminou aquele livro que tem um título sobre cachorro, mas não é? É isso mesmo? Agora fiquei interessado em saber...

Por falar nisso, ouvi na Eldorado que na próxima quinta nossa admirável e queridíssima poeta mineira estará em pessoa na Biblioteca do Carmo, às 19 horas, declamando poemas do "Oráculos de Maio", num recital. E de quebra lança seu primeiro livro de literatura infantil. Já conferi tudo e inscrevi o nosso nome... Tudo bem?

Aguardando o tão esperado e sonoro sim.

Com beijos bons
Gil





Gil,
Ai, que delícia. Pão com poesia: tem coisa melhor?

Desse jeito, a gente vai acabar engordando – engordando a alma! Ha ha ha!

Não vou poder escrever muito, porque tô correndo para entregar notas e diários. Só não posso deixar de comentar: vc viu a eleição de José Mindlin para a ABL?

Nunca li nada escrito por ele, mas já ouvi palestras. Agora, o mais impressionante é o seguinte: ele é dono da maior biblioteca particular da América do Sul – 45 000 volumes, que ele doou à USP! Ele afirmou que sua atuação como “Imortal” será difundir a leitura e a formação de bibliotecas. É demais, hein?! Com 91 anos, e se preocupando com que mais brasileiros tenham acesso aos livros!

Tomara que ele viva muito e que outros Josés sigam esse exemplo.

Beijo

Elô

PS 1. Quero saber de Proust em HQ, sim.

PS 2. Não tem quem não adore ouvir uma história, saber da vida de um escritor, comparar vida e obra – e você é um bom contador!

PS 3. O livro eu já terminei. É muito bom!

O narrador-personagem é um autista, que encontra o cachorro da vizinha morto, é acusado de tê-lo matado e quer provar que não foi ele. Daí, dá uma de detetive, mas, como é autista, a mente dele funciona de outro jeito. Muito legal! Só lendo...

PS 4. SIM!



Conclusão

Poucas palavras que nada concluem e se abrem para outras leituras, outras leituras...



Em matéria de leitura, a conclusão é sempre provisória, remota, instável. As certezas nos remetem à continuidade do trabalho, da indagação, da pesquisa, da prosa esticada. Remetem-nos, ainda, ao universo do possível, da construção em aberto. Escolhas e opções, detalhes e apostas, olhos atentos ao tempo que chega e anuncia o futuro.

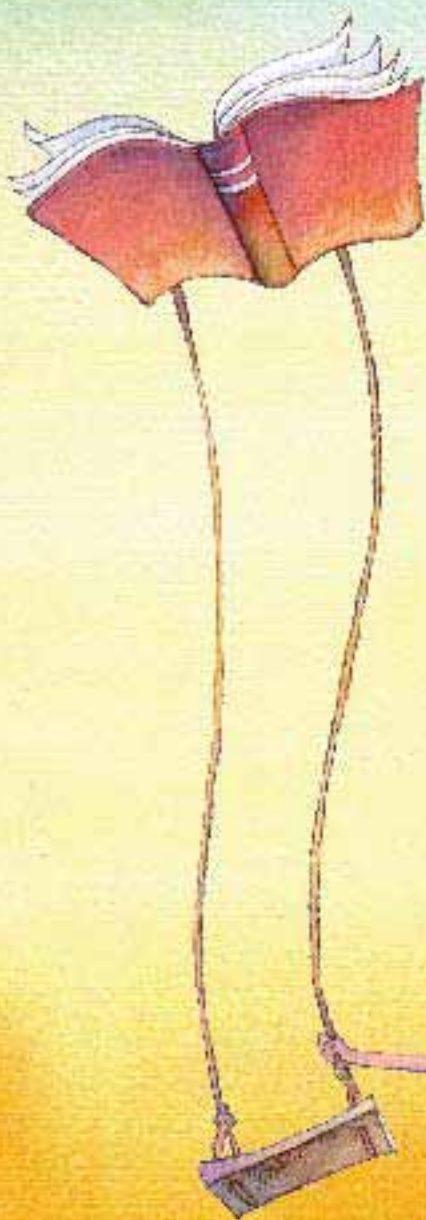
Faça do seu trabalho a ferramenta pela formação dos leitores e desenvolvimento do gosto pela leitura. Leia, faça-se você também um leitor. Leitor com ou sem adjetivos. Eleja a leitura como seu candidato preferido e dê-lhe um mandato de muito tempo, de tempo sem fim, vitalício.



Aposte na parceria. Parceiros de trocas, de dúvidas, de registros, de afeto simbólico e de prazer pela aprendizagem. Esforce-se e lance suas idéias ao mundo. Seja sujeito do seu caminho, fazendo sopa de letrinhas com as pedras no meio do caminho, visto que sem elas o prazer nos escapa.

Leia tudo o que for possível e acostume seus olhos leitores à escolha necessária e superadora. Uma leitura abre outra leitura e supera outra leitura e pede outra leitura e supera outra... uma história meio sem fim e boa de se contar, ler e escrever.





www.institutocea.org.br

www.prazeremler.org.br

